This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

**About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

N 5D6A V

# CAMILLO CASTELLO BRANCO

# OBRAS

Digitized by Google

PARCERIA A. M. PEREIRA — EDITORA

# OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

KD 39248

EDIÇÃO POPULAR das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

**200 réis em brochura e 300 réis encadernado**

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da Mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia.
74 — Esboços de apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — THEATRO: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — THEATRO: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — THEATRO: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — THEATRO: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — THEATRO: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

Digitized by Google

Aos Camillianistas recommendamos a acquisição da seguinte obra

# CAMILLO CASTELLO BRANCO

## (Typos e episodios da sua galeria)

**Apreciações e criticas das obras do immortal escriptor**

POR

**SERGIO' DE CASTRO**

3 vols. no formato e typo da nossa Collecção das Obras de Camillo — br. 1$500 rs., enc. 2$000 rs.

# COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes in-16.º de 240 a 320 paginas

## ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

**A 100 réis o volume**

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A. Daudet.
2 — Pedro e João, por Guy de Maupassant.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — O sonho, por E. Zola.
5 — Soror Philomena, por Edmond e J. Goncourt.
6 — O medico assassino, por Octavio Féré.
7 — Os milhões vergonhosos, por Heitor Malot.
8 — O amigo Fritz, por Erckman Chatrian.
9 — Vogando, por Maupassant.
10 — Um romance de mulher, por Pierre Mael.
11 — Vontade, por J. Ohnet.
12 — O Nababo, por A. Daudet.
13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Beatriz, por R. Haggard.
15 — O crime, por d'Annunzio.
16 — Lise Fleuron, por Ohnet.
17 — Os dois rivaes, por A. Lapoint.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.

19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.
21 — Forte como a morte, por Guy de Maupassant.
22 — A alma de Pedro, por J. Ohnet.
23 — Camilla, por G.-Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Magdalena Férat, por Zola.
27 — Os reis no exilio, por A. Daudet.
28 — Divida de odio, por Ohnet.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
31 — A montanha do diabo, por Eugenio Sue.
32 — A Evangelista, por Daudet.
33 — Aranha vermelha, por R. de Pont Jest.
34 e 35 — Odio antigo, por Jorge Ohnet.
36 — Parisienses!... por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Um casamento no mosteiro, por A. Assoland.
40 — Os párias, por Francisco da Rocha Martins.
41 — O abbade de Faviéres, por J. Ohnet.
42 — A agonia de uma alma, por Ossip Fchubin.
43 — Memorias de um burro, por Madame Ségur.
44 — A nihilista, por C. Mendés.
45 — O grande industrial, por Jorge Ohnet.
46 — Morta de amor, por Delpit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — O romance de um principe, por Pierre de Lano.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Contos fantasticos, por Hoffmann.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Manon Lescaut, pelo Abbade Prevost.
63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
75 — Uma ondina, por Theuriet.
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 e 83 — O Desthronado, por A Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy.

Digitized by Google

# OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

EDIÇÃO POPULAR

---

XLVII

# O JUDEU

---

VOLUME I

Digitized by Google

# VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1 — Coisas espantosas.
N.º 2 — As tres irmans.
N.º 3 — A engeitada.
N.º 4 — Doze casamentos felizes.
N.º 5 — O esqueleto.
N.º 6 — O bem e o mal.
N.º 7 — O senhor do Paço de Ninães.
N.º 8 — Anathema.
N.º 9 — A mulher fatal.
N.º 10 — Cavar em ruinas.
N.os 11 e 12 — Correspondencia epistolar
N.º 13 — Divindade de Jesus.
N.º 14 — A doida do Candal.
N.º 15 — Duas horas de leitura.
N.º 16 — Fanny.
N.os 17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
N.os 20 e 21 — Horas de paz.
N.º 22 — Agulha em palheiro.
N.º 23 — O olho de vidro.
N.º 24 — Annos de prosa.
N.º 25 — Os brilhantes do brasileiro.
N.º 26 — A bruxa do Monte-Cordova.
N.º 27 — Carlota Angela.
N.º 28 — Quatro horas innocentes.
N.º 29 — As virtudes antigas — Um poeta portuguez... rico!
N.º 30 — A filha do Doutor Negro.
N.º 31 — Estrellas propicias.
N.º 32 — A filha do regicida.
N.os 33 e 34 — O demonio do ouro.
N.º 35 — O regicida.
N.º 36 — A filha do arcediago.
N.º 37 — A neta do arcediago.
N.º 38 — Delictos da Mocidade.
N.º 39 — Onde está a felicidade?
N.º 40 — Um homem de brios.
N.º 41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
N.os 42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
N.os 45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
N.os 46 e 47 — O judeu.

Digitized by Google

*CAMILLO CASTELLO BRANCO*

# O JUDEU

## ROMANCE HISTORICO

TERCEIRA EDIÇÃO

VOLUME PRIMEIRO

1906

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
**Livraria editora e Officinas Typographica e de Encadernação**
**Movidas a electricidade**
*Rua Augusta — 44 a 54*
**LISBOA**

Digitized by Google

KD39248

HARVARD
UNIVERSITY
LIBRARY

1906

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
DA PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
*Rua Augusta, 44, 46, e 48, 1.º andar*

LISBOA

Digitized by Google

*Isto é grave, porque é atroz...*

A. Herculano — *Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal.* Prologo.

Digitized by Google

Digitized by Google

Á MEMORIA

DE

# ANTONIO JOSÉ DA SILVA

ESCRIPTOR PORTUGUEZ

ASSASSINADO
NAS FOGUEIRAS DO SANTO OFFICIO EM LISBOA,
AOS 19 DE OUTUBRO DE 1739

Digitized by Google

Digitized by Google

# O JUDEU

## PARTE PRIMEIRA

### CAPITULO I

Ha um phenomeno moral, muitas vezes repetido, e todavia inexplicavel: é a esquivança desamorosa de mãe a um filho excluido da ternura com que estremece os outros, filhos todos do mesmo abençoado amor e do mesmo pae, que ella, em todo o tempo, amára com egual vehemencia. Tristissima verdade, exemplificada como o principal dos absurdos e lamentaveis enigmas da condição humana! Mysterio é este vedado ás dilucidações philosophicas; e, por tanto, mais defeso ainda ás superficiaes averiguações d'um romancista, que, muito pela rama apenas e imperfeitamente, póde desenhar o exterior dos factos, abstendo-se de esmerilhar causas incognitas ao commum dos homens.

Exemplo d'esta aberração—se devemos chamar aberrações ás deformidades moraes que não dependem da vontade humana—era uma nobilissima fidalga, que, em

Digitized by Google

1699, residia no seu palacio da rua larga da Bemposta, em Lisboa.

Chamava-se esta dama D. Francisca Pereira Telles, e era esposa de Placido de Castanheda de Moura, contador-mór dos contos do reino, e filha do octogenario Luiz Pereira de Barros, commendador de S. João do Pinheiro, morgado da Bemposta, chamado tambem o contador-mór, por haver exercitado aquelle importante cargo, que renunciára em seu genro.

Teria quarenta e dois annos D. Francisca. Era mãe de tres galhardos rapazes. O primeiro, chamado Garcia, amava ella em extremo; o segundo, que era Jorge, desestimava com entranhado desaffecto; o terceiro, chamado Philippe, não se estremava do amor ao primeiro.

Que havia de extranho e desamavel em Jorge para excepção assim odiosa? Qualidades justamente dignas de sentimento inverso. Na infancia distinguira-se dos irmãos pela quietação e meiguice. Na mocidade avantajava-se-lhes em applicação e engenho na cultura do espirito. Já mancebo, se não era isento de culpas, seus irmãos excediam-n'o em crimes.

Porque não amava, pois, D. Francisca, de preferencia, o filho Jorge, se os outros, sobre serem ineptos, lhe estavam dando grandissimos desgostos em cada dia?

E mais triste coisa ainda: o pae compartia da indifferença, senão desaffecto, da mulher áquelle filho! A's estouvices de Jorge applicava a severa correcção do vicio; á libertinagem de Garcia e Filippe chamava «verduras da mocidade.»

Digitized by Google

Jorge, porém, tinha um amigo na familia, amigo que a Providencia lhe dera em seu avô Luiz Pereira de Barros, pae de sua mãe. Affeiçoára-se o velho á mansidão do neto infantil; vira-o crescer em seus braços com branduras ameigadoras, como se a creança previsse o futuro desamor dos paes, e estivesse de continuo a grangear a amisade do avô. Augmentava a ternura do velho á medida que o desprezo da mãe recrudescia. O menino, refugindo aos maus tratos dos paes, acolhia-se aos joelhos do ancião, que, tremulo de colera, se erguia a exprobrar as ruins entranhas da filha. Isto, em vez de melhorar a posição de Jorge, aggravava o quasi odio de D. Francisca, porque sahiam logo a conjurar contra o moço a emulação de Garcia e Filippe, emulação fundada n'um thesouro, que seu avô tinha escondido em logar ignorado, thesouro de que, diziam elles, Jorge esperava ser herdeiro.

A existencia d'um cofre recheado de moedas d'ouro antigas e pedras d'alto valor, trazidas das Indias e Brazil por paes e avós do contador-mór, não era imaginaria, nem fabulada pelo velho, em razão de se lhe irem as faculdades moraes desfalcando e deperecendo.

Passára assim o caso:

Luiz Pereira de Barros, contador-mór dos contos do reino, assistiu com outros fidalgos do paço ao jantar d'Affonso VI, no dia 23 de Novembro de 1667. Concluido o jantar, el-rei retirou-se á sua camara, e Luiz Pereira ao seu quarto.

Ao fim da tarde, entraram no paço violentamente

Digitized by Google

João da Silva, tenente general, e o marquez de Marialva, á frente d'alguns officiaes. Foram em direitura aos aposentos do rei, cujas portas fecharam por fóra com chaves que levavam.

Espertou o contador-mór ao insolito ruído que ia no paço, e correu aos quartos do rei. Um capitão de cavallos metteu-lhe uma espada á cara, e disse-lhe: «recue, se não espeta-se!»

Estacou Luiz Pereira, e ouviu o bradar do rei, que batia á porta do vestibulo com a cronha d'um bacamarte carregado com vinte e quatro balas. [1] O creado leal do monarcha atraiçoado e preso era tão affecto a Affonso V', quanto valoroso. Quiz remetter contra o vestibulo, foi ferido na face, e alli expediria a alma, se o marquez de Marialva lhe não acudisse, exclamando:

—Primo Luiz, não vertas o teu sangue inutilmente! Affonso está preso para nunca mais ser livre. Se te faz engulho o pundonor do paiz, vae-te embora, antes que o povo amotinado te leve no esquife ou nas alabardas.

De feito, Affonso VI começára n'aquelle momento a sua agonia de dezeseis annos por trevas de carceres.

Luiz Pereira de Barros saíu do paço escoltado por alguns officiaes enviados pelo Marialva, e entrou nas suas casas da Bemposta, no intento de saír do reino.

A tormenta do povo começava a rugir não longe da Bemposta. O contador-mór temeu-se de ser atacado,

[1] *Anti catastrophe*, pag. 666 do 3.º tom.

Digitized by Google

roubado e morto em sua casa. Abriu os seus contadores, e lançou n'um cofre as riquezas mais graúdas. Desceu ás lojas do palacio, e escondeu-se no desvão de uma velha cavallariça, sobraçando o cofre, e a filha, que teria então treze annos. A onda popular esbravejou á porta do palacio; mas um brado sobrelevou á grita, clamando que os amigos do infante deram escolta protectora ao contador-mór. Desandou a mole da plebe contra as casas de Henriques de Miranda, privado do rei preso; o Luiz Pereira, assim que o rumor cessou, por noite alta, saíu da escuridade das lojas, e passou algumas horas velando o repouso da filha, que já não tinha mãe.

Ao romper da manhã, acompanhado de um escudeiro muito seu privado, desceu ao jardim com o cofre, e tomou por senda arborisada até sumir-se no mais afogado de um bosque, onde, no centro de um tanque secco, estava uma tosca estatua de Neptuno. Arreou-a do socco onde assentava, e destapou um quadrado de pedra, em fórma de caixa, onde, n'outro tempo, a agua represava para d'alli repuxar á boca da estatua. Depôz n'esta caixa o cofre precioso, ajustou sobre ella a base da estatua, cobriu as juncturas com terra tirada á mão de um lameiro humido, cobriu esta camada com outra de terra secca, e retirou-se pela vereda mais furtiva.

Ao entardecer d'este dia, despediu alguns servos, e com a filha e poucos creados passou ao Alemtejo, e jornadeou toda a noite. Ao abrir da manhã, chegou a uma de suas quintas, e cuidou em fechar a ferida da face.

Digitized by Google

Aqui se deteve quatro annos, sem curar de saber se os cargos e regalias lhe tinham sido tirados pelo infante, governador do reino; até que, um dia, o marquez de Marialva lhe mandou perguntar se vinha exercer as funcções de contador-mór, no qual encargo fôra provisoriamente nomeada pessoa, que não convinha ao serviço, nem, convindo, seria effectiva n'elle, emquanto o primo Luiz Pereira de Barros não se exonerasse.

Era tempo de casar Francisca. Placido de Castanheda de Moura, alcaide-mór de Basto, commendador de S. Salvador de Sarrazes, e S. Payo de Oliveira de Frades, a tinha pedido. O contador cedeu-lhe a filha, e o cargo, mediante o consenso do infante. Voltou a familia para Lisboa, e para o palacio da Bemposta; mas o thesouro não foi exhumado do seu esconderijo, nem Luiz Pereira declarou á filha ou genro onde elle estava.

—Não tendes precisão do dinheiro nem das pedras, que lá estão—dizia elle.—De um momento para outro, espero rebelliões e tumultos, porque o pobre Affonso VI tem amigos, e a divina Providencia não póde ver impassivelmente a perversidade com que lhe roubaram o throno, a mulher e a liberdade. Quando romperem os tumultos, romperão as joldas de salteadores, e então nos será precioso. Deixa'-lo estar, que o não roem as toupeiras. Quando eu vir o céo sereno, e a paz consolidada, então irei busca'-lo. E, se eu morrer de repente, já sabeis que trago n'este dedo um annel, em cujo interior do aro encontrareis decifrado o enigma, sem recorrerdes ao livrinho de S. Cypriano, nem ás revelações das

Digitized by Google

mouras encantadas ou desencantadas nos orvalhos de S. João.

A cubiça de D. Francisca e do marido, e os ardentes desejos de Garcia e Filippe, grandes dissipadores, respeitavam o segredo do ancião, e não ousavam esquadrinhar nos pardieiros e subterraneos da parte velha do palacio a lura do cubiçado thesouro.

Eis a razão dos ciumes da mãe e irmãos, quando viam Jorge mais querido do avô, e mais recolhido com elle em secretas conversações.

Desde certo tempo, Luiz Pereira, como desconfiando talvez que os perdularios sobrinhos se atrevessem, estando elle adormecido, a tirar-lhe o annel do dedo, quiz, sem motivar o acto, que Jorge dormisse no quarto d'elle. Esta innovação mais assanhou a mãe; todavia, o prudente marido observou-lhe que se houvesse de modo que não azedasse a ira do pae, sob pena e risco de alguma hora o velho dar o segredo, o cofre e rica independencia a Jorge.

Anciosamente espiava D. Francisca modos de contraminar o affecto do velho.

Deparou-se-lhe um, que a Providencia dos innocentes lhe inutilisou.

---

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO II

Estava em casa d'estes fidalgos uma creada de vinte annos d'edade, bella orphã de pae e mãe, que ambos tinham sido queimados, como judeus, no auto da fé de 1685. O compassivo Luiz Pereira tirára das presas da miseria aquella menina de cinco para seis annos, e deu-lhe, no baptismo, nome de Maria, para lhe tirar da memoria o nome Sára; e assim, com o tempo, a lavar de toda a suspeita de hebraismo. A triste creança recordava-se dos mimos de sua casa e carinhos dos paes, um anno depois que fora arrancada aos peitos estreitados d'ambos. Depois, nunca mais os vira; e, sómente aos dez annos, soubera o horrendo supplicio que soffreram. Julgava-os presos, desterrados, mas não pulverisados a fogo, e confundidas suas cinzas no lodo do *campo da lã.* [1]

Aos dez annos, Sára ainda se lembrava do rosto de sua mãe. Quando queria, a pedido de seus amos, com-

---

[1] Assim chamado por ser alli o estendal da lã.



Digitized by Google

para'-la, dizia: «quando me olho ao espelho, cuido que a vejo a ella.»

Ora, Sára ou Maria muitas vezes ouviu D. Francisca exclamar ao contempla'-la:

—Muito linda és, menina! Se tua mãe assim foi, que pena ser ella judia! Que bella creatura comeu o fogo!... Oxalá, ao menos, que ella se convertesse á ultima hora! Assim, póde ser que as tuas rezas lhe alliviem as penas do purgatorio.

—E ella ha de estar ainda penando no purgatorio?! —perguntava Maria aos quinze annos, com mais juizo que innocencia.

—Pois então! se ella não conhecia o verdadeiro Deus!—emendava D. Francisca.

—Se o não conhecia, para castigo bastou o queimarem-n'a n'este mundo. No outro mundo conhece ella o verdadeiro Deus, e adora-o, como de certo havia d'adora'-lo cá, se o conhecesse. O castigo do fogo, na outra vida já não lhe aproveita lá... parece-me.

—Estás a dizer heresias, rapariga!—acudiu D. Francisca com severidade pia.—Acho que ainda não entendeste bem o teu catecismo... Ferve-te o mau sangue nas veias...

Maria não replicava: ia ler o seu catecismo; e pedia ao verdadeiro Deus lhe permittisse que sua mãe e pae vissem as lagrimas d'ella, e a levassem para si.

Dois filhos do fidalgo tratavam-na com liberdade de amos pouco escrupulosos com respeito á pureza e á dependencia; Jorge, porém, da mesma edade d'ella, e seu

Digitized by Google

companheiro de infancia, ao tocar nos quinze annos, mudou a facilidade ou o trato e confiança em ceremoniosa seriedade—mudança que Maria muito magoada estranhou. A compostura grave de Jorge e a estranheza contristada de Sára, exprimiam o alvorecer de dois sentimentos alumiados por estrella de má sina.

Amavam-se, e tão desde o intimo á flôr da alma, que um dia, ao perpassarem um pelo outro n'um corredor solitario do palacio, quedaram, fitaram-se, e um nos olhos do outro se viram espelhados nas lagrimas.

—Tu choras, Sára!—disse elle.

—Não, sr. Jorge... Estou alegre... Cuidei que me aborrecia... Gosto de o ouvir chamar-me *Sára:* pensava eu que v. s.ª me desestimava por que era esse o meu nome, antes de me chamar Maria.

—Para mim, volveu elle, serás sempre Sára. Mais te amo, quanto mais odiada te vejo do mundo.

—Mais me ama!...—exclamou ella.

—Sim...

—Oh meu Deus!...—clamou ella pondo as mãos supplicantes.

—Mais te amo, sim... Não vês que tambem eu sou perseguido?! No peito de meu avô é que eu tenho coração de pae, mãe e irmãos. Toda a minha familia me detesta. Que mal faço eu?...

—Isso pergunto eu a Deus, sr. Jorge!...—balbuciou ella.

—Não temos nem pae nem mãe, Sára!—tornou o moço.—Os teus eram israelitas, e amavam-te muito:

Digitized by Google

mas mataram-t'os: os meus são christãos, abominam-me, e dizem que os judeus morrem como devem morrer. Que hei de eu pensar d'estas tristezas do mundo? O scismar e lêr faz-me um grande mal ao espirito...

N'isto, reteve-se, e disse em sobresalto:

—Vae, vae, Sára: ouço as passadas de minha mãe...

E fugiram, cada um por sua porta lateral do corredor.

Depois d'este encontro, repetiram-se uns curtos colloquios ageitados pelo acaso ou furtivamente diligenciados, bem que as expressões trocadas fossem tão desmaliciosas e honestas que podiam ser ouvidas por toda a gente, exceptuados os familiares do santo officio. Maria encontrára no coração de Jorge piedade com os infelizes hebreus; gostava de ouvi'-lo carpir a sorte dos que gemiam avexados sob a vigilancia dos hypocritas, até que a crueza e ferocidade lhes alumiava com o cirio amarello e com as labaredas o caminho do purgatorio ou do irremissivel inferno.

Quatro annos de melhorada vida e parca satisfação correram entre as duas almas, que se amavam e acoutavam de todos para se falarem, excepto do velho Luiz de Barros que não tinha no seio peçonha que vertesse nos singelos galanteios de seu neto e da mocinha, salva por ella da fome, da prostituição, e Deus sabe se da fogueira.

E, entretanto, no animo de D. Francisca entrára a suspeita, encarecida pelo desejo que ella tinha de leva'-la á prova. Foi grande parte n'isto o desdem e alti-

Digitized by Google

veza com que a judia repulsava as liberdades brutaes de Garcia e os deshonestos impetos de Filippe, chegando a accusa'-los á mãe.

—E o sr. Jorge não te incommoda?—replicou a fidalga com desabrimento.

—O sr. Jorge?...—disse Maria, córando.

—Ah! córas?...—acudiu a matreira victoriosa—então sempre é certo!...

—Certo o que, senhora?—tartamudeou Maria.

—Não gaguejes, impostora! Eu já o desconfiava... Ora cautela, cautela, que eu sou tão boa como má, quando os ingratos me voltam do envez!

Maria, sem accordo de sua situação para rebater as suspeitas, confirmou-as com a mudez. Sahiu da presença da fidalga, chorando. Terrivel confissão aquella, cujo effeito, ainda o mais desastroso, segundo a logica da humana maldade, ninguem podia prever.

Assim que o lanço se occasionou, a judia referiu a Jorge o acontecido: o moço tremeu, occultou os seus pavores, e foi desafogar-se com o avô, sem comtudo, menos respeitoso, lhe confessar quanto amava Sára. A grande e terrivel afflicção de Jorge era o medo de ve'-la ainda nas garras da suprema inquisição.

Consolou-o o avô, desvanecendo-lhe preoccupações horriveis sobre o futuro procedimento de sua mãe. Dizia-lhe o velho:

—Pois não vês que tua mãe é minha filha? Seria capaz ella da fereza que a tua imaginação concebeu? E' verdade que eu me espanto dos sentimentos descaroa-

Digitized by Google

dos d'esta filha que eduquei religiosamente, sem biccos nem visagens piedosas; mas sim com o mais depurado espirito das sãs virtudes antigas. Assim a tive até casar, assim a entreguei a teu pae, que se me figurou mancebo de bom e forte caracter, e creio que o é, salvo na fraqueza com que applaude todas as vontades da mulher. Isto está mau; mas, meu filho, não posso eu já melhora'-lo. Comigo ninguem já conta senão para me beijarem a cadaverica mão quando me tirarem este annel!—disse o ancião entre riso e prantos.—No entanto, Jorge, a respeito d'esta rapariga, aconselho-te que não a inquietes, primeiro porque é nossa serva, segundo porque é uma pobre, sem parentes em Portugal, sem ninguem. Se tua mãe a expulsa de casa, que fará? perde-se; e, se tu a tomares a teu encargo, perdida está. Entretem-te com os teus livros; mas lê pouco do Montaigne e Brantôme. Fiz mal em dar-t'os. Discutes de mais: tendes ás duvidas luteranas. Bem sei o que é. Principias a odiar a inquisição: tambem eu, ha muito, a odeio; todavia, resigno-me com a época, porque ninguem póde pôr peito de encontro ás idéas do seu tempo. Tu, ou os teus filhos vereis a revolução dos espiritos e costumes. A Allemanha cá virá, como foi á França, e as demasias da religião hade cauterisa-l'as o ferro do soldado, assim como o fogo do frade queima hoje em dia os rebeldes á soberania dos pontifices.

Do discurso do velho facilmente inferimos que elle tinha lido Montaigne, e adivinhado Voltaire, que n'aquelle tempo teria quatro annos. E, todavia, religioso e

Digitized by Google

santo ancião era aquelle! Se podesse viver mais cincoenta annos, acceitaria cordialmente as reformas do conde de Oeiras; mas, como justo e humano, odiaria o despota, o coração duro, que não soube colher fructos sem regar a arvore com muito sangue inutil.

Ficara o velho, sentado e curvado na sua poltrona, rodando entre os escarnados dedos a sua caixa de tabaco de Hespanha, e scismando nos embaraços de coração em que via enleado o seu querido neto, quando D. Francisca se abeirou d'elle, acariciando-lhe as farripas de alvissimo cabello, que lhe cahiam nas espaduas.

—Jantou muito pouco, meu pae!—disse ella.

—E' verdade, filha: vae-se-me o appetite; a vida quer ir-se...

—Não scisme n'isso...

—Não scismava, não. Quem já adivinha e contempla a aurora do dia grande, não volta os olhos para a noite do dia passado...

—Já cá esteve o Jorge, depois de jantar?—perguntou ella, cahindo de chofre no ponto.

—Sahiu agora d'aqui.

Deteve-se D. Francisca sem saber como principiar. O pae relanceou-lhe os olhos penetrativos, e abaixou a fronte, continuando a rodar a caixa d'ouro entre os dedos.

—Receio, disse ella, que o Jorge nos prepare desgostos grandes.

—Como assim?—perguntou serenamente o velho. —Então que ha de novo?

Digitized by Google

—Uma acção indigna d'um neto de Luiz Pereira de Barros.

—Olá!... então é cousa de maior!... Conta-me lá isso com animo desapaixonado, filha.

—O pae está assim com uns ares de gracejo!...

—São ares de velho, que tem visto muito mundo, e muita fraqueza. São oitenta e quatro annos vividos em épocas muito desgraçadas e revoltas. Ora diz lá, que eu te escuto muito serio.

—Eu lhe conto, meu pae: Jorge, se já não é amante da judia, procura se'-lo—disse com azedume ficticio D. Francisca, e esperou a indignação do pae, que se ficou impassivel. O silencio de ambos ia-se deslongando, quando o velho disse:

—Provas.

—As provas é andarem elles conversando a occultas, e Maria córar quando eu a interroguei.

—Se ella não córasse, provava melhor as tuas suspeitas... Não te parece?!

—Córou de medo—acudiu D. Francisca.

—Não córou de medo—contradisse o velho.

—Então de que foi? de vergonha?

—Não podia envergonhar-se de amar um teu filho. Seria o sangue do coração, que lhe subiu ao rosto a pedir-te misericordia.

—E hei de eu te'-la?

—Porque não, se Jesus Christo a teve com mulheres criminosas!?... Maria é uma d'aquellas a quem Jesus diria: «Vae em paz, que não peccaste.»

Digitized by Google

—Ora essa!... O pae tem coisas!...—replicou sorrindo contrafeita.—E diria Jesus Christo isso mesmo á judia!...

—Isso é ignorancia, filha. Jesus Christo nasceu entre judeus, e sobre judeus derramou os thesouros da sua misericordia, e aos judeus perdoou o deicidio quando se foi ao seio de Abrahão.

—Parece-me que o pae não faz bem em dizer semelhantes cousas a Jorge!...

—Não me reprehendas, filha, que eu tenho oitenta e quatro annos.

—Eu não o reprehendo—volveu Francisca brandamente—mas v. s.ª bem sabe o que são rapazes que leem os livros dos herejes.

—Vamos ao ponto, Francisca, e deixa lá os livros dos herejes... Então que queres tu?

—Que o pae reprehenda meu filho, já que elle não me respeita.

—Calumnia. Teu filho respeita-te; e se te não ama a culpa é tua. Não revivamos a questão do teu desamor a este filho. Pejo-me de entrar n'ella. Basta dizer-se que não tens nem tenho por que censurar Jorge. Aconselha'-lo sim: já o aconselhei.

—E entende o pae que não devo dar mais passo algum.

—Entendo.

—E, quando a desgraça fôr irremediavel?

—E quando o céo cahir sobre nossas cabeças? Os actos mais innocentes do homem podem encaminha'-lo

Digitized by Google

á desgraça. Não vejas o pessimo, quando nem se quer te assustam apparencias do mau.

— De maneira — retorquiu a filha irritada — de maneira que devo coutinuar a ter em casa a judia!...

—Deves, em consideração á innocencia d'ella, e á minha vontade, porque fui eu que a fui buscar a casa do pobre atafoneiro que a recolheu.

—E Jorge póde fazer o que quizer!...

—Não: ha de fazer o que fôr justo, e o que as circumstrancias lhe disserem que é o melhor.

D. Francisca, rubra de despeito e colera, exclamou:

—O pae perde-me aquelle rapaz! O seu apoio é que lhe dá uma sobranceria orgulhosa n'esta casa!

—Vai-te, que me estás incommodando—concluiu pacificamente o ancião.

Saíu D. Francisca, e foi contar ao marido a conversação com o pae.

Placido de Moura, obtemperando aos phrenesis da esposa, disse-lhe:

—Teu pae está louco: é a decrepitude. Não faças caso d'elle, e executa o que te parecer acertado.

—Dizes bem—acudiu ella—mas o annel?

—O annel que tem? Elle não o levará para a sepultura... Nós teremos cuidado.

—E se Jorge lh'o apanha?...

—Deixa-te d'isso. O velho ha de morrer insensivelmente sem cuidar que morre. Não o desampares tu, assim que o vires mais enfraquecido. Eu vou tratar de

Digitized by Google

obter um governo no ultramar para Jorge. O caso é desvia'-lo d'aqui.

—Um governo! e logo um governo! interrompeu a esposa.—E Garcia? e Filippe? que carreira principiam?

—Não querem saír de Lisboa. As mulheres, as freiras de Odivellas, as de Chellas, as commendadeiras, em fim, as funçanatas da côrte não os deixam cuidar de vida. Deixa'-los, que estão novos, e teem futuro independente. A nossa casa está grande, e o thesouro de teu pae, segundo o que lhe ouvi, quando elle calculou os cabedaes que teu avô trouxe da India, e a herança de teu tio, que morreu em Alcacer-Kibir, deve orçar por cento e cincoenta mil cruzados em dinheiro e pedras.

—Pois então—condescendeu D. Francisca—não te descuides: deixa'-lo ir para o ultramar, e depressa antes que elle pratique alguma indignidade. Mas o peor é se o pae nos embarga a ida de Jorge...

—Qual? eu encarrego-me de convence'-lo.

Este dialogo fôra escutado involuntariamente por Sára. Estava ella n'uma alcôva rissando e annelando a cabelleira de sua ama, quando os dois esposos entraram á sala contigua. Susteve-se, indecisa se saíria; mas, desde as primeiras palavras, ficou estupefacta e como chumbada ao pavimento, e sem respiro.

Azado o ensejo, disse pelo alto a Jorge quanto ouvira. O moço deu-se pressa em avisar o avô. Sorriu-se o velho da anciedade do neto, e disse-lhe:

—Este annel tem feitiço: elle te salvará, rapaz. Em

Digitized by Google

quanto a Maria, se ella fôr despedida, nós a salvaremos. E's tu homem de bem?

—Peça-me provas, meu avô!—acudiu o moço.

—Olha para essa infeliz menina como eu olho. Quando a tentação te dobrar, ergue-te e diz: «Meu avô quer que eu seja homem de bem!»

---

Digitized by Google

## CAPITULO III

Placido de Castanheda de Moura, volvidos alguns dias, disse ao sogro:

—Trato de arranjar posição a Jorge: é preciso tira'-lo d'esta vida de estudante, que não vae dar a coisa nenhuma.

—Pensas erradamente, Placido: a vida de estudante vae dar á sabedoria, que é tudo.

—Mas não é profissão lucrativa, queria eu dizer. Lembro-me de lhe arranjar um governo dos subalternos na India ou no Brazil.

—Bom começo de vida é; mas seria bom que principiasses pelo mais velho, observou Luiz de Barros intencionalmente.

—Esse tem o morgadio... acudiu o genro.

—Que póde desbaratar, ajuntou o ancião, se o deixares na liberdade, no ocio e dissipação em que vive.

—E' rapaz: nós não fomos melhores, meu pae...

—O que tu foste, mal o sei; eu de mim, comecei a ser homem de bem desde os quinze annos... Lembra-

Digitized by Google

va-me que requeresses o governo para Filippe, que não tem morgadio.

—Filippe tem intelligencia muito curta.

—Então já te parece que o estudar serve de alguma coisa... Vens dar-me parte da tua resolução, a respeito de Jorge, ou pedes o meu parecer?

—Desejava ouvi'-lo...

—Deixa estar o rapaz em casa: é-me necessario, criei-o eu n'estes braços, quero-lhe muito. Isto não é parecer, é supplica.

—Cumpra-se a vontade do pae; porém, Francisca vive desgostosa por certos amorinhos de Jorge com a judia...

—Sempre a judia! atalhou, sorrindo tristemente, o ancião. D'antes, chamava-se Maria a desventurada creatura; de ha tempos para cá, sempre que falam d'ella, chamam-lhe, em tom de desprezo, *a judia!*... A tal respeito, já eu disse a Francisca bastante e de mais. Ella que t'o refira, se ainda o ignoras. Tu e tua mulher sois maus!—bradou de repente o ancião, erguendo-se convulsamente sobre os encostos da poltrona.—Sois maus, sois feras para este filho, que é um bom rapaz, e para aquella mocinha, que é uma desgraçada! Andai! andai! apertai bem a corôa de espinhos sobre as cãs de quem vos deu tudo, e reservou para si o amor do neto, que lhe quereis roubar!

—O pae é injusto! exclamou o corrido genro. Não consente que Jorge dê contas de suas acções a quem lhe deu o ser?!...

Digitized by Google

—Consinto e quero; mas reservo para mim o direito de vos pedir contas a vós, e Deus m'as pedirá a mim. Deixae-me na paz que os meus annos e os meus trabalhos carecem.

O velho escondeu o rosto entre as mãos, e Placido de Castanheda foi relatar á esposa a irritação do pae.

—Está decidido! exclamou ella. Jorge põe-nos o pé na garganta! e d'aqui a pouco a judia fará o mesmo...

E soltou uma gargalhada, articulando entre os impulsos do maldoso riso:

—Havia de ter graça!... Não!... d'ella eu me vingarei!... Eu sou filha de D. Maria Telles, proseguiu ella com disparatada colera. Tenho sangue da rainha que fez enforcar a gentalha em frente do paço d'apar S. Martinho. Sou Telles, e basta!

—Não te afflijas! acudiu Placido. Não é para tanto o caso, menina... Se alguem te offendesse, filho ou criada, bastaria a mão de teu marido, ou as correias dos teus lacaios para te vingarem!

Ao mesmo tempo, Luiz Pereira mandava sentar Jorge á sua escrivaninha, e dizia-lhe:

—Escreve o que eu vou ditar. Olha que vaes dar-me prova de homem de bem. Escreve.

E ditou:

«Eminentissimo e muito reverendo cardeal, arcebispo, «primo e senhor meu: O moço que vos leva esta é «vosso parente, e meu neto, Jorge de Castanheda de «Barros. Dai-lhe a vossa benção, e consenti que vos

Digitized by Google

«elle beije os pés. Depois fazei-me a mim mercê, como «a primo, e amigo vosso desde que vos beijei, quando «eu tinha quinze annos, aos peitos de vossa mãe, a sr.ª «condessa D. Leonor de Mendonça, minha muito pre«sada prima e senhora; mercê, digo, me fareis de man«dardes escrever, e rubriqueis ordem ou aviso para que «no convento da Madre de Deus seja recebida como «secular, a expensas minhas, uma donzella familiar «d'esta vossa casa, que houve nome baptismal de Ma«ria Luiza de Jesus, e antes fôra Sára de Carvalho, «filha de hebreus que morreram no fogo. Deus vos «guarde annos dilatados, primo, prelado, cardeal, e «senhor meu.

«Casa, 2 de novembro de 1699.

«Vosso servo e primo

«*Luiz Pereira de Barros.*»

Jorge escrevia com os olhos turvos de lagrimas. O avô, atravez da luneta longo tempo fita, divisou os olhos marejados do neto, e disse:

—Essas lagrimas não envergonham, filho; e a obediente coragem com que escreveste, sem levar mão do papel, é a tua meritoria façanha de homem de bem. Ora vai. Os lacaios que tirem fóra o meu coche. Irás como teu avô costumava ir ao paço dos principes da igreja, quando elles não eram inquisidores...

O cardeal D. Luiz de Sousa acolheu muito benigno

Digitized by Google

o seu parente, cruzou-lhe muitas bençãos, e mandou que sem demora lhe entregassem o aviso solicitado.

Posto em presença do avô o consternado Jorge, com ordem do arcebispo, chamou Luiz de Barros o seu velho escudeiro Antonio Soliz, e ordenou-lhe que pedisse á sr.ª D. Francisca o favor de vir áquella sala.

E a Jorge disse:

—Vai, e espera que eu te chame.

Entrou a fidalga.

—Chamei-te, minha filha, disse o velho, para te avisar de que Maria vae recolher-se ao convento da Madre de Deus. Assim acabam teus dissabores e receios.

—Então vae para criada d'alguma freira?, perguntou ella em tom de menoscabo.

—Não vae para criada de freira. Vae como secular.

—Quem a sustenta?!

—Eu.

—O pae?!...

—Sim, filha.

—Póde fazer o que quizer... tornou com má sombra.

—Agradecido á condescendencia, redarguiu Luiz de Barros, sorrindo. Tenho de mais a pedir-te que dispenses uma de tuas criadas para ir com ella até ao convento.

—Pois sim...

—E com as duas irá o Jorge.

—Meu filho?! Não sei que me parece um meu filho a acompanhar criadas.

—Assim como teu pae foi ao cardenho do atafoneiro



Digitized by Google

buscar Sára, a filha dos judeus queimados, do mesmo modo póde sem desaire ir teu filho acompanhar ao convento Maria, a christã.

—Bem... Faça-se em tudo a vontade de v. s.ª.

—Agradecido, filha. Dá ordem para que Maria venha falar-me.

D. Francisca transmittiu á serva o recado por uma escrava. Maria, tremula e lagrimosa, entrou á antecamara do fidalgo. Já a triste nova da clausura lhe tinha soado por intermedio de Jorge.

—Vem cá, menina, disse elle. Salvei-te do infortunio da orphandade ha quinze annos: não pude remediar todas as dores que perseguem a filha sem pae nem mãe; fiz, porém, o que pude. Entraste n'esta casa como criada, e vaes saír como senhora. No convento da Madre de Deus tens uma cella e uma pensão abundante, e na prioreza d'esta casa acharás uma amiga. Vae com Deus e prepara-te.

Jorge, novamente chamado, escreveu, conforme os dizeres do avô, uma carta á sua parenta Soror Leonarda, prioreza da Madre de Deus. Ao fim da tarde, Maria foi, lavada em lagrimas, despedir-se de D. Francisca. A fidalga voltou-lhe as costas, dizendo:

—Quem havia de suppôr que esta raça maldita viria perturbar o socego da minha casa!?... Nós faremos contas...

Repellida tão desabridamente, foi despedir-se de Placido de Castanheda de Moura, que restringiu o seu menos-preço ás palavras: «Passe bem».

Digitized by Google

Filippe e Garcia andavam no picadeiro amestrando cavallos, e dispensaram as despedidas da criada.

Luiz de Barros não poude evitar que Maria, ajoelhada, lhe beijasse os pés. Apertou-a ao seio, e disse-lhe:

—Sê virtuosa para nos encontrarmos no céo; que, na terra, não nos veremos mais.

Jorge esperava, no pateo, Maria e a criada que lhe era companhia. Por ordem do velho, entraram no coche, carruagem sua especial d'elle. A' portaria d'aquelle triste mosteiro, Jorge proferiu as primeiras palavras na presença da criada particular de sua mão. Foram estas:

—Maria, não desanime. Temos vinte annos.

—Até ao dia de juizo? disse ella arquejante.

—Animo! murmurou elle apertando-lhe a mão.

D. Francisca, informada d'este breve e afflictivo dialogo, exclamou:

—Eu vos tomo á minha conta, canalhas!... Que vergonha!... Um neto de Maria Telles!... um filho de Francisca Pereira Telles apertar a mão da criada de sua mãe... da judia!...

---

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO IV

Redobraram os maus tratos de D. Francisca ao filho Jorge

Placido, divertido nos seus importantes encargos, lavava as mãos da responsabilidade d'aquella flagellação. O moço, vencida a paciencia pelos sorrisos dos irmãos e allusões chocarreiras e pungentes da mãe, já fugia de se ajuntar á familia nas horas de repasto. Para não exacerbar os padecimentos do avô, occultava-lhe a perseguição; mas o velho sabia tudo da lealdade do seu escudeiro. Já Luiz de Barros premeditava retirar-se para o Alemtejo com seu neto; mas a consumpção de espiritos e forças era já tamanha e tão rapida, que o ancião receava finar-se no caminho.

Quando a filha desconfiou do proposito do pae, inflammou-se de ira contra Jorge. O fatal annel tomava-lhe no pescoço as proporções d'um cadeado estrangulador. A raiva luctava n'ella com os calculos; mas o genio irascivel subjugava todos os protestos astuciosos. Raivando em assomos de odio, gritava D. Francisca

Digitized by Google

Telles que daria de bom grado o thesouro por satisfazer a sua vingança!

Soube ella que Jorge, de dias a dias, se demorava no locutorio do convento, e que o escudeiro de seu pae entregára á prioreza da Madre de Deus quantia de dinheiro consideravel.

A exasperação devorava-a. Não teve mão de si que não arguisse, em rosto d'elle, seu pae de tresloucado pela idade. O velho pôz as mãos voltado para o seu sanctuario, e murmurou a phrase d'um santo: *Amplius, amplius, Domine:* «mais, mais, Senhor!»

Ninguem ousava contraria'-la. O marido tremia d'ella. Os filhos davam nenhum valor aos seus desgostos e accessos furiosos.

Um dia, D. Francisca mandou tirar a sua sege, e deu ordens secretas ao lacaio. Parou á porta de D. Verissimo de Lencastre, inquisidor geral, e seu parente. Entrou, deteve-se largo espaço, e sahiu com o rosto afogueado de feroz alegria. Quando entrou em casa, bateu rijo o pé no pavimento, e disse á sua aia:

—Eu descendo de Leonor Telles! sou Telles, não sou Barros!

Ao outro dia, o padre capellão do mosteiro da Madre de Deus entregava ao escudeiro de Luiz de Barros uma carta da prioreza. Leu-a o velho, e exclamou:

—Minha filha é perversa! Vai tu chamar Jorge.

A afflicção dera-lhe forças para levantar-se de golpe da sua poltrona de entrevado.

—Jorge! clamou elle convulsivo, está em perigo a

Digitized by Google

liberdade e talvez a vida de Maria. Os officiaes da inquisição foram ao convento. A prioreza escondeu a pobresinha.

—Meu Deus! exclamou Jorge.

—Espera: Deus escuta o teu grito... Eu sinto-me com os espiritos claros e vigorosos. E' preciso tira'-la do mosteiro... tira'-la de Lisboa... tira'-la da fogueira. Tua mãe quer arrasta'-la até lá... Poderás tu e o Soliz transportar-me nos braços até ao coche?... Podeis, que eu vos ajudarei. Que me levem a casa do duque do Cadaval!... Já, já.

Foi o ancião em braços até á carruagem. D. Francisca, espantada do successo, quiz atalhar-lhe a passagem, com termos de filial amor. Luiz de Barros relanceou-lhe os olhos, e bradou-lhe:

—Parricida!

A filha gritou que accudissem ao pae, que estava louco. Confluiram os creados. E o velho, vendo-se rodeado, simplesmente disse:

—Deixae-me passar que não estou louco.

Os servos, maneatados pelo aspecto venerando do ancião, abriram-lhe passagem. Francisca esbravejava, com os olhos cravados no dedo do annel.

Entraram na carruagem, depois de Luiz de Barros, Jorge e o escudeiro. O fidalgo amparava-se nas espaduas de ambos, com a cabeça inclinada ao braço do neto.

O duque, avisado de que tinha entrado ao pateo o coche do venerando contador-mór, desceu a abrir-lhe a

Digitized by Google

portinhola. O velho chamou o si o ouvido do duque, e contou-lhe a situação da reclusa da Madre de Deus.

—Luctamos com uma força invencivel, disse o duque. Não obstante luctaremos. Vae buscar-se á noite. Previna vossa mercê a prioreza. [1] A'manhã estará em minha casa; depois irá para Oeiras; e depois pensaremos. O mais acertado é tira'-la de Portugal, ou pelo menos de Lisboa.

—Sairá de Lisboa e de Portugal, obtemperou Luiz de Barros. E' tambem o meu parecer. Salve-m'a por tres dias, sr. duque.

Ao fechar-se o dia, as avenidas do convento da Madre de Deus estavam sitiadas de espias, que a prioreza e outras religiosas espreitavam dos ralos e frestas dos dormitorios. Por volta da meia noite, os esbirros e familiares da inquisição desampararam o posto e d'ahi a duas horas, na torre da igreja, ao travez dos rotulos, transluzia uma lanterna, signal convencionado com Jorge. Acercaram-se então da portaria dois homens encapuzados, que escondiam a libré da casa de Cadaval. A pouca distancia parára uma sege, e dentro d'ella uma matrona, que devia ser alguma das aias da duqueza.

Abriu-se a portaria subtilmente; sahiu Sára, convulsiva de medo; os creados ladearam-na com as mãos nas misericordias das espadas, e conduziram-n'a á sege. A

---

[1] Esta differença de *tratamento* ao mesmo homem procede da differença dos individuos que lh'o dão. O duque de Cadaval era rigoroso na observancia das pragmaticas

Digitized by Google

judia sentou-se ao lado da mulher, que lhe disse em voz animadora:

—Não tenha medo, que tem bom padrinho.

A sege despediu a galope desapoderado, rodeando por Odivellas, até entrar á estrada de Oeiras. Apearam no vasto pateo d'uma quinta. A aia da duqueza subiu com Sára, conduziu-a a um quarto, e disse-lhe:

—Fique socegada até nova determinação do sr. duque. Assim que se levantar, a mulher do feitor d'esta quinta virá receber as ordens de vossa mercê.

No entretanto, Luiz Pereira de Barros cogitava em transferir Sára ao Brasil, no intuito de a salvar n'alguma das colonias, e mormente na do Rio de Janeiro, onde o fidalgo tinha um sobrinho governador, e Sára parentes que no começo do reinado de D. Manuel se haviam expatriado para alli, presagiando a sobranceira tormenta.

Jorge, com o coração repassado de angustias, escutava, sem ousar contradita'-los, aquelles designios do avô, que redundavam em completa separação da sua querida Sára.

Passava isto na manhã do dia 4 de agosto de 1699. A's onze horas d'este dia, abriram-se as portas dos templos de Lisboa para deixarem sair e entrar procissões de imagens milagrosas que se cruzavam d'umas egrejas para outras. A cidade estava consternada, por saber que, rainha D. Maria Sophia Isabel de Neoburg, segunda mulher de Pedro II, estava a arrancar da vida. A's cinco horas e meia da tarde expirou a formosa soberana com trinta e tres annos de edade, quando o senado preparava

Digitized by Google

festejos para celebrar o anniversario do seu casamento.

Feriaram-se todos os negocios e actos de governo, excepto os processos e cogitações do tribunal do santo officio. A conversão das almas, e o purifica'-las ao fogo, não devia ser cousa que a morte d'uma rainha estorvasse. O convento da Madre de Deus foi de novo visitado pelos familiares, quando o cadaver da rainha era levado ao mosteiro de S. Vicente de Fóra, e as torres ululavam as suas tremendas elegias.

As naus, já aprestadas para levarem ferro para o Brasil, ferraram ancora. A tristeza official não permittia que os secretarios de estado se distrahissem de chorar a enorme perda. Esta contrariedade penalisou Luiz Pereira de Barros, e deu largas ao coração de Jorge.

Instava, porém, o duque sobre a urgencia de remover a judia de Oeiras, visto que o inquisidor se via amartellado por reiteradas requisições do promotor do santo officio.

Alvitrou o duque envia'-la para a Beira-Alta. Na Covilhã se tinha estabelecido uma familia hebraica, com quem os marquezes de Ferreira, avós do duque, haviam tido relações de boa amizade. Esta poderosa familia, enganando a boa fé de uns familiares e comprando a ferocidade de outros, vivia na Covilhã tranquillamente, e protectora occulta dos israelitas perseguidos.

O duque preveniu o chefe da familia, que por vezes fora seu hospede em Lisboa, e o mesmo foi ir o velho hebreu á capital, d'onde se partiu com Sára, disfarçada em filha sua.

Digitized by Google

Jorge contentou-se d'esta ida, e mais que tudo da promessa d'algumas cartas, por mediação da aia da duqueza.

Ao mesmo passo, Luiz de Barros pedia a Deus um pouco de vigor que o transportasse ao Alemtejo com seu neto. A convivencia da filha era-lhe insupportavel. Francisca fumegava de enfurecida por se ver acalcanhada pela judia, que todas as tentativas da vingança lhe mallográra. Este odio declinava sobre Jorge manifestamente. Contra o pae não apontava ella o insulto porque lá estava o annel, como escudo de diamante, a quebrar-lhe a furia. Cresceu ao extremo a raiva, quando ella soube que o velho ordenára aprestos para se recolher á quinta do Alemtejo.

Fora marcado o dia 27 de outubro para a partida de Luiz de Barros e Jorge; mas, por volta do meio dia, tremeu a cidade de Lisboa com tamanhas convulsões, e tanto foi o terror nos espiritos do velho que as poucas forças se lhe quebrantaram.

Cobriram-se as ruas de procissões de penitencia. Os dominicanos promettiam serenar a vingança divina queimando mais alguns centenares de *marranos,* epitheto que era a quinta-essencia do sarcasmo contra os israelitas, no entender dos devotos. D. Francisca Pereira Telles abundava nas idéas dos frades, attribuindo os terremotos, qne duraram vinte dias com intermittencias, á ira divina contra os christãos novos.

Disseminou-se então grande copia de exemplares de um livro intitulado: *Sentinella contra judeus, posta em*

Digitized by Google

*a torre da igreja de Deus,* etc., traduzida do hespanhol por Pedro Lobo Corrêa, escrivão da contadoria geral da guerra e reino.

Releu Francisca o livro com as entranhas escaldadas de alegre rancor, se podemos dizer assim.

D'um capitulo intitulado: *Os que favorecem aos judeus... nunca terão bom fim...,* sublinhou algumas linhas, e mandou o livro ao pae. As linhas assignaladas diziam, depois da narrativa de um certo rei inglez que passou á espada milhares de judeus: *Infiram d'aqui os que tiverem mediano juizo, que havendo tantos n'estes nossos tempos, de d'onde nos podem vir senão d'elles tantas desgraças, como experimentamos, de guerras, mortes, fomes, roubos, insultos, onzenas, falta de credito...* D. Francisca Pereira escreveu em seguimento na mesma linha: *e terremotos.*

Na pagina seguinte sublinhou as palavras:... *quão damnoso é para os christãos velhos que esta vil canalha ache amparo em pessoas grandes e qualificadas, a quem de ordinario se acolhem vendo-se opprimidos...*

Luiz Pereira de Barros leu attentivamente as palavras marcadas. Mandou que lhe dessem da sua estante o livro dos evangelhos, e traçou uma cruz á margem dos versos 36 e 37 do capitulo VI do Evangelho de S. Lucas, e mandou a Biblia á filha. Os versos diziam:

«Sêde, pois, misericordiosos, como tambem vosso Pae «é misericordioso.

«Não julgueis e não sereis julgados, não condemneis «e não sereis condemnados. Perdoae e sereis perdoados.»

Digitized by Google

## CAPITULO V

Os irmãos de Jorge, acirrados pela mãe, occasionavam, a cada passo, insidiosas provocações que os acobertassem do odio do avô, caso espancassem Jorge, a valer, como a vontade lhes pedia.

O irmão esquivava-se, e desarmava-os com a prudencia muito recommendada pelo avô. Garcia e Filippe, todavia não perdiam lanço de o chacotearem á conta da sua gravidade hypocrita, e presumpção de sabio. Jorge redarguia com desprezador silencio.

Um dia, porém, Garcia, como andasse jogando a barra com outros fidalgos no quintal, disse, galhofando, a Jorge que passava:

—O' mano, pega lá d'esta alavanca, a vêr onde chega o teu pulso.

Jorge parou, e respondeu sorrindo:

—Se eu tivesse um bom pulso antes quizera exercita'-lo na espadà.

Filippe acudiu com sarcastico remoque:

—O teu pulso dava-se melhor com as manilhas das mulheres...

Digitized by Google

Retrucou Jorge, sorrindo ainda:

—Não sendo ellas tão valentes como a Brites de Aljubarrota... Seria necessario que fossem das muitas que ha tão linguareiras como tu.

—Boa palavra!—exclamou Garcia.—Olha, mano, a lingua de Filippe corta menos que a espada...

—Basta que a regulem... voltou Jorge.

—E tu?—interveio Filippe—que armas jogas?

—Tenho duas no meu cabido d'armas: uma é a prudencia, outra é o desprezo; e, se alguma hora precisar d'armas brancas ou negras, para me tirar a limpo de alguma honrada façanha, pedirei de emprestimo as vossas, manos.

—Eu só empresto as minhas a quem puder com ellas, disse Garcia.

O inepto Filippe accrescentou:

—Eu tambem.

—Qualquer asno albardado poderá com ellas—disse Jorge, fazendo gesto de retirar-se.

—Olha lá—tornou Garcia—que novas nos dá da judia?

—Nenhumas, respondeu o moço serenamente, bem que lhe entrasse o coração em nojos, e o sangue em quenturas.

—Vê'-la-hemos cedo de sambenito e carocha? disse, cascalhando brutalmente, Filippe.

—Desejas esse espectaculo?—perguntou Jorge—que mal te fez a desgraçada mulher?

—O bem fe'-lo ella a ti...—redarguiu o irmão com

Digitized by Google

intenção deshonesta—guapa moça é!... se o santo officio t'a pilha, temos assadura... nem o avô t'a salva.

—Cala-te que te estás envilecendo, meu irmão!—disse Jorge sofreando os impetos.

—Villão és tu!—bradou Garcia—que nos estás sujando com esses amores proprios de criado de escada abaixo! Essas paixões costumam medrar nas cavallariças...

—Sois uns tolos maus...—concluiu Jorge dando-lhes as costas.

—Olé! vozeou Garcia—não te vás, perro de regaço; vem cá repartir isso, covarde!

Jorge retrocedeu, e disse:

—Deste-me nas costas um nome, que me não cabe: diz-m'o no rosto, Garcia.

Os moços, que haviam assistido silenciosos á altercação, approximaram-se de Garcia, e pediram-lhe que não fosse injusto com Jorge. O insultador, porém rompendo os diques do odio represado, repetiu a injuria, crescendo sobre o irmão Jorge esperou-o impassivel. Garcia arrojou ao chão a alçaprema que tinha sobraçada, e lançou-se-lhe arca por arca. Os fidalgos acudiram; mas já a tempo que o peito do aggressor arquejava debaixo d'um joelho de Jorge.

Filippe covardemente lançára mão da alavanca: os amigos e parentes arrancaram-lh'a, conclamando que não praticasse um vilissimo feito.

Este lance foi visto e ouvido de D. Francisca Pereira Telles, desde a primeira palavra até que um dos filhos

Digitized by Google

queridos cahiu torcido pelo filho odiado. Levantou ella grande alarido, e foi queixar-se ao pae.

Luiz de Barros mandou-a esperar, e ordenou que viesse Jorge á sua presença.

Entrado o moço disse-lhe:

—Conta-me o que ha passado.

Jorge, sem deslizar um ápice da verdade, referiu o successo, posto que a mãe, ás vezes, o interrompesse, clamando:

—Mentes!

Finda a narração, Luiz de Barros mandou chamar Garcia, Filippe, e os fidalgos testemunhas do conflicto. Voltado a ambos os netos, o ancião disse:

—Um de vós conte o que succedeu.

Nenhum respondeu, encarando-se ambos reciprocamente.

Luiz de Barros, dirigindo-se aos amigos e parentes de sua casa, relatou o caso como o tinha ouvido a Jorge, e perguntou:

—Amigos, é verdade o que Jorge me referiu? Lembrai-vos de quem sois para não mentir a um velho que viu nascer vossos paes e mães.

Os interrogados, commovidos pelo respeito e pela consciencia, responderam:

—E' verdade.

E accrescentou:

—Eu pedi ao primo Garcia que não fosse injusto para seu irmão.

—Bem!—disse o velho—falaste verdade, Jorge! Deus

Digitized by Google

te abençoe. Podeis ir todos á vossa vida. Minha filha, sê boa mãe. Nada mais te digo. Podéra chamar-te fera; mas as feras amam os filhos. Garcia e Filippe, maus futuros vos agouro... E vós, moços de bom caracter, sêde sempre o que fostes agora, quando pesardes o ouro da vossa palavra. Ide todos em paz; e tu, Jorge, fica.

As conscienciosas testemunhas, por amor do seu depoimento, receberam, fóra dos aposentos do velho, signaes de odio nos tregeitos com que D. Francisca os encarou. Os dois corridos mancebos voltaram-lhes as costas, quando elles se dispunham a dar-lhes satisfação por não poderem mentir aos cabellos brancos de Luiz de Barros.

A descendente da rainha sanguinaria chamou os filhos á sua ante-camara, e disse-lhes com torvo semblante:

—Sois uns poltrões, se vos não desforçardes d'este insulto! E' o que me faltava ver!... Jorge a calcar-vos aos pés!... Isto não póde continuar assim... Dizei a vosso pae que Jorge ha de sahir d'esta casa, ou vós a deixaes!

—Nada d'isso...—atalhou Garcia—ha de deixa'-la elle, ou eu lhe corto as guelas!

—Tambem eu—acudiu Filippe.

—Se o avô não estivesse ali—tornou Garcia—eu lhe juro, mãe, que elle não veria o sol d'ámanhã...

—O maldito annel!...—murmurou D. Francisca—aquelle infernal annel!... — Vós nunca pensastes no modo de quebrar este encantamento?...



Digitized by Google

— Eu já — disse Filippe — mas não lhe vejo furo. Como se lhe ha de tirar?

—Não sei, não sei!—disse com raivoso desalento a mãe. E accrescentou: — O peor é se elles vão para o Alemtejo depois d'este caso... E, se vosso avô lá morre, adeus, thesouro!

—Se o avô désse o annel a Jorge—objectou Garcia —o pé não o punha elle cá para desenterrar o dinheiro e as joias. A gente suppõe que o thesouro está nas lojas, ou nos entaipamentos da parte velha do palacio. Nós cavariamos até encontrar: não tenha medo a mãe que o annel aproveite ao Jorge.

—Pensas bem!—disse alegremente D. Francisca—atiram-se abaixo as paredes velhas, e cavam-se os terrados das lojas. Eu lembro-me que vosso avô, quando saíu com o cofre nos braços, era de madrugada, e demorou-se coisa de uma hora. O cofre está enterrado em casa: elle não o ia esconder na terra da quinta, com medo que alguma vez os lavradores o achassem.

—Isso é assim—concordaram os filhos—a mãe não tenha pesar de perder o annel—ajuntou Garcia—por amor d'isso, não soffra o avô nem o Jorge. Se forem para a quinta, deixal-os ir.

Ao mesmo tempo, Luiz Pereira de Barros dizia a Jorge:

—Não pensemos na jornada, filho, que eu não posso. Olha tu como os pés me estão inchando!... Já me pesam para a cova... Isto acaba já... Vou para os oitenta e cinco; e, se Deus me désse outra familia, figura-se-me que chegaria aos noventa ou mais...

Digitized by Google

—Eu sou causa de muitos desgostos de meu avô—interrompeu Jorge.—Se eu tivesse sahido d'entre os meus, creio que meu avô teria mais socegada velhice... Se ainda fosse tempo, eu iria para longe...

—E poderias deixar-me n'esta solidão a vêr-me assim morrer de dôres de corpo e d'alma? poderias, Jorge?

O moço ajoelhou diante do ancião, e aqueceu-lhe com os labios as mãos enregeladas. Nos vincos d'aquella veneranda face luziam as lagrimas, em que pareciam vir os ultimos raios da luz dos olhos que tão copiosas tinham chorado, desde o dia em que o seu querido Affonso VI perdera a liberdade, até áquella hora em que parecia offerecer-se-lhe o neto como continuador da sua existencia amargurada.

E, como em pratica de si comsigo mesmo, murmurava elle:

—De que te servirá a riqueza, malfadado moço? Rico era eu, e quantas invejas tive dos meus servos, e dos meus escravos!... Riquissimo e rei era o filho de D. João IV, e da prisão de Cintra mandava pedir a esse barbaro, que ahi está no throno, que lhe mandasse o enxota-cães do palacio para companhia!... Mais feliz sou eu que vejo á minha beira umas lagrimas de amoroso coração, uns olhos consternados que se fitam nos meus, e não vem, como os de minha filha, todos os dias, averiguar se este annel ainda aqui está... De nada te valerá o thesouro que elle encerra, filho, se a tua estrella é má!... Olha, Jorge, assim que eu fechar olhos, o segredo que este annel te disser confia-o do

Digitized by Google

nosso fiel Antonio Soliz, que finge não o saber... Elle te ajudará, e tu protege-o depois... Não terás excavações que fazer...

—Meu avô,—interrompeu Jorge—por caridade, não me falle de modo que me obrigue a considera-lo morto!... Enche-me de amargura, que é mais do que póde comportar a minha despedaçada alma!... Faça por viver, meu amigo, meu amparador! Afugente essa idéa terrivel, que o quebranta! Lembre-se de mim... lembre-se d'aquella infeliz menina que, por sua morte, vem a perder o amparo que hoje tem...

— Ampara'-la-has tu, Jorge... — atalhou Luiz de Barros.

—Eu!...

—Sim, tu, o teu ouro, o teu ouro não manchado... ouviste?... não deshonrado... Olha que não é salvação de mulher, seja ella qual fôr, o dar-lhe amparo a trôco da pureza... comprehendes-me, filho?

—Sim, meu avô... Eu não penso...

—Não pensas, não, Jorge... Tu és um anjo: se deixares de o ser, serás muitissimo mais desgraçado.

---

Digitized by Google

## CAPITULO VI

A fuga de Sára não descoroçoou o animo vingativo de D. Francisca Telles, nem esfriou as inculcas de D. Verissimo de Lencastre, instigado pela illustre dama, cujo desembaraço por gabinetes de deputados e conselheiros do santo officio arguia a desventura de costumes nos primeiros annos de casada.

Não obstante, a judia estava segura em companhia dos Sás da Covilhã, ricos fazendeiros e laboriosos artífices, posto que ao conhecimento do bispo da Guarda chegasse a nova de existir uma cara desconhecida entre os familiares de Simão de Sá.

Porém, como quer que o bispo fosse creatura do duque de Cadaval, e os hebreus muito da amizade d'este fidalgo grande privado do rei, á denuncia não sortiu effeito.

A inquisição teria de envergonhar-se da sua impotencia, se não descobrisse o paradeiro de Sára. Os agentes mais ladinos pozeram peito a lavar esta nodoa do santo officio, e vingaram o intento pelo mais facil dos expedientes, bem que derradeiro na execução.

Digitized by Google

Um dominicano, confessor no convento da Madre de Deus, ganhou facilmente a consciencia de suas confessadas, empenhando-as no descobrimento do destino de Sára. Estas religiosas eram das mais reformadas e venerandas, usavam cilicios, e avergoavam as santas costas com disciplinas ás sextas feiras. A prioreza, ainda assim, guardára d'ellas e de todas o segredo do destino da christã nova, porque assim o promettera a seu parente e bemfeitor Luiz Pereira de Barros.

Possuidas do Lucifer de Domingos de Gusmão, — Lucifer, que infernalmente engenhoso, andou ahi tres seculos enroupado nas tunicas apostolicas para escarnecer e desacreditar a mansidão triumphante do filho de Deus — as tres freiras predestinadas assediaram a confiança da prioreza com taes ardis, segredados pelo espirito das trevas — ás vezes lucidissimo — que a embaida soror Leonarda chegou a declarar que a serva de seu primo Luiz Pereira estava da mão do duque de Cadaval. Não satisfaziam estas informações o santo officio Proseguiram as possessas em suas inculcas, e descobriram que a judia passára do convento para Oeiras. D'aqui ávante, principiava a inefficacia do demonio no espirito das esposas do seu rival. Fez-se-lhe mister envolver a cauda, esconder as pontas na cabelleira d'algum familiar do santo officio, e ingerir-se em Oeiras.

O feitor do duque, sujeito de entranhas impias, que por vezes fôra encarregado de despejar um arcabuz no peito do conde de Castello Melhor, inimigo politico do Cadaval, como estivesse a entrouxar para a eternidade,

Digitized by Google

offereceu a infamia da perfidia como desconto dos seus peccados, e lançou-a no regaço da tunica d'um frade de S. Domingos, delatando que a judia fôra levada de Oeiras pelo hebreu Simão de Sá para a Covilhã.

Os agentes da inquisição na Guarda receberam ordens; o bispo foi consultado no expediente da execução, e preveniu o hebreu de modo que a procedencia do aviso ficasse ignorada.

Simão de Sá avisou o duque, assegurando-o do bom recado em que estava Sára, muito a salvo da perseguição. O duque inteirou d'isto o seu amigo Luiz de Barros, aconselhando-o, sem impedimento da segurança do hebreu da Covilhã, a pensar no modo de trasladar a sua afilhada ao Brazil. E ajuntava:

«Se a filha de vossemecê não desistir d'esta pervicaz «perseguição, mais hoje, mais ámanhã, a avesinha cahe «nas garras do milhafre.»

Reparou Jorge no riso ferino de sua mãe, e n'umas casquinadas que ella garganteava, quando podia ser ouvida do filho. Com esta mudança na tôrva catadura de D. Francisca Telles coincidiu o aviso do duque. O ancião decifrou a alegria satanica da filha, e cobrou-lhe rancor do intimo.

Sobre excitado pelo ardor do sangue, Luiz Pereira sentiu-se um pouquinho avigorado, não já para jornadear, mas bastante para transferir-se com Jorge para casa de seu primo Diogo de Barros da Silva, bisneto como elle do grande historiographo João de Barros.

Digitized by Google

D. Francisca viu sahir as arcas e contadores do pae. Correu alvoroçada á camara d'elle, e perguntou:

—Que mudança é esta, meu pae?

O ancião olhou-a muito no rosto, e respondeu:

—Perguntas se o annel tambem se muda, Francisca?

—Que me faz o annel?!... O que eu lhe peço, senhor, é que me diga a causa d'esta saída, que vae dar que falar na côrte e na cidade...

—Tenho medo de ti e da inquisição...—murmurou o velho com alegre sombra.—Não vás tu accusar-me de judaisante, Francisca... O fanatismo e a vingança aboliram as leis da natureza. Não ha pae por filho nem filho por pae. Agora deixa-me dirigir estas coisas... Jorge, manda preparar o meu coche.

Francisca trincou a lingua até esvurmar sangue empestado. Para resfolegar do peito afogado de ira, lembrou-se do alvitre de Garcia no proposito de cavar e demolir até descobrir o thesouro. Saíu de impeto e afogueada da presença do velho, o qual, encostando a face ao peito, disse:

—Quanto eu quiz a esta filha!... Como eu me separo d'ella ás portas do tribunal do Altissimo, onde vou dar contas do mimo com que foi criada nos meus braços!... Filha sem mãe... Não chegou a ouvir a virtuosa que lhe deu o leite... Minha santa mulher, que dôr seria a tua no céo, se de lá podesses ver esta filha de quem tn, quasi morta, me dizias: «deixo-te o coração no seio d'esta criancinha!...»

Enxugou as lagrimas, e pediu a Jorge e ao escudeiro

Digitized by Google

que o vestissem. Depois, olhou em derredor de si, sobre as alfaias restantes dos seus aposentos, e disse:

—N'aquelle quarto nasci... Ao fim de oitenta e quatro annos d'aqui me vou... e ninguem amaldiçoarei em respeito á imagem de meu pae, que ali deixo pendente, para que n'esta casa fique, ao menos, o retrato de um varão justo. Desce-me d'aquelle prego o retrato de tua avó, Jorge: esse irá comnosco... Desconfio que teus irmãos, com as parceiras de sua libertinagem, cheguem até este recinto onde ella morreu.

Em seguimento, Luiz de Barros, olhando mui de perto o retrato de sua esposa, apertou o painel ao seio, esteve-se alguns minutos a desabafar em soluços, e quasi esvahido de alento acenou que o levassem d'alli. No trajecto ao coche ninguem lhe saíu ao encontro. E o velho ia dizendo a sós consigo:

—E, todavia, Deus sabe que eu não amaldiçoei esta familia... nem vingança lhe peço... Misericordia, misericordia para elles e para mim...

Luiz de Barros, na luxuosa aposentadoria que o primo lhe alfaiára, achou-se rodeado de parentes e amigos que o genio desabrido de Francisca Telles afugentára do palacio da Bemposta. Radiava o contentamento da paz em volta d'elle. Cada pessoa competia com as outras em adivinhar-lhe os desejos. E não obstante, o ancião tinha saudades do seu quarto e da soledade a que se affizera com o neto. Os importunos affectos dos parentes hospedeiros, e frequentes visitas d'outros molestavam-no. Pesava-lhe a esvahida cabeça; era-lhe pouco

Digitized by Google

o ar para o peito em que havia represa de muitas lagrimas, e receios por aquella pobre Sára que muito o agonisavam.

Passados dias, o duque deu-lhe aviso de ter sido assaltada a casa de Simão de Sá pelos esbirros do santo officia. O assalto baldara-se. A casa do hebreu tinha subterraneos com entradas inaccessiveis á solercia dos quadrilheiros da inquisição, bem que sagazmente afuroados em avenidas de calabouços.

Recresciam-lhe, pois, as angustias ao excruciado ancião, aggravadas pelo silencio consternador de Jorge, que não ousava lastimar Sára para não dilacerar a alma do avô. Cuidados vãos! Não cabiam mais paixões n'aquelle trespassado peito.

O inquisidor, já impacientado com as teimosas solicitações de D. Francisca, e informado pelo duque de Cadaval da indole vingativa da brava filha de Luiz de Barros, recebeu-a de má sombra, e disse-lhe que a judia já não estava na Covilhã, segundo informações fidedignas Os collegas dominicanos de D. Verissimo, mais desconfiados e menos dobradiços a respeitos e rogos do duque, prometteram a D. Francisca não levantar mão da empreza piedosa. Com esta promessa de fogueira, cedo ou tarde, se foi alimentando o cancro roedor das entranhas da fidalga.

---

Digitized by Google

## CAPITULO VII

Nos ultimos dias do anno de 1699, Luiz Pereira de Barros disse a Jorge:

—Não chego ao novo seculo...

—Olhe que são hoje vinte e tres de dezembro, meu avô, atalhou Jorge.

—Bem sei, filho, bem sei... Acabo com o meu espirito em toda a luz, que o Senhor lhe deu. Não tive ainda hora de me esquecer; e, com tudo, o esquecimento, n'este meu triste acabamento de corpo, seria um favor do céo. Falemos com tempo, Jorge.

—Vae falar-me de morrer... interrompeu o neto. Não quero ouvi'-lo...

—Has de ouvir-me, que não tens querer.

E tirou do dedo o annel, dizendo:

—Lê essas palavras que ahi estão escriptas no reverso do arco.

Jorge hesitava em pegar do annel. Luiz de Barros instou:

—Lê, Jorge...

Digitized by Google

O moço, alimpando as lagrimas, leu: NA CAIXA DE NEPTUNO.

—Percebes? perguntou o velho. Quer dizer que o cofre está no deposito d'aquelle Neptuno do chafariz do bosque. Sabes?

—Sim, meu avô.

—Dá-me uma carteira que está na quinta gavetinha d'aquelle contador.

O neto foi buscar a carteira, e o velho continuou:

—Lê o que diz a ultima folha d'um caderninho que ahi está.

Jorge leu:

NOTA

*Contém o cofre vinte e quatro contos de réis em variadas moedas de ouro.*

*Item: duas duzias de brilhantes que foram de meu avô Pedro de Barros e Almeida.*

*Item: as joias encastoadas em pentes de ouro, e quinze anneis que foram de minha avó D. Leonor de Barreiros.*

*Item: os copos da espada com diversa pedraria, que meu avô materno D. Jorge de Barreiros trouxe do governo da Bahia.*

*Item: o retrato de minha mulher, sobre marfim, broslado de cercadura de diamantes, que lhe dera sua mãe D. Ignacia Telles de Menezes.*

—E' isso mesmo, disse Luiz Pereira; lembro-me muito

Digitized by Google

bem. Tira essa folha de papel do caderno, e guarda-a, para que dês no futuro o apreço de coração que deves dar a alguns d'esses objectos de familia.

—E' cedo para eu me fazer depositario d'esta nota, disse Jorge.

—Não é cedo; é a hora ao justo. Agora, guarda esse annel, não já por amor das lettras, porque de memoria as tens; mas porque foi o primeiro e unico annel que tive em minha vida. Deu-m'o em 1636 D. João de Bragança, que passados quatro annos, era rei de Portugal. Tinha eu vinte e um annos e andavamos a caçar na tapada de Villa-Viçosa. Atirei a um veado com tal agilidade e pericia, que o duque, arrebatado de gosto, sacou do dedo este annel, e m'o deu, dizendo-me: «Se eu fosse rei, Luiz, fazia-te monteiro-mór do reino.»—Antes contador-mór dos contos do reino, senhor duque e meu principe—lhe disse eu, beijando-lhe a mão. E, quatro annos depois, era elle rei, e eu contador-mór. Ahi tens o annel e a sua historia, meu filho. Agora, escuta. Depois, da minha morte, não te dês pressa em ir buscar o cofre. As entradas do palacio da Bemposta hão de ser espiadas noite e dia. Os alviões e enxadas, se não trabalham já na escavação das lojas e derrubamento das paredes, assim que eu fechar olhos, não ha de haver braço inerte n'aquella casa. Os teus passos hão de ser vigiados de sol a sol. Se teus irmãos souberem que tens no dedo o annel, serão capazes de te mandar matar á hora do dia. Esconde-te, se necessario fôr. Na segunda gaveta d'aquelle contador de pau-santo acharás dinheiro

Digitized by Google

que farte para viver seis annos fóra de Portugal. Será prudencia que te alongues da vingança dos nossos. Farás isto?

—Farei o que meu avô ordenar.

—Mais: o dinheiro, que está na terceira gavetinha, da'-lo-has a Antonio Soliz, meu honrado escudeiro, que é filho natural d'aquelle Simão Pires Soliz, que, em 1630, foi sentenciado como sacrilego, queimado vivo, e innocente padeceu. [1] Eu tinha então quinze annos. Defronte de minha casa morava a mulher que houvera de Simão Pires um filhinho, e acabava de o dar á luz quando ao pae da criança lhe estavam cortando as mãos em vida. A mulher morreu. A criança ficou nos braços da comadre. Soube-se isto em nossa casa. Pedi á minha santa mãe que m'a deixasse ir buscar. Alegrou-se o coração da virtuosa. Fui com uma escrava buscar o menino, que é este velho que vês ao pé de mim ha tantos annos. Queria deixar-t'o como herança; mas prevejo que o teu viver será inquieto: e elle tem sessenta e nove annos: carece de repouso. Dá-lhe, pois, o dinheiro, para que o meu Antonio goze, desafogados de cuidados, os ultimos annos.

Terminou o testamento verbal de Luiz Pereira de Barros. Jorge recadou o annel, e a nota cortada do caderno.

N'este dia, D. Francisca Pereira Telles, sujeitando a

---

[1] O auctor intenta publicar brevemente um romance concernente ao supplicio de Simão Pires Soliz.

Digitized by Google

ira a uma tardia astucia, ou, porventura, esporeada de remorsos, procurou o pae. Assim que ao ancião lh'a annunciou o neto, disse elle, sorrindo a Jorge:

— Ahi vem, pois, minha filha visitar o annel. Empresta-m'o, para que ella não escandalise esta familia com alguns assomos de desesperação. Para mim, para ti e para todos é bom que ella o veja. Digam-lhe que eu a recebo. Quero perdoar-lhe antes de me ver com a face do supremo juiz.

De feito, D. Francisca, ao beijar a mão do pae, cravou no annel os olhos. O ancião estremeceu e arquejou ao lembrar-se que era aquella a filha estremecidissima, o balsamo das suas chagas trinta annos antes. Nublaram-se-lhe os olhos de agua, reparando n'ella como quem para sempre se despedia.

— Porque não vem para sua casa, meu pae? — disse D. Francisca.

— Já agora — respondeu elle tardamente — aqui me virão buscar pouco mais morto do que saí de minha casa.

— Pois tem peorado, meu querido pae?

— Não: tenho melhorado. Estou cada vez mais perto do termo da viagem. A canceira é maior; mas a vista da patria alegra o viandante fatigado.

— E porque não quer morrer no seio da familia? — tornou a filha.

— Porque a não tenho pelos laços do coração: os do sangue que montam? A minha familia toda está figurada em Jorge...

Digitized by Google

D. Francisca fez um gesto repugnante.

O pae continuou:

—Queres ver teu filho?

—Como v. s.ª quizer...

—Não, filha: como fôr tua vontade.

—E desejará elle ver-me?

—Entendo que sim... Antonio—disse Luiz de Barros ao escudeiro—diz ao menino que venha ver sua mãe.

—Deixe-o estar... deixe-o estar—atalhou D. Francisca.

—Antonio, tornou o velho, não digas nada.

E abaixou a fronte pensativa, emquanto a filha exclamava:

—Pois eu não sei que elle me odeia?! não sei que por causa do thesouro do pae, faz guerra aos irmãos e a todos? não sei que elle é capaz de todas as abjecções e hypocrisias para ficar com o segredo do dinheiro?

—Foi a isto que vieste?—perguntou Luiz de Barros, depois de larga pausa.

—Não, senhor: eu vim ve'-lo, e pedir-lhe que torne para a sua familia. Toda a gente está espantada da sua sahida!

—Sei que toda a gente está espantada, de mais o sei...—disse o ancião—já agora não ha para que lhe augmentemos o espanto com a minha tornada para a casa onde nasci. Não vou. Agradeço a tua visita, e vae com a graça de Deus e com a minha benção.

—Permitte-me, ao menos, que eu continue a visita'-lo?

Digitized by Google

—Sim...—murmurou o pae.

—E quer ver seus netos?—tornou ella.

—Não. Perdôo-lhes, para que me deixem... E tu, se tens lá, no secreto da tua vingança, alguma nova afflicção que me dês, não venhas aqui.

—Pois assim me lança de si?!—exclamou D. Francisca refinando a malicia com a impostura.

—Eu queria morrer com Jorge ao meu lado—disse o velho—e tu não pódes estar onde elle está.

—Que me importa? Deixa'-lo estar...

—Não. Odios ao pé de um agonisante são maus sentimentos para ajudar a bem morrer. Francisca, não és boa mãe, como te hei de eu acceitar como boa filha?

—Sou mãe injuriada, insultada e escarnecida! Sou filha desprezada e esmagada por um pae illudido pelas astucias de um perverso!... bradou ella voz em grita.

—Basta!—clamou o velho—esta casa não é a tua! não me envergonhes, nem te cubras de vilipendio aos olhos de nossos parentes. Sae d'aqui! vae prégar aos frades de S. Domingos a virtude purificante do fogo! Vae cavar na masmorra da pobre Sára! Vae ver quantas espadanas de sangue sujam os guadalmecins do inquisidor geral! Sae-te, coração de hyena!

Na sala proxima estavam já os donos da casa, attrahidos pelos roucos brados do ancião.

D. Francisca passou por entre elles flammejante de raiva. Nem de leve acenou com a cabeça. Saltou á sege, e partiu com a garganta recingida da serpente do odio, que lhe afogava os soluços.



Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO VIII

A familia entrou de roldão na ante-camara de Luiz de Barros, protestando não mais deixar subir D. Francisca Telles á presença do pae. O ancião não respondia ás perguntas, nem assentia ás reflexões. Parecia surdo, ou fallecido de entendimento.

O abalo extenuara-lhe muito das restantes forças. Inclinára elle a cabeça para o hombro de Jorge que lhe não despregava os labios da fronte. O escudeiro collava a face á respiração de seu amo, desconfiando da brevidade da morte. Jorge murmurou:

—Parece-me que está adormecido... Não façamos rumor. Não tenhas medo, Antonio... Meu avô não póde estar morto...

E o ancião acenou com a cabeça negativamente.

As pessoas da casa retiraram-se pé ante pé, cuidadosas em fazer-lhe ministrar os Sacramentos. Assim que ellas sairam, Luiz Pereira restituiu o annel ao neto, e disse com vozes cortadas de pausas anciosas:

—Não te afflijas, filho, que ainda não é a hora... Antonio—continuou, chamando o escudeiro—é tempo

Digitized by Google

de ir á congregação chamar o meu padre Manoel Bernardes... que venha ouvir-me de confissão, e dizer-me as suas ultimas revelações da outra vida... Parece-me que dá saude ao corpo e á alma ouvir aquelle altissimo espirito do meu oratoriano...

Adormeceu o ancião reclinado na espadua do neto um breve somno intercortado por passageiras dôres, que elle accusava com gemidos e estremecimentos.

Accorreu prestes o douto e apostolico Manoel Bernardes, o qual, com o semblante radioso de alegria se assentou á beira do seu confessado de vinte e cinco annos, perguntando-lhe:

—Já vos alvorece o dia almejado, meu velho amigo? Temos á vista o pharol do céo? Ora, pois, atiremos o ligeiro esquife á garganta das vagas encapelladas, deixa'-las romugir, e vamo-nos de nado á praia que lá estão os anjos com roupas enxutas para nos entrajarem das galas do empyreo.

Jorge, obedecendo a um aceno do sublimado mystico, saíu da camara, e foi chorar nos braços de Antonio que estava em joelhos e mãos postas na sala visinha.

Quando estas cousas corriam, Garcia, Filippe e Placido de Castanheda de Moura, com alguns criados de mais conta, andavam escavando nas lojas e aluindo paredes meio-esboroadas. D. Francisca dirigia a exploração com uma actividade digna de melhores resultados. O marido apalpava os terrenos batendo com a alçaprema; e onde quer que a pancada batesse em ôco, ou a ima-

Digitized by Google

ginação lh'o fizesse parecer, ahi caíam as enxadas e alviões com suada freima.

Ao escurecer, abriram mão da obra, e gisaram as escavações do dia seguinte.—O cofre ha de apparecer, dizia D. Francisca—ainda que se arraze o palacio!

—Não será prudencia isso!...—observava o marido timidamente.

—Qual prudencia nem meia prudencia!—vozeava a consorte, batendo o pé rijo. Ha de apparecer o cofre, porque elle está em casa; e, se esperas pelo annel, então, meu amigo, historias! Que dizes tu, Garcia?

—Eu digo que sim: o thesouro está lá por baixo, e nós havemos de acha'-lo, sem arrazarmos a casa. A mãe já disse muitas vezes que o avô desceu as escadas para o pateo de dentro com o caixote.

—Foi assim—confirmou a mãe.

—Então não ha que duvidar—tornou Garcia—se não estiver n'uma loja está na outra. Havemos de cavar...

—Até ao inferno, ajuntou Filippe.

—Credo!—atalhou D. Francisca—Não fales em inferno, menino, que se me arrepiaram os cabellos.

—Isto é um modo de falar!—emendou o filho.—Havemos de cavar até onde toparmos o dinheiro.

—Asneira no caso!—interveiu Placido de Castanheda.—Teu avô não teve tempo de fazer grande cova, já porque foi sósinho, já porque se demorou cerca de uma hora, como diz tua mãe. E então é escusado cavar muito ao fundo. O mais que se deve procurar é até á

Digitized by Google

fundura de tres palmos; e, se não apparece, pôr o sentido e o trabalho n'outro logar.

—Deixa lá os meninos com o negocio, que elles são mais espertos do que tu — contraveio D. Francisca.

—Pois façam lá o que quizerem—concluiu Placido para não assanhar a mulher, que já tinha o sobr'olho avincado.

No dia seguinte, começaram os desaterros nas cocheiras antigas. Um dos cavadores sentiu estalar debaixo da enxada cousa sonora como tampa, e exclamou: «Cá está!»

Concorreram os interessados por differentes portas do palacio. D. Francisca Pereira, descendente da rainha D. Leonor Telles, surgiu á porta da cocheira de saia branca e pantufos de liga. Placido de Castanheda de Moura saíu d'outra porta encapuzado n'um reguingote, a espirrar muito indefluxado. Os fidalgos novos arremangavam as camisas para com as proprias mãos debastarem a camada de terra, e resurgirem o cofre do seu tumulo de quarenta e tres annos. Acocoraram-se todos em redor da cova. Filippe e Garcia esgaçavam as unhas mimosas agadanhando na terra. Lobrigaram uma clareira de superficie solida do quer que era. A côr era preta.

—Preto era o caixote—disse alvoraçada D. Francisca.—Bem me lembro: era preto com cintas de cobre.

Continuaram a descobrir sem tomarem folego. A fidalga, de impaciente, quiz tambem sujar a sua mão de marfim. O contador-mór, em attenção aos reiterados es-

Digitized by Google

pirros, abstinha-se de humedecer as mãos. Grande jubilo! Encontraram uma argola. Garcia perguntou:

—Minha mãe, o cofre tinha argola?

—Havia de ter por força...—disse ella.—Achaste-a?

—Cá está.

—Então venha uma corda, puxemos—disse Filippe.

—Isso é uma asneira!—admoestou o pae.

—Porque é asneira?!—interpellou D. Francisca.

—Ora suppomos—explicou Placido—que o caixote está podre do contacto humido da terra: se está podre, desfaz-se com o empuxão e entorna-se o conteúdo.

—Es parvoinho!—retrucou a esposa.—Venha a corda!

—Arranjem lá...—condescendeu o contador-mór, abrindo a boca para facilitar o espirro.

Enfiaram a corda pela argola, e puxaram os dois fidalgos e dois lacaios. Deu de si a tampa: repuxaram, e a tampa resaltou de um sacão.

D. Francisca fez pé atraz com a mão no nariz. Filippe e Garção saltaram para fóra da cocheira. Placido parecia espirrar o cerebro. Os creados exclamavam:

—Com dez diabos! Fedor assim só no inferno!

Examinado o local pelo servo mais corajoso de nariz viu-se que a tampa era de lousa, e o que ella tapava era o suspiro do escoadouro das fezes, que n'aquelle ponto se havia entupido.

Se este acaso fosse obra providencial, muita gente havia de crer que a Providencia castiga como Aristophanes e como Juvenal. Aquelle genero de zombaria, se

Digitized by Google

não foi odorifero, caíu perfeitamente de molde na occasião.

D. Francisca foi respirar saes antiputridos. Os filhos, de modo que a mãe os não ouvisse, riam com as mãos nas ilhargas. Os creados, para rirem impunemente, pozeram-se de barriga ao chão, abafando as cascalhadas. Placido de Castanheda de Moura franzia as fossas nasaes para provocar o espirro e desinfeccionar a cabeça.

Quando se encontraram á mesa do almoço, e encararam uns nos outros, então foi o desabafarem n'uma gargalhada estridula e compacta.

---

Digitized by Google

## CAPITULO IX

Estavam ainda á mesa, quando um lacaio de Diogo de Barros da Silva chegou com a noticia de que tinha passado da vida ás oito horas da manhã o sr. Luiz Pereira de Barros.

—O coche na rua!—exclamou Francisca Pereira.

E correu para o toucador a vestir-se. Os filhos, um momento perplexos, perguntavam ao pae:

—Vamos lá?

Placido não os ouviu. Reconcentrara-se com doloroso semblante, e disse:

—Pobre velho!... santo homem... Devia expirar nos braços da filha, que elle tanto amou...

—E o annel?—perguntou Filippe.

—Não fales agora em annel, filho!—disse o pae.—Reza por alma de teu avô, que foi um portuguez dos que já não ha...

—Ora!...—resmuneou Filippe.

E saíu com Garcia pressurosamente a perguntarem á mãe, de fóra da re-camara:

Digitized by Google

—Nós que fazemos, mãe?

—Vesti-vos de luto para me acompanhardes.

Entretanto, o genro de Luiz de Barros encerrou-se no seu quarto para chorar, e pedir á alma de seu sogro que lhe perdoasse a fraqueza com que se elle deixara maniatar pela condição despotica de sua mulher.

Uma hora depois, D. Francisca e os filhos apearam do coche á porta de Diogo de Barros.

As senhoras da casa perguntaram seccamente á sua parenta se queria que o saímento se fizesse d'alli ou do palacio da Bemposta.

D. Francisca não respondeu á pergunta, e disse que queria vêr o pae.

—Eu vou conduzi'-la, prima Francisca Telles—disse Diogo.

—Jorge está lá?—perguntou ella.

—Não, minha senhora. Jorge está com dois medicos á cabeceira, porque perdeu o alento ás seis horas, quando o avô lhe disse adeus, e não o recobrou ainda. Ao pé do cadaver estão os meus filhos, e o escudeiro Antonio Soliz.

—Vamos, primo Diogo—disse D. Francisca.

Entraram no quarto alumiado ainda pelos cirios, que ardiam ao lado do Crucificado. Dir-se-hia que d'aquelle recinto saíra, tangida por mão invisivel, uma clava de ferro, que bateu no peito d'aquella mulher. Saltou ella um passo atraz, e amarelleceu como se o cadaver se levantasse para amaldiçoa'-la. Avançou amparada no braço de Diogo, e retrocedeu ainda, murmurando:

Digitized by Google

—Não posso...

—Pois não entremos, prima... Eu comprehendo o seu horror...

—O meu horror?—perguntou ella assombrada.

—Sim!... v. s.ª encheu de fel aquelle honrado coração que alli está morto.

—Não me diga essas cousas n'esta occasião—exclamou ella.

—E' quando Deus manda que lh'as diga, minha senhora.

—Expulsa-me, não é assim?—tornou ella, desprendendo-se-lhe do braço.

—Não, minha prima, não a expulso, porque é filha de Luiz de Barros; porém, quando aquelle cadaver tiver saído, as nossas relações, minha senhora, fecham-se no jazigo d'elle.

D. Francisca relanceou os olhos aos dois filhos, que fitavam sinistramente Diogo. Retrocederam á sala. A filha de Luiz de Barros sentou-se offegante, e disse:

—Posso saber que destino teve um annel que meu pae tinha no dedo?

—Póde, minha senhora. D'esse annel, que o duque de Bragança tinha dado a seu pae, ficou herdeiro seu filho Jorge.

—Herdeiro!... veremos isso!—exclamou ella.

—Pois veremos, minha senhora,—tornou Diogo—lembro-lhe, todavia, que é muito impropria a occasião para discutir-se a herança do annel.

—Mas ha de discutir-se!—interveio Garcia.

Digitized by Google

—E ha de entrega'-lo, que o thesouro é da mãe, e de todos por morte d'ella—ajuntou Filippe.

—Respeitem o cadaver de seu avô, senhores!—exclamou Diogo de Barros erguendo-se hirto e formidavel de magestade.—Respeitem o cadaver do santo homem que apunhalaram com desgostos!

D. Francisca levantou-se, e disse:

—Vamos, meus filhos! Primo Diogo, queira dizer a Jorge—continuou ella cacarejando um riso repulsivo—que vá buscar o thesouro quando quizer.

—Lá o esperamos...—accrescentou Garcia.

—E o cadaver?—perguntou o velho fidalgo a D. Francisca—dá-me v. s.ª a honra de lhe dar sepultura?

—Sim, como queira, e eu pagarei as despezas—respondeu ella já da porta.

—E' uma mulher que fala...—disse um filho de Diogo de Barros.

—É um homem!—replicou Garcia.

—Dois!—ajuntou Filippe.

—Eu já sei como o mais possante dos dois se dobra debaixo d'um joelho...—redarguiu o filho de Diogo.

—Basta!—exclamou o velho, impondo silencio ao filho.—Quem dirá o infame espectaculo que vem dar uma filha do primeiro sangue de Portugal ao pé de seu pae morto?

D. Francisca já tinha descido com os filhos.

O contador-mór, pela primeira vez na sua vida conjugal, deliberou sem consultar a esposa. Assim que soube o succedido na casa dos parentes de seu sogro, saíu, fe-

Digitized by Google

chado na sege, com o intento de conduzir o cadaver para a Bemposta.

—Isto é um opprobrio!—disse elle á mulher, que não ousou contratria'-lo.

Diogo de Barros recebeu-o com fria ceremonia, e accedeu á trasladação do defunto, vendo a compunção com que Placido de Castanheda de Moura beijara a mão de seu sogro.

Depois, como elle perguntasse por seu filho Jorge, encaminhou-o ao quarto em que o moço chorava e seccava as lagrimas no rubor febril das faces. Disse Placido algumas palavras affectuosas ao filho, e accrescentou:

—Não estejas a incommodar esta generosa familia: vem para tua casa, assim que poderes.

Jorge respondeu:

—Não irei, meu pae: beijo-lhe as mãos por essa caridade; mas a vontade de meu avô pôde tanto comigo como se elle vivesse. Eu não caibo na casa de meus paes; mas tenho o restante do mundo como casa. A terra é grande, e não ha ahi infeliz que não tenha uma parte do céo que o cubra.

Poucas mais phrases se trocaram. Placido saíu a providenciar os aprestes para o saímento; e, ao cair da tarde, o esquife de Luiz de Barros foi assentado na eça da capella da Bemposta.

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO X

Ao terceiro dia de sepultado Luiz de Barros, continuaram as escavações e desmoronamentos nas lojas, tulhas e adegas da Bemposta. Os baixos d'aquelle palacio eram já ruinas da casa incendiada. Os pateos foram deslageados; as avenidas do jardim descalçadas; as paredes dos aposentos do finado ancião esgaravatadas e descaliçadas em todos os pontos suspeitos. Placido de Castanheda benzia-se clandestinamente, e dizia entre si:

—Qualquer hora os tectos abatem sobre nós! Ficamos sem casa e sem thesouro!

D. Francisca Pereira ordenou que, durante a noite, se espiassem as entradas do palacio, temerosa de que o filho Jorge entrasse a desenterrar o cofre. Teve manhas de fazer vir á sua presença o velho escudeiro de seu pae, e prometteu-lhe a dotação de umas casas em Lisboa, se elle désse algum indicio do local em que o pae enterrara o dinheiro.

—Nunca m'o disse, senhora—respondeu Antonio Soliz.

—Nem tu desconfiaste?—volveu ella.

Digitized by Google

—Nem quiz desconfiar, senhora. Foi cousa em que nunca pensei.

—Quando meu pae deu a Jorge o annel, estavas presente?

—Não, senhora.

—E a ti não te deixou nada?

—Deixou de mais para viver socegado o restante da minha vida; mas, se o que elle me deixou, fizer falta a v. s.ª, aqui o virei trazer, e irei servir, que ainda posso comigo.

—Quem te fala n'isso, Antonio!..., acudiu ella, o que eu queria era fazer-te rico, meu velho amigo, quanto mais tirar-te o que tens!... Queres tu ser rico?

—De que me serve a mim ser rico, senhora? Com pouco se vive e com muito se morre.

—Se fosses rico, podias fazer bem aos teus parentes.

—Não os tenho, ou não os conheço, bem sabe v. s.ª os meus principios; quando a fidalga era menina, fartas vezes lhe contei o funesto fim de meu pae, e a morte despedaçadoura da minha mãe.

—Bem sei; mas olha que sempre é bom ser rico... E em pouco estava teres tu do pé para a mão uma das minhas melhores casas na rua das Esteiras, e a melhor horta de Campolide.

Antonio desconfiou de uma proposta aviltante. Fez-se côr de cal, formalisou-se, levantou a cabeça, e disse:

—Eu não sei que v. s.ª quer dizer-me. Veja lá, senhora, que fala com o Antonio Soliz que a fidalga conhece ha mais de quarenta annos! Olhe que eu

Digitized by Google

tenho a minha honra de pobre, sr.ª D. Francisca, e v. s.ª deve conhecer-me...

— Conheço... — atalhou a fidalga abespinhada — conheço-te como creado de meu pae.

—Tive esse honroso emprego: Deus m'o tirou.

—Está bom... Podes saír... Queira Deus que o annel te não sáia caro a ti...

—Eu não fujo, minha senhora, volveu serenamente Soliz, ás ordens de v. s.ª estou aqui, e onde a fidalga souber que eu esteja.

—Vae-te! estou farta de palavriado!—terminou a iracunda senhora.

Antonio dobrou o corpo a meio na mais reverente cortezia, e saíu.

Jorge ouviu a narração que o escudeiro fazia do succedido. Ambos, de prompto, adivinharam que o intento de D. Francisca devia ser propôr ao escudeiro o furto do annel, ou a declaração das letras gravadas no aro.

O parecer de Diogo, conformado com a vontade do defunto, era que Jorge de Barros saísse de Lisboa para além-mar, ou ficasse em terra afastada da capital até se occasionar melhor monção de assenhorear-se do pomo da discordia, que era o thesouro, aquella boceta de peçonha, já envenenadora d'algumas vidas.

Jorge aceitou o alvitre que era propriamente o seu. Impulsava-o para a provincia da Beira o coração. As angustias da saudade do avó eram-lhe ainda afiadas pelo medo da prisão de Sára. Quinze dias eram já volvidos, desde que elle recebera a ultima carta da sua



Digitized by Google

amiga, por intermedio da aia da duqueza. Antonio foi ao palacio do Cadaval, falou com o duque, e soube que Simão de Sá, para illudir os espiões do santo officio, aconselhára a sua hospeda a não corresponder-se temporariamente com alguem. O duque fez saber ao neto de Luiz de Barros que as recommendações do tribunal tinham afrouxado, depois que elle esclareceu o inquisidor geral sobre a indole vingativa e injusta da perseguidora; sem embargo das tregoas, era, todavia, necessario—recommendava o duque—desconfiar sempre da crise sazonatica do sanguinario leão de S. Domingos.

A 10 de janeiro de 1700, Jorge de Barros e o seu escudeiro Antonio Soliz saíram de Lisboa, caminho da cidade da Guarda, com valiosas cartas para o bispo e primeiros fidalgos d'aquella cidade. Ao primeiro encontro com os nobres, que aporfiavam em hospeda'-lo, Jorge bem quistou-se na estima de todos, e creou á volta de si affeições sinceras, que o indemnisavam da ingratidão e mal-querença dos seus, sem comtudo lhe mitigarem a saudade do avô.

Simão de Sá, conscio do puro affecto de Jorge á filha dos hebreus queimados, avisou a sua hospeda da morte de Luiz de Barros, e da chegada do neto á Guarda. Permittiu-lhe que escrevesse uma carta de pezames, e elle mesmo foi o portador a Jorge.

No meado de fevereiro, depois de se trocarem algumas cartas os dois amigos de infancia, Jorge saíu da Guarda, e foi hospedar-se em casa do abastado israelita da Covilhã.

Digitized by Google

Alvoreceu uma estação de felicidade serena para Jorge de Barros. Era a primeira. A familia do hebreu eram meninas e moços de muita policia, virtudes e saber. Simão de Sá passava por fiel observante dos preceitos do christianismo; e seus filhos apenas nascidos, tinham sido lustrados na pia baptismal. Com a condição de ser tão hypocrita como os perseguidores dos judeus, Simão gozava creditos de christão velho, socego e ordem no seu commercio. Algumas ameaças de inquietação costumava elle remi-las a dinheiro de contado sobre o telonio em que os ultrajadores de Christo negociavam a paz dos hebreus poderosos.

O viver intimo d'esta familia judaica era patriarchal. Jorge estranhou a reciprocidade de amor dos irmãos, a ternura de Rebeca por seus filhos, o respeito dos filhos, a devoção com que elles amavam os paes.

Sára estava mais formosa do que tinha sido. Aquelle ambiente de paz coava-lhe ar de saude aos pulmões e luz de dignidade ao espirito. A tristeza do coração magoava-a sem aspereza, porque lhe sorriam esperanças, e a promessa de Jorge era tão sagrada para ella como para Simão de Sá os seiscentos e tres preceitos da lei explicados por Abraham de Ferrára, medico portuguez e seu ascendente.

Narrava Jorge com suave magoa os seus desgostos a Sára, desde que ella saíra do convento da Madre de Deus. Ella escutava-o com o ar melancolico de Ruth, e um lançar d'olhos respeitoso, como se n'aquelle mancebo, tão fidalgo, tão senhor e rei de sua alma, ella

Digitized by Google

visse o Booz das santas escripturas. Amavam-se assim a reverem-se espelhados nos olhos um do outro, e com referencia ao futuro d'ambos nem palavra aventuravam.

Soube Jorge que a afilhada de seu avô se voltára de coração e consciencia ás praticas da religião judaica, e as usava secretamente para não causar desagradavel estranheza ao seu amigo. Observou elle, no primeiro mez de hospedagem em casa de Simão de Sá, desde quinze de fevereiro a quinze de março, se praticaram quatro festividades e quatro solemnes jejuns. Perguntou elle a Sára:

—Que festividades foram estas?... Não me respondes, minha amiga?!... Tão sagrado é o mysterio que até de mim escondas!

—Não... eu digo-lhe se quer, sr Jorge... Este é o nosso mez d'Adar, que começou em meado de fevereiro dos galileus. No oitavo dia celebramos com o jejum a morte de Moisés. No dia nono, jejuamos por que é o anniversario da divisão das escolas de Sciammai e de Hillel. No decimo terceiro dia, é o grande jejum de Esther; e no decimo quarto a grande festa Phurim, ou do resgate do povo. Agora segue o mez de Nisan. A'manhã jejuamos em sentimento da morte do Nadal e Abin, filhos d'Aarão. No decimo quarto é a festa da Paschoa. No quinze, dezeseis e vinte e um, havemos de jejuar por causa do primeiro, segundo e setimo dia dos azimos; e no vigessimo sexto commemora-se a morte de Josué, filho de Nun. Se quer, ajuntou Sára, ensino-lhe todo o nosso calendario.

Digitized by Google

—Não;—disse Jorge—o que eu muito desejava era lêr os vossos livros. O sr. Simão consentirá que eu os veja? Parece-me que já lobriguei n'um quarto que nunca mais vi, nem sei onde é, uma grande livraria...

Sorriu-se Sára, e disse:

—Esse quarto que viu, póde o sr. Jorge procura'-lo na casa toda que o não encontra, salvo se o sr. Simão lhe disser que comprima um botão de bronze do tamanho do seu annel. Mas, se quer, eu farei que lhe abram a porta.

—Desejo muito; porém, não vá ser isso inquietação ao nosso velho...

N'este mesmo dia, Simão de Sá conduziu Jorge de Barros á sua livraria. Como reposteiro á porta da bibliotheca, via-se um painel, que figurava o Sermão da Montanha, quadro fraudulento com que o hebreu edificava os hospedes christãos. O quadro enrolou-se, quando o dedo de Simão carregou na cabeça dourada do prego em que o painel impendia. Descobriu-se um espaço de parede coberta de arraz como o restante da salêta. O hebreu acurvou-se: carregou n'outra mola, que fez subir enrolada uma especie de cortina.

—Aqui tem os meus livros, sr. Jorge. Muitos não lerá, que são hebraicos; mas d'elles ha muitos em latim, castelhano e portuguez. Aqui tem *O livro da fé demonstrada pela razão,* de Scem Tou de Leão. Aqui tem *O livro dos justos,* de Samuel Chasid, impresso em 1581. Este é o *Pão das lagrimas* de Samuel Ozeda de Saphet. Aqui tem o Talmud compendiado por Salomão

Digitized by Google

Luria, e a *Lampada d'ouro* do mesmo escriptor. Aqui tem a *Justiça dos seculos* e mais dezeseis volumes do judeu portuguez Isaac Abravanel, descendente de David, nascido em Lisboa em 1437, e fallecido em Veneza por 1508, quando alli fôra conciliar os portuguezes com os venezianos. Aqui está o *Facho do preceito* e mais seis volumes do israelita portuguez Joseph Ben Don David Ben Don Joseph Abem Jachiia, fallecido na Italia em 1549. Est'outro é *O livro da luz* do hebreu portuguez Jos Ciiahu. Agora lhe offereço um livro do meu ascendente Abraham de Ferrára que excitou a medicina em Lisboa. Lindissimo é ess'outro livro de Abrahão Sabua, tambem portuguez: Chama-se o *Ramilhete de myrrha.* Aqui está o celebrado commentario sobre o Pentatheuco do medico do Porto, chamado Menachem Porto, pae do Grande cabalistico Abrahão Ben Sechiel Cohen Porto, cujas *Aldeias de Jair (Chavoth Jair)* lhe offereço, como leitura encantadora. Finalmente, sr. Jorge de Barros, ahi estão mil volumes de escriptores judaicos. [1] Não lhe aconselho que leia os enfadonhos escrutadores da cabala, que são absurdos, sem serem ridiculos. Os livros de moral parecem-me excellentes, mormente os que procedem

---

[1] Mais de setecentos escriptores israelitas contei no catalogo publicado no 7.º vol. da *Historia dos Judeus* (1710—Paris) *desde Jesus Christo até ao presente, continuação da Historia de Flavio Josepho.* Não vem authorisada; creio, porém, que é de Barnage.

Digitized by Google

dos therapeutas e caraithas. Nem Socrates antes, nem Saulo ou Paulo depois, escreveram melhor.

Começou Jorge a sua leitura pelo *Pão das lagrimas.*

Sára e Judith filha de Simão, sentaram-se uma de cada lado da cadeira do moço, e ouviam-n'o. Era um quadro mimoso para pintura!

---

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO XI

Cessaram as excavações na Bemposta.

D. Francisca Pereira consultou os jurisconsultos para authorisar um requerimento pedindo a prisão de Jorge, como ladrão do annel. Os homens da lei denegaram-lhe apoio a semelhante escandalo da sã moral das familias, e da faculdade que as leis concedem a um avô de dar ao neto um annel não vinculado, nem testado a outrem por instrumento publico.

Ao mesmo tempo, soube D. Francisca Pereira que o filho tinha saído de Lisboa com destino a Castella, engano que os filhos de Diogo de Barros fizeram de industria propalar.

Cuidaram os obreiros das excavações em entulhar as covas e murar as paredes aluidas; porém, nos lanços do palacio antigo, acontecia que umas paredes se desmantelavam em quanto os alveneis refaziam outras. A fidalga espreitava ainda as paredes derrocadas; mas o enthusiasmo da esperança esvahira-se mais depressa que os aromas nada orientaas do cofre saudado com tamanhos jubilos.

Digitized by Google

Dizia D. Francisca Pereira:

—Se esta casa não fosse vinculo, e o cofre aqui não estivesse, vendia-se, que está muito velha, e fede que tresanda desde que se cavou nas lojas.

Dias depois que ella isto dissera, a procurou o provedor das obras do paço para lhe annunciar que o sr. D. Pedro II lhe queria comprar o palacio, e as casas, hortas, jardins e bosques contiguos, no intento de construir alli um palacio real para sua irmã a sr.ª D. Catharina, viuva de Carlos II, rei de Inglaterra.

Digamos breves palavras d'esta rainha.

O leitor sabe que o libertino e empobrecido filho de Carlos I aceitou de Portugal dois milhões de cruzados e a ilha de Bombaim; e, como supplemento áquella, para o tempo, enorme quantia, tambem aceitou a irmã d'Affonso VI como esposa.

D. Catharina era senhora de egregias virtudes e primorosa entre as mais excellentes princezas do seu tempo; porém a formosura com ella tinha sido sovinamente dadivosa.

Um poema de abalisado author, entre os muitos que então celebraram aquelle fausto casamento, pregoa maravilhas da formosura da princeza [1].

Eis aqui um fragmentos da musa dadivosa do nota-

---

[1] Antonio Villas-Boas e Sampayo: «*Saudades* do Tejo e de Lisboa na ausencia da *Senhora Catharina* (sic) rainha da Gran-Bretanha»

Digitized by Google

vel poeta de Barcellos. Está já embarcada a rainha na passagem para Inglaterra:

Via-se a nau feliz empavezada
Flammulas, e bandeiras tremulando,
A quem a nau de Colchos celebrada
Estava entre as estrellas invejando;
E a carroça da Deusa namorada,
Que de Chypre as boninas vai pisando,
Vendo na nau mais alta formosura
Teve em pouco esta vez sua ventura.

Esta oitava póde não prestar; mas fica sempre o merito de dar idéa d'uma esquadra, porque tens tres naus.

A seguinte é mais conceituosa, e orça pela outra na puxada da metaphorica belleza da rainha:

Os cavallos do sol, que cada dia
Pascendo estrellas, vem beber salgado,
Se phaetonte d'elles se confia
Segunda vez se vira despenhado:
Seu gosto fôra só, sua alegria
Levar a Catharina, e seu cuidado,
Era tomar a estrada do Occidente,
Para trocar co'a nau, que o não consente.

Os poetas são a indemnisação das senhoras feias, mormente se ellas são princezas. Não assim os historiadores. Goldsmith reduziu a proporções medianissimas a formosura de D. Catharina para explicar o desamor e

Digitized by Google

devassidão de Carlos II. Historiador melhormente conceituado ainda, David Hume, exprime-se d'este theor:

«Testemunhas de credito dizem que Carlos II delibe-«rou esposar uma princeza de Portugal, sem avisar os «ministros, nem ceder a nenhumas contradicções. O «chanceller, Ormond, e Southampton impugnaram-lhe «o alvitre com numerosas objecções, e mormente insis-«tiram no boato geralmente derramado que a princeza «era incapaz de conceber; sem embargo, todos os argu-«mentos foram rebatidos. Proposto em conselho o nego-«cio, conclamaram todas as vozes approvando o prin-«cipe, e o parlamento condescendeu tambem. Assim se «effectuou, sob côr de universal consenso, aquelle des-«graçado casamento com Catharina, princeza de virtu-«des immaculadas; bem que não vingasse nunca fa-«zer-se amar do rei por graças pessoaes. Não obstante, «a atoarda da sua esterilidade parece que era falsa, pois «duas vezes foi declarada em estado de gravidez [1].»

A' falta do amor do marido, a irmã de Affonso VI acrisolou-se em amor a Deus. Escrevia cartas muito catholicas ao papa Alexandre VIII e aos cardeaes pedindo nomeação de bispos para Portugal, e prosperidades para os catholicos de Inglaterra. Guerreou diplomaticamente os hereges, comquanto o marido favorecesse a reforma. Tambem escrevia cartas ao provincial dos arrabidos de Portugal, pedindo-lhe oito frades, incluindo *um*

---

[1] *Historia de Inglaterra* — t. 6.º pag. 144 e 145. V. de *Campenon*, 1839.

Digitized by Google

*prégador de satisfação, e os mais proporcionados para entoarem o nosso canto de que se hade usar no côro.*

E para lá foram os frades ajuda'-la a passar o arrastado tempo. Pobre mulher! que entretimento aquelle! oito frades da Arrabida! que piedoso martyrio, e que alma tão feriada a Deus, e conquistadora da bemaventurança! Ainda assim, com tão piedoso viver, foi accusada no parlamento de querer propinar peçonha ao marido! O rei propriamente saiu por honra e defeza d'ella. Alguns deputados opinavam que se degolasse Catharina com o cutélo de Carlos I e de Maria Stuart; porém o desterrado amigo de Affonso VI, o marquez de Castello Melhor, tanto rogou e defendeu a irmã do seu rei perante os inimigos conjurados d'ella, que vingou não a prenderem sequer. Em paga d'estes bons e capitalissimos serviços, o premiou a rainha com muito dinheiro e joias, com que elle fundou o morgadio chamado de *Santa Catharina*, em commemoração da infeliz e da divisora senhora. Os fradinhos tambem estiveram a pique de serem dependurados. Um dia os parlamentarios cercaram-lhes o convento, e foram dentro procurar armas. Encontraram umas disciplinas. O Castello-Melhor, tirando-as fóra do prego, disse aos fidalgos invasores: «Estas são, senhores, as armas com que estes pobres homens vos intentam conquistar; e, se quem os accusa a elles usára d'estes instrumentos, vos pouparia esta visita; e ao povo a perturbação em que está.» Apezar d'isto, diz um historiador arrabido que os seus irmãos tiveram muitas vezes na garganta o fio do cutélo.

Digitized by Google

Morreu Carlos II, já convertido á fé catholica, em 1685. D. Catharina, passados oito annos, escreveu a seu irmão Pedro II, significando o desejo de voltar a Portugal, depois d'uma ausencia de vinte e tres annos incompletos. O rei de Portugal cuidou logo da transferencia da irmã. Em 20 de janeiro de 1693, entrou a rainha da Gran-Bretanha em Lisboa, e recolheu-se ao paço d'Alcantará. D'aqui mudou para o palacio do conde de Redondo a Santa Martha; e, não contente do local, passou para o do conde d'Aveiras em Belem. Por ultimo, resolveu edificar palacio no sitio da Bemposta.

Estas divagações enfadosas eram necessarias para de mais longe explicar a quem isto lêr a missão do provedor das obras do paço a D. Francisca Pereira Telles e a seu marido Plecido de Castanheda de Moura.

---

Digitized by Google

## CAPITULO XII

Se acontecesse D. Francisca Pereira gostar da sua casa da Bemposta, ser-lhe-hia inutil responder ao rei que a não vendia. Felizmente para ella a casa estava abalada, e por isso as reaes ordens alegraram-n'a. Cuidou logo em transferir-se para o seu palacio da Pampulha.

A escriptura da venda vae ser textualmente trasladada do tomo nove do *Gabinete historico* de fr. Claudio da Conceição [1]. Reza assim:

«Aos quatro dias do mez de julho de 1701, na cida-«de de Lisboa, rua dos Mouros, a S. Pedro d'Alcantara, «nas casas em que vivia o desembargador Bartholomou «de Sousa Mexia, juiz dos contos do reino e casa, achando-se ahi presente como procurador d'el-rei, e da outra «Sebastião Leite de Faria, escrivão da mesa dos despa-«chos dos contos, em nome, e como procurador de Pla-«cido de Castanheda de Moura, contador-mór dos mes-«mos contos, por virtude de uma procuração, que apre-

---

[1] Pag. 296 e seg.

Digitized by Google

«sentou, e assim o doutor Manuel Gomes de Palma co-
«mo procurador de D. Francisca Pereira Telles, mulher
«do dito Placido de Castanheda, foi dito perante o ta-
«bellião, que elles eram senhores e possuidores de umas
«casas, e outras pequenas com suas hortas, sitas n'esta
«cidade á rua larga da Bemposta, que parte d'elle é mor-
«gado de que elle dito Placido de Castanheda de Mou-
«ra é administrador por cabeça de sua mulher, e a ou-
«tra parte livre e desembaraçada, partem todas por suas
«devidas e verdadeiras confrontações com que por di-
«reitos devam partir; nas quaes se está fazendo um pa-
«lacio para a rainha da Gran-Bretanha, e em razão do
«dito senhor ordenar que se vendessem segundo a ava-
«liação que d'ellas se fez, que são pelo que toca ao dito
«morgado, por preço de deseseis contos quatrocentos e
«sessenta e seis mil seiscentos e sessenta e seis réis, de
«que o dito senhor daria juro real em subrogação d'elle
e livre por doze contos novecentos e setenta e sete mil
«quinhentos e quarenta e sete réis, resolveram o dito
«Placido e sua mulher, em vender, e subrogar as ditas
«casas pelo preço referido. O dito senhor dará um juro
«real para que fique tocando ao dito morgado, em sa-
«tisfação da parte do dito morgado, e seguir a natureza
«d'elle, ficando uma cousa pela outra subrogada, de sor-
«te que as ditas casas do morgado fiquem livres para a
«dita rainha, para quem el-rei D. Pedro as mandou com-
«prar, para que ella faça d'ellas o que lhe parecer, e a
«dita quantia que se ha de dar do juro real fique sendo do
«dito morgado de que é administrador o dito Placido

Digitized by Google

«por cabeça de sua mulher: e parte das casas que são «livres as vendem por doze contos novecentos e setenta «e nove mil quinhentos e quarenta e sete réis de que «logo alli recebeu o dinheiro de contado, com a condi- «ção seguinte:

«*Foi dito pela dita D. Francisca Pereira Telles que «seu pae, o contador-mór Luiz Pereira de Barros, lhe «dissera, que na occasião dos motins recolhera nas ditas «casas em parte occculta grande quantidade de dinheiro, «cujo logar constava das lettras de um annel, que elle «trazia no dedo, ordenava que na hora da morte se lhe «tirasse; e porque o dito annel desappareceu, e o dito «dinheiro se não achou, no caso que em algum tempo «appareça, e se descobrir, lhes ficará pertencendo a el- «les vendedores «in solidum» ou a seus herdeiros e suc- «cessores!*

«Assim o outorgaram, pediram e assignaram... etc.»

Seguem outras condições estipuladas ácerca de pagamento do juro dos padrões, nada importantes á urdidura da historia.

Quando á Covilhã chegou, em carta de Diogo de Barros, a noticia da vehda do palacio da Bemposta e copia da escriptura, Jorge deu como perdido o thesouro, quer se ensenhoreasse d'elle sua familia, quer o sonegassem os alveneis e mais operarios do reviramenro pelo qual tanto as casas, jardins, como hortas e bosquetes deviam geralmente passar desde os alicerces e raizes.



Digitized by Google

Não sem causa entendeu elle que o tosco Neptuno seria apeado, e logo a caixa do repuxo ficaria a descoberto. Este fundado susto affligiu-o grandemente, porque n'aquelle cofre, além da riqueza destinada a futuros contentamentos, estavam objectos sacratissimos para seu avô e para elle.

Bem que Simão de Sá contrariasse, Jorge planeou ir aforrado a Lisboa, entrar á quinta emquanto as demolições se faziam em casa, e subtrahir o cofre. Parecia-lhe isto facil e inquestionavel. As razões allegadas convenciam; e, sobre todas, com uma argumentava elle de muita força.

—Se meu avô soubesse que eu nenhuma diligencia pozera em salvar de mãos extranhas, ou ainda da posse de minha mãe, aquelle thesouro, amaldiçoar-me-hia!

Deu-se, por tanto, pressa em executar o intento, que lhe parecia desempecido de todo embaraço.

E' de saber que Filippe, Garcia, e outros familiares de D. Francisca, desde que os derribamentos começaram, vigiavam juntos ou á vez, os pedreiros e cavadores. Era já notoria em Lisboa a condição da escriptura: muita gente, levada da curiosidade, concorria ás obras da Bemposta, na esperança de assistir á exhumação do thesouro, que os mais imaginosos asseveravam ser enormissimos cabedaes que Affonso VI, antes de ser preso, confiára ao seu amigo Luiz Pereira de Barros.

Alguns obreiros da reedificação conchavaram-se em sonegar dos vigilantes espreitadores os logares em que algum indicio topassem do caixão enterrado. Estremu-

Digitized by Google

nhados pela espora da cubiça, erguiam-se á meia noite os que ficavam de guarda ás ferramentas, e cavavam e revolviam entulhos, até á madrugada, nos sitios que deixavam de vespera intencionalmente mal rebuscados. Por maneira, que as avenidas do palacio quasi arruinado eram tão vigiadas de dia como de noite.

D. Francisca Pereira, avisada dos trabalhos nocturnos, mandou para as obras pernoitar creados de confiança, os quaes, conloiados com os pedreiros, proseguiam nas excavações, pactuados em repartirem irmãmente o thesouro.

Das pesquizas interiores passaram a descalçar e cavar no chão dos caramanchões, e no lageado das fontes. Chegaram a desguarnecer as paredes dos azulejos, e a derrubar estatuas do jardim para descoser as pedras das peanhas. Da noite ao dia era prodigioso o progresso das ruinas, no decurso de tres semanas.

Os incansaveis exploradores approximaram-se uma noite do tanque do Neptuno; saltaram dentro alguns; levantaram a tampa do aqueducto por onde se desobstruia n'outro tempo o encanamento. Palparam. Entrou o mais afouto á mina, e voltou praguejando, e dando ao diabo a alma e os braços de quem enterrára o dinheiro e os trazia tresnoitados. O deus do mar, que alli estava com a bocca aberta, parecia rir d'elles. Um dos pedreiros reparou na cabeça de Neptuno, e disse que lh'a quebrava, se não fosse a imagem de S. Pedro. Perguntou outro porque tinha elle o gadanho na mão, sendo o costume usar S. Pedro de chaves. O interrogado satisfez a

Digitized by Google

critica do companheiro, esclarecendo que o pau com tres ganchos era ferramenta de andar á pesca, no tempo em que o santo vivia de pescar; pela qual razão o metteram os antigos n'aquelle tanque.

Com estas e outras interpretações não lidas nos florilegios, nem na *Legenda aurea* de Voragine, affastaram-se d'alli os pedreiros, e foram desfazer uma casa de fresco já meio desmantelada no fundo do bosque.

N'uma d'estas noites d'agosto, por volta de onze horas, avisinharam-se das obras da Bemposta dois sujeitos rebuçados de maneira que deram nos olhos d'alguns pedreiros deitados em palestra no terraço onde tinha sido o pateo do palacio: a muita calma e o muito encapotar-se dos vultos eram coisas que se não compadeciam sem suspeita dos alveneis.

Era Jorge de Barros e o escudeiro Antonio Soliz.

Jorge parou defronte d'aquellas ruinas, e disse:

—Antonio, vê tu a casa de meu avô!...

E o velho, debulhado em lagrimas, apenas respondeu com soluços.

—Ainda ha nove mezes que saímos d'aquella porta com meu avô nos braços!...—continuou Jorge.—Que voltas, Antonio!... Que mudanças!...

—Não se esteja affligindo, sr. Jorge—disse o escudeiro—Pensemos no a que viemos... Eu vejo no pateo uns homens que nos estão olhando...

—Que nos faz a nós isso? Passemos adiante. Vamos rodear a quinta; póde ser que alguma parte do muro já

Digitized by Google

esteja arrazada. A minha opinião é que o tanque de Neptumo já lá vae...

Deram volta ao muro da quinta, e não acharam lanço accessivel. Desandaram, praticando no modo de entrarem, mediante uma escada, na seguinte noite. Pararam novamente diante da fachada do palacio. O escudeiro quiz evitar que o amo se approximasse de um pedreiro que sahira á rua e se assentára no friso do cunhal da casa tangendo n'uma bandurra, e cantarolando trovas, allusivas aos dois embuçados que elle imaginou amadores das proximas visinhas. Dizia a letra:

*O' luar da meia noite,*
*Tu és o meu inimigo*
*Estou á porta de quem amo,*
*E não posso entrar comtigo.*

O pedreiro, se não era o inventor da trova, não tinha obrigação de ser mais correcto que o menestrel. Acercou-se Jorge do epigrammatico trovador, e disse-lhe:

—Amigo, boas noites.

—Deus o guarde, senhor! —respondeu cortezmente o o pedreiro, como visse lampejar, na orla do reguingote do embuçado, a ponteira amarella d'uma bainha.

—Estaes folgando com a vossa bandurra?—tornou Jorge.

—E' verdade, senhor: a gente com a calma nem dormir póde.

—Sois, pelos modos, alvenel da casa da sr.ª rainha da Gran-Bretanha...

Digitized by Google

—Sim, senhor.

—Vão adiantadas as obras?

—Isto vae de galope: não cançam braços nem dinheiro.

—E o tal thesouro appareceu?—voltou Jorge.

—Qual thesouro nem qual carapuça! Teem ahi cavado n'esse chão que é um por demais! A quinta está toda minada, e até á data de hoje o que appareceu é pedregulho. Eu acho que o tal velhote, que morreu, enterrou tanto dinheiro na quinta como o que eu tenho, que não é nenhum!

—E minaram tambem a quinta?—perguntou Jorge com interesse.

—Sim, senhor, tudo até lá baixo.

—E tambem chegaram á matta?

—Ora! como o senhor sol! Havia lá uma casinha de fresco de porta aguçada á antiga; pozeram-na de feitio que parece uma cisterna.

—Então tambem desfizeram o tanque...

—O tanque que tem o S. Pedro com a gadanha? Nada esse lá está. Acho que foi p'r'amor do santo que o não escangalharam, mas já lá andaram homens na mina aqui ha quatro noites atraz, e saíram de lá sem uma de tres réis. Os filhos do sr. contador-mór de quem era este palacio tambem lá foram, assim que souberam que os pedreiros lá tinham ido. Os fidalgos desconfiam de toda a gente, e não querem saír de cá. De dia veem elles, e de noite trazem criados a rondar a casa e a quinta. Afinal, amanhã ou depois vem tudo isto abaixo;

Digitized by Google

e, assim que os alicerces começarem, o dinheiro, se cá está cá fica.

O escudeiro, temeroso de que alguma impensada pergunta de seu amo désse ao pedreiro suspeitas da localidade do cofre, levou-o d'ali, tirando-o brandamente pelo braço.

A'quella hora recebia D. Francisca Pereira Telles denuncia de ter saido da Covilhã seu filho Jorge.

A precatada fidalga, mediante o valimento de seu marido com os recebedores em todas as cabeças de comarcas, conseguira estabelecer na Guarda e Covilhã uma atalaia aos passos do filho. Surprehende'-lo no lanço em que elle pessoalmente diligenciava apossar-se do cofre era a ultima esperança e maximo empenho da infatigavel mulher. N'este proposito desistiu de espicaçar o conselho geral da santa inquição, formado de frades de S. Domingos. Avisadamente pensou ella que afugentar a judia, caso ella estivesse na Covilhã, seria afugentar o possuidor do segredo. Perder-se o cofre para ella, embora se perdesse tambem para Jorge, não lhe era sufficiente consolação. D. Francisca antes queria o dinheiro que vêr Sára na fogueira, ou pelo menos, optava pela mais incerta das coisas, visto que os frades eram menos engenhosos em desencantar thesouros, do que em transferir ao inferno a alma extrahida d'um corpo queimado.

Recebida a nova e confirmada no dia seguinte por um proprio, que seguira o itenerario de Jorge, com distancia de cinco leguas, D. Francisca chamou a conselho

Digitized by Google

os filhos, que logo ao primeiro aviso, saíram com os creados a rondar a rua da Bemposta, uma hora depois que Jorge retirára a hospedar-se em casa de Diogo de Barros. Para a noite seguinte, deliberaram Garcia e Filippe emboscar-se com os creados nas visinhanças da casa entre as arvores da quinta, e esperarem a provavel entrada d'elle pelos muros.

O plano traçado era vigiar a direcção de Jorge; e, logo que elle denunciasse com o rumor de deslocação de pedra o local do cofre, afugentarem-n'o a tiros de polvora secca. As maternaes entranhas de D. Francisca Pereira tiraram a partido que, sómente em ultimo recurso, fizessem sangue.

Ao anoitecer, os irmãos de Jorge recolheram-se com quatro creados á quinta, e confiaram a ronda exterior do palacio ao mais valente e sagaz de todos, posto que saxegenario, o qual era o cocheiro do defunto Luiz Pereira de Barros. Este homem, posto que de condição bastante má para atraiçoar a confiança da ama, tinha uma fibra incorrupta no coração: era o reconhecimento ao velho escudeiro Antonio Soliz, que muitas vezes o soccorrera em apertos de dinheiro, quando, no meado do mez, tinha esvasiado por tavernas e bordeis o ordenado e a quantia a maior que o fidalgo lhe dava para as despezas da cavallariça. De mais d'isto, se Luiz de Barros por outros motivos queria despedi'-lo, o escudeiro requeria-lhe o perdão do creado, e conciliava a indulgencia do amo.

Ora, o escudeiro condoía-se d'este homem, por ana-

Digitized by Google

logia de desgraça com a sua sorte no berço. O povo tumultuoso de 1640 matara-lhe o pae, arcabuzeiro inoffensivo, que cumpria suas obrigações de soldado á porta do paço, e nem sequer apontára o ferro ao peito dos invasores. Luiz de Barros condoera-se da viuva e do filho recemnascido, alimentou-os, e levou para seu serviço o rapaz mal dotado de instinctos, mas amparado pela misericordia do fidalgo e bondade do escudeiro.

Era, pois, este o encarregado de vigiar que Jorge se não introduzisse por alguma das portas do já quasi derruido palacio. Ao fim da tarde, saíu elle, e foi a casa de Diogo de Barros. Procurou Antonio Soliz; e, como lh'o negassem, insistiu, dizendo:

—Ora vamos, não me queiram enganar, que é escusado... Digam-lhe lá que está aqui o Bonifacio, cocheiro.

Dado o aviso, Antonio appareceu, e não hesitou em chamar Jorge, assim que Bonifacio lhe contou o modo como a fidalga soubera da chegada d'elles a Lisboa.

Ouviu Jorge os pormenores da emboscada, pagou generosamente a denuncia, e despediu o cocheiro de seu avô. N'essa mesma noite, dizia a seu tio Diogo de Barros:

—Sou uma baixa alma, meu tio.

—Porque, Jorge?!...

—Porque deixei um thesouro de alegrias inestimaveis, e vim procurar outro cuja conquista me poderia custar a vida; e, se acontecesse saír-me eu illeso d'esta façanha, o ouro e pedras que o cofre encerra não basta-

Digitized by Google

riam a comprar um contentamento. Fique-se embora o dinheiro maldito que tem condemnação fatal! Eu vou-me a toda a pressa procurar o thesouro que deixei; e esse sei eu e juro que hei de encontra'-lo... é o coração de Sára.

E, n'esta mesma noite, saíu de Lisboa.

---

Digitized by Google

## CAPITULO XIII

D. Francisca duvidou das informações dos seus espias da Guarda, e Covilhã, ao fim de oito dias de inutil espera na Bemposta.

Em quanto os fidalgos, espancando o somno para espertarem os creados, passavam más noites escondidos por entre ramagens e rimas de entulho, o velho Bonifacio remoçava as cans n'uma taverna de Andaluz, ou se adormecia regaladamente sobre a enxerga mais convisinha da pipa do Collares. Bem de estomago, melhor d'algibeira, e optimo de consciencia, Bonifacio entendia que já na terra saboreava o céo das boas acções.

Emfim, recolheram-se as roldas e sobre-roldas, por que D. Francisca teve aviso da volta de Jorge á Covilhã. Então cuidou ella que o filho desenterrára o cofre logo na primeira noite da entrada em Lisboa. Mandou que se interrogassem os pedreiros sobre se algum desconhecido penetrára a quinta n'aquella noite. Contou um pedreiro que estivera falando com dois homens embuçados, e referiu algumas perguntas que um d'elles lhe fizera. Isto bastou a considerar-se lograda irremediavel-

Digitized by Google

mente D. Francisca. Abrasaram-n'a chammas de rancor ao filho e á memoria do pae. Insultou o marido, que meigamente a consolava. Solicitou de novo, para a captura do filho, ordens absurdas que Diogo de Barros contraminava. Passou-lhe pelo espirito revolvido em infernos de impotente vingança denunciar o filho á inquisição como renegado e circumciso por amor de Sára.

Na cogitação d'este projecto, cuja protervia não ultrapassa os limites logicos da vingança n'alma desmoralisada, salteou-a castigo da visivel Providencia.

Filippe corria amores no mosteiro de Odivellas com uma religiosa de familia muito illustre de Lisboa, senhora desempoeirada e voluntariosa que trazia o convento em descredito e as superioras consternadissimas. Os gemidos da virtude escandalisada já tinham chegado ao paço. Pedro II, depois do fallecimento de sua segunda mulher, caíra em si, se não é mais exacto dizer que o demonio do remorso lhe caíra ás cavalleiras. Como quer que fosse, o rei fez-se beato, amicissimo de frades ascetas, zeloso guarda das leaes esposas do Senhor, e desaffeiçoado ás infieis. Os queixumes da prelada de Odivellas commoveram-n'o e irritaram-n'o contra a freira e contra o filho do contador-mór. Chamou á sua presença os paes d'ambos os delinquentes: o da freira quiz desculpar-se com a pertinacia de Filippe de Moura Telles; e Placido de Castanheda fingiu que podia muito com o filho, e o desprenderia para sempre dos criminosos affectos.

Esteve alguns dias a religiosa fechada como em pri-

Digitized by Google

são nos seus luxuosos aposentos; e Filippe, reprehendido pelo pae, transigiu por algum tempo com a vontade do rei, e rogos carinhosos da mãe.

Por ventura, o amarem-se muito, e a condição inflexivel de ambos, fez que reincidissem, volvido um mez, nas mesmas imprudencias de colloquios nocturnos, já não insuspeitos de escalada. Foram outra vez á ourela do throno as lagrimas da communidade levadas por fr. Manuel de S. Placido, da ordem terceira, muito querido do rei. [1]

Pedro II mandou prender no Limoeiro Filippe de Barros, e remover a religiosa incorrigivel para um convento da Beira.

O valimento do contador-mór, e instancias de D. Francisca Pereira com parentas damas de honor, conseguiram a liberdade de Filippe, sob condição de não mais inquietar a freira.

Estas coisas tinham passado nas tres semanas anteriores á ida de Jorge a Lisboa, e no entanto o conde de S. Vicente, pae da religiosa, inflexivel, conseguiu leva'-la da Beira para o mosteiro de Chellas.

Eram amores mal sorteados aquelles!

Filippe, sem resguardo dos irmãos d'ella, homens de

---

[1] A este frade dizia Pedro II, no ultimo dia de vida, cinco annos depois: «Amigo, encommende-me a Deus, que n'esta hora se conhecem os amigos, e lembre-se de pedir da minha parte perdão á ordem terceira das omissões que tive em a servir.» Que reis e que frades!

Digitized by Google

pundonor e já fatigados de aquinhoarem do descredito da irmã, apparecia em Chellas, esporeando o folheiro cavallo, cortejando as damas que lhe fazia os costumados signaes, e deixava cair bilhetes esperançosos de mais felizes encontros.

Avisada a familia da freira, sairam para Chellas os dois irmãos, que serviam grandes postos no exercito. Um d'elles affastou-se da estrada para não serem dois os aggressores; o outro saíu de frente a Filippe de Barros, e levou da espada, assim que Filippe se deu ares de accomettel'-lo. A pugna foi rapida, e funestissima para o filho de D. Francisca Pereira. O estoque saltou-lhe da mão, ao tempo que a espada do contendor lhe ensopava em sangue os rufados da gorgeira.

Era ao cair da tarde, quando D. Pransisca scismava em denunciar Jorge á inquisição, e recebia a nova de estar seu filho Filippe morto na azinhaga de Chellas.

Era de lama petrificada a alma d'aquella mulher! Em vez de dobrar o pescoço debaixo das mãos da Providencia, rompeu em blasphemias que as masmorras da inquisição nunca tinham ouvido dos israelitas postos a tormento.

Placido de Castanheda de Moura foi queixar-se ao rei.

Pedro II, ouvidas as exclamações do contador-mór, disse-lhe seccamente:

—Ide queixar-vos perante os juizes, que não sou eu ministro das leis. Se tivesseis uma filha, e um libertino vol-a andasse deshonrando, e vossos filhos matassem o

Digitized by Google

libertino, e o pae d'elle aqui viesse queixar-se como vós, malda'-lo-hia, como vos mando, requerer vossa justiça onde cumpre. Matar só Deus: castigar matadores só a lei. Pedro I, o justiceiro, não sei se vos faria tanta honra como eu. Vosso filho, segundo estou informado, não prestava para nada. Além de que, accrescentou o rei, quem viu morrer vosso filho?! Como sabeis que o mataram os filhos do conde de S. Vicente?

—Elles foram, senhor, que já o haviam ameaçado — respondeu timidamente Placido.

—Ameaças não provam: e demais, vosso filho mal fez em desprezar o aviso, e vós mal fizestes em desattender as minhas reflexões.

O sobr'olho de Pedro II impunha silencio. O contador-mór genuflectiu com a perna direita, arqueou-se como se agradecesse uma mercê, e saíu, ás recuadas, consoante o ceremoneal, da presença do rei mal assombrado.

O irmão d'Affonso VI dão perdoara aos descendentes de Luiz de Barros, o qual, desde a prisão d'aquelle singular desgraçado, nunca mais pisára tapetes do paço, nem mais quizera encarar no incestuoso verdugo do seu rei.

Os homicidas chegaram impunemente á presença de Pedro II. Os corregedores e quantas garnachas decoravam o templo da justiça, não tinham que vêr com os filhos de Bernardo de Tavora, general de batalha, conde de S. Vicente.

N'aquelles tempos de santa saudade, para os pregoeiros das *virtudes de nossos antepassados*, casos de homicidio, denegridos por mais atrozes circumstancias do

Digitized by Google

que a morte do filho do contador-mór, se executavam com analoga e mais escandalosa impunidade.

Aqui vem de molde referir um successo, que não prende com este romance, e todavia dá a medida da força das leis em antagonismo com a força bruta dos pulsos fidalgos.

Seis annos depois do periodo em que vae correndo esta narrativa, já quando os esplendores de D. João V alumiavam mais os espiritos, passou o caso seguinte, referido pelo cavalheiro de Oliveira [1]:

«Um corregedor guardava uma porta da egreja da casa professa dos jesuitas, quando alli se celebrava grande festividade. Sómente o rei havia de entrar por aquella porta. Chegaram aqui o marquez das Minas e o conde da Atalaya; mas o corregedor com razão lhes vedou o praso. Insistiram dizendo ao ministro que as ordens recebidas não podiam entender-se com pessoas de sua esphera. Redarguiu o corregedor que as ordens ninguem exceptuavam, e portanto, sem que o rei entrasse, não podia elle permittir que entrasse quem quer que fosse. Aquelles senhores podiam entrar por outras portas francas a toda a gente. Não obstante, obstinadamente exigiram do corregedor uma distincção que elle não podia dar-lhes sem transgredir os deveres... Os dois fidalgos, depois de o terem insultado, passaram ás ultimas. O conde da Atalya deu com o chapéo na cara do

---

[1] *Amusement périodique*. Lond. 1761. Vol. 2.º, pag 149..

Digitized by Google

corregedor, e o marquez das Minas trespassou-o com a espada e matou o. Em seguida cavalgaram, e sahiram do reino. O marquez das Minas *foi perdoado e voltou ao reino* [1].»

Crê o leitor que não obstante o perdão, o marquez das Minas passaria o restante da vida sequestrado das graças do monarcha e da convivencia das pessoas de bem? Não faça juizos temerarios o leitor: o marquez das Minas recebeu o indulto, e ao mesmo tempo o bastão de general.

Já vimos a justiça dos homens; agora vejamos a da Providencia. Servia no exercito portuguez um castelhano chamado D. Juan de la Cueva, que não dava *excellencia* ao seu general, marquez das Minas, sem

---

[1] O cavalheiro de Oliveira não designa o tempo de expatriação no marquez das Minas, conde do Prado. Deviam ser dez annos, segundo a sentença manuscripta de que dá noticia o sr. Innocencio Francisco da Silva, a pag. 233 do 7.º tom do *Dicc. Bibliog.* Diz assim: Sentença da Relação de Lisboa, contra os condes do Prado e da Atalaya por matarem publicamente o corregedor do Bairro-Alto no exercicio da sua auctoridade. O primeiro, tendo-se evadido, foi justiçado em estatua; o segundo condemnado a degredo por dez annos, e ambos em multas pecuniarias.» Creio que ha equivoco na transcripção da sentença. O queimado em estatua foi o conde de Atalaya, que, no dizer do cavalheiro de Oliveira, morreu furioso em Vienna, depois de ter militado no exercito do imperador da Austria. Emquanto ao marquez das Minas presume-se que lhe foi aligeirada a sentença, visto que o citado Oliveira diz que obteve perdão e voltou a Lisboa.



Digitized by Google

que este lhe désse *senhoria*. Ora, o marquez, assassino do corregedor,—diz o cavalheiro de Oliveira—era soberbo e arrogante. Um dia, ao intardecer, saía elle da portaria da congregação de S. Filippe Nery, a tempo que desgraçadamente *Juan de la Cueva* ia entrando. Cortejou elle o marquez que lhe não deu a pretendida *senhoria*, e por isso *de la Cueva* lhe não deu *excellencia*. O general, grandemente irritado, levantou o bastão e proferiu palavras ameaçadoras. *De la Cueva*, sem lhe dizer palavra, trespassou-o com a espada. O marquez não tugiu nem mugiu: quando caíu por terra já ia morto. O padre que o acompanhára até á portaria, e era confessor d'elle, apenas teve tempo de lhe apertar a mão. *D. Juan de la Cueva* pôde escapar-se, e refugiou-se em Hespanha[1].

Na jurisprudencia divina a justiça mais seguida é a pena de Talião.

---

[1] *Amusement*. 2.º v. pag. 147 e 148.

Digitized by Google

## CAPITULO XIV

D. Francisca Pereira caíu afinal extenuada. O bravejar da raiva prostrou-a. O rancor ao filho Jorge declinou mais assanhado sobre os filhos do conde de S. Vicente. As pragas que ella jurou sobre aquella familia tão prospera nos reinados de Pedro II e João V, cuidaria ella que se empregaram, cincoenta e tres annos depois, na familia Tavora, se podesse antever os cadafalsos, e o esquartejamento e as labaredas, na praça da Junqueira!

Mas a neta de Leonor Telles não se contentaria com prever a morte affrontosissima dos descendentes do homicida. Mãe, a um tempo estremosa com aquelle filho, e ferina de coração, pedia a brados vingança prompta e estrondosa. Era-lhe incomportavel agonia não ter filho que ousasse affrontar-se com os Tavoras, porque o afeminado Garcia attendia seriamente a conservar-se, e a mandar á posteridade sua raça na pessoa de seus descendentes.

Esqueceu-se, pois, da teia que andava urdindo contra

Digitized by Google

Jorge; ou, a não esquecer-se, reservou a postêma para supuração mais opportuna.

E, entretanto, o hospede de Simão de Sá planeava ganhar sua vida, fundamentar alguma base de negocio ou industria com o dinheiro que seu avô lhe tinha mandado tirar das gavetas do contador. O israelita desviava-o de misteres incompativeis com o seu nascimento, offertando-lhe dos seus haveres o necessario para socegadamente esperar monção de tomar conta assim do thesouro, como do patrimonio advindo por morte de pae ou mãe. Esta generosidade não o demoveu; todavia, Jorge de Barros, combatido pelo espirito de raça, ao qual as idéas do temperamento o avassallavam, projectou ir fóra de Portugal, e, a salvo da critica, mercadejar ou estabelecer officinas, entregando a mordomia do seu trafico a Antonio Soliz.

Simão de Sá tinha em Amsterdam parentes, uns fabricantes de estofos, e outros typographos abastados, bisnetos de judeus que, em tempo de D. Manuel, João III, e do cardeal-rei, para lá tinham fugido ao latrocinio, á violação de suas filhas e ao fogo. A intercessão de seculos e da longitude não bastára a romper os laços de sangue entre os hollandezes, que falavam da patria de seus avós com a herdada saudade de seus paes, e os Sás da Covilhã, que davam conta aos outros do infortunio desesperançado dos israelitas portuguezes. Jorge tencionava, por tanto, ir morar em Hollanda, levando recommendações para os hebreus poderosos de Amsterdam. Sára escutava com oppressivo silencio estas deli-

Digitized by Google

berações, e não ousava perguntar a Jorge qual seria depois o seu destino d'ella. E o moço, ao contempla'-la assim triste e calada com sua immensa dôr, entreabria-lhe n'um sorriso uns vagos lampejos de luz de bemaventurados, que ella não sabia explicar-se nem perguntar.

Um dia, duas semanas antes da projectada viagem, Jorge recolheu-se com Simão de Sá e Sára á livraria, em que o mais das horas lhe fugiam entretidas e desassombradas de penosas cogitações.

A judia não desfitava os olhos d'elle, em quanto os labios se não abriram com estas palavras:

—Meu bom amigo, eu affiz-me a olhar em Sára como em suas filhas. Como filha a encontrei querida e estimada n'esta casa. Aqui a respeitei como a tinha respeitodo sob o tecto protector da casa de meu avô, onde ambos nos creámos. Dito isto, sr. Simão de Sá, eu não pergunto a Sára se me ella quer dar a sua vida como sei que me ha dado o coração; a vossa mercê pergunto se lhe praz o nosso casamento.

Sára ergueu-se sobresaltada com as mãos erguidas, desatando dos labios um ai, já quando as lagrimas lhe tremiam nas palpebras. Simão foi de encontro ao peito de Jorge, e abraçou-o com vehemencia de arrebatada alegria. Depois, desprendido dos braços de Jorge, tomou Sára pela mão, levou-a ás mãos do mancebo, e disse-lhes muito commovido:

—Sois dignos um do outro; e eu, pelo muito que vos quero, e pelo muito que a Deus tenho pedido boa sorte para vós, digno sou tambem d'este contentamento.

Digitized by Google

Jorge continuou, largando as mãos de Sára:

—A ti me ligo, pobre menina, porque te quero muito, e vi que a nobre alma de meu avô te considerava como se te houvesse destinado para minha mulher. Porém, se menos te amasse, Sára, ainda assim te diria: sê minha esposa, pelo que tens padecido; acceita-me esta remuneração dos involuntarios perigos em que arrisquei tua vida. Minha mãe queria-te morta, dôce creatura que Deus defendeu da ira de uma mulher, cujas entranhas, assim que eu nasci, ficaram para mim cheias de peçonha. Deus me defendeu a mim com o anteparo de meu avô, porque a Providencia de christãos e israelitas viu que ambos nós eramos injustamente perseguidos. A perseguição dá-nos treguas; mas voltará mais assanhada talvez: confiemos na protecção do alto. Agora, em quanto a tempestade se está formando, fujamos para algum remanso. Vaes comigo para Hollanda; serás o amparo e estimulo de minhas forças, quando a desgraça as quebrantar. Nasceste no trabalho, serviste ingratos, endureceste o teu seio na peleja contra a dureza do teu destino. Não extranharás a pobreza, quando ella chegar. Estás contente, Sára?

—Sr. Jorge! abençoada seja a sua resolução! abençoada e perdoada seja sua mãe, que me preparou esta alegria!—exclamou Sára com transporte, beijando-lhe as mãos.

E Jorge atalhou-a:

—A nossa união será feita com o ritual catholico. O meu espirito não está preoccupado de religião nenhuma;

Digitized by Google

todavia, a mesma razão d'uma quasi indifferença, faz que eu não passe da religião com que me crearam para outra, cujos dogmas me não convencem. O casamento, como sacramento, já póde muito sobre a consciencia: é um habito que assumiu as proporções de consagração e identificação de duas vidas n'uma. Desejo, por tanto, que nos ligue o sacerdote catholico: qualquer outra ceremonia seria superflua, se o sr. Simão de Sá pensa que o ceremonial mozaico é indispensavel ao casamento.

—Não, sr. Jorge—disse Simão—o Deus de israelitas e christãos me livre de contraria'-lo. Respeitemos reciprocamente a nossa fé. Minha filha Judith vae tambem ligar-se a meu sobrinho Eliakim. Hão de ir ao templo dos christãos, porquè n'essa conta são tidos; depois, hão de ligar-se conforme o ceremonial da benção judaica; mas meu sobrinho e minha filha seguem rigorosamente a lei mosaica. Se o sr. Jorge consente, eu farei que as duas allianças se celebrem no mesmo dia, e será depois testemunha da benção nupcial da minha Judith, segundo o ritual hebreu.

Jorge aceitou alegremente o convite. Entregou a Simão a certidão do baptismo de Sára; e, voltando-se á jubilosa menina, disse:

—Lembras-te de meu avô quando na pia baptismal te poz a mão na fronte?

—E o sr. Jorge segurou nas mãos a corôa de Maria, mãe de Christo...—recordou ella.

—Quem então diria!...—balbuciou o moço.

—Eramos tão pequeninos então!...—volveu a judia

Digitized by Google

—o sr. Jorge sentava-se ao pé de mim, quando me via chorar com saudades de minha mãe, e dizia-me: «anda brincar comigo, que eu peço a meu avô.» Outras vezes, ia dizer áquelle santo velho, que está na gloria dos justos, que eu estava a perguntar se minha mãe tinha morrido no auto da fé. O sr. Luiz de Barros mandava-me chamar para ao pé de si, e distrahia-me com meiguices, que eu agradecia com lagrimas...

—Não recordes, atalhou Jorge, que eu ainda não tenho coração que sem torturas escute falar de meu avô. O futuro, Sára, o futuro! Sejamos dignos da benção d'aquelle santo homem.

---

Digitized by Google

## CAPITULO XV

Celebraram-se as nupcias de Jorge de Barros e Maria de Carvalho. Causou estranheza o successo aos fidalgos da Covilhã, porque o acto foi publico. O enlace de mancebo de primeira nobreza com uma christã nova era caso singular, desde que D. Manuel desprestigiára a riqueza dos hebreus, roubando-lh'a com a vida. Não acontecia assim na época em que os israelitas se nobilitavam em Portugal, á semelhança d'um Moisés Navarro que instituiu em Santarem um dos mais maiores vinculos do seculo XIV com permissão de D. Pedro I.

Assim que a noticia soou fóra do templo, metteu-se logo a caminho um portador para a Guarda, e d'aqui para Lisboa cartas avisando D. Francisca Pereira Telles do despejo, senão apostasia, do filho.

A' hora, porém, em que a fidalga devia receber a nova, já Sára e seu marido teriam no mar alto a defeza das ondas, levantadas entre o seu amor e o paço dos Estáos [1].

---

[1] O paço dos Estáos, onde hoje está o theatro de D. Maria foi o tribunal do santo officio.

Digitized by Google

Como se disse no capitulo anterior, Simão de Sá destinou que, no mesmo dia, se casassem sua filha Judith com Eliakim. Como simulados christãos, os noivos receberam as bençãos do padre catholico, e foram depois secretamente rivalidar sua união segundo o ritual judaico.

Jorge era já como da familia, bem que não praticasse o mozaismo. Foi-lhe permittida a assistencia ao acto, que elle ardentemente desejava presenciar.

—Para satisfazer-lhe completamente a sua curiosidade—disse Simão de Sá—convem referir-lhe as ceremonias que já precederam esta final ceremonia do casamento. Ha seis mezes que meu sobrinho Eliakim entrou n'esta casa, e, em presença de testemunhas, disse a minha filha: *Sê minha mulher*. Ao mesmo tempo deu-lhe um annel, ceremonia que aboliu a outra mais antiga de uma moeda de indeterminado valor. Depois, meu sobrinho dotou minha filha, por que entre nós as mulheres não podem levar aos maridos dotes consignados em escripturas. Assim que os noivos reciprocamente consentiram, o rabbino proferiu uma breve oração em louvor de Deus que permittiu o casamento e prohibiu o incesto. Os mancebos e donzellas, que assistiram a este acto, lançaram ao chão as bilhas que trouxeram, quebrando-as, como presagios de abundancia e prosperidade. Os esposos beberam depois algumas gotas de vinho d'uma taça commum, e quebraram-n'a tambem. Quer isto significar a communidade e fragilidade dos bens da fortuna. Eis aqui o que, ha seis mezes, se passou. Agora. verá o res-

Digitized by Google

tante. Como não temos synagoga, as ceremonias fazemol'-as em casa.

Conduzido, depois d'esta breve narração das precedentes ceremonias, a uma sala luxuosamente decorada com antigos adornos, que deviam ter sido de templos anteriores á perseguição, viu Jorge de Barros entrar a noiva scintillante de pedraria, debaixo d'um docel, arvorado por quatro mancebos. Todas as pessoas, que estavam na sala, á entrada de Judith, disseram: *Bemdita seja quem seja.* [1] Em seguida, accenderam cirios, rodearam a noiva, e cantaram uma suave e afinadissima melodia. Depois, a esposa fez tres giros em redor do esposo, em virtude de Jeremias ter dito: *a mulher rodeará o homem.* Assim que ella parou, Eliakim deu duas voltas em redor de Judith.

Os circumstantes, logo depois, espargiram alguns grãos de trigo sobre os esposos, exclamando: *crescei e multiplicae-vos,* em quanto Simão de Sá semeava n'um vaso de terra algumas d'aquellas sementes, para depois, desabrochados os grãos, os levar aos esposos como symbolo de prompta propagação.

Collocou-se a esposa á mão direita do marido, porque o psalmista disséra: *tua mulher está á tua direita.* [2] Voltou-se ella para o lado do meio-dia, e cobriu-se com um manto chamado thaled, do qual tambem se cobriu

---

[1] Jér. c. 31, v. 22.

[2] Ps. c. 45, v. 10.

Digitized by Google

o esposo, porque Ruth disse a Booz: *Estende o teu manto sobre a tua serva.* O rabbino tomou um copo de vinho, e offereceu-o a Eliakim, bemdizendo o Senhor porque creou o *homem e a mulher, e defendeu o incesto e ordenou o matrimonio.* Eliakim bebeu d'aquelle vinho, deu um annel sem pedra a Judith, e disse-lhe: *Eis que és minha esposa, conforme o rito de Moisés e de Israel.* Repetiu-se a offerta do vinho á esposa por um gomil estreitissimo, visto que era donzella. Se fosse viuva, a bocca do gomil devia ser mais ampla. Em quanto os assistentes entoaram seis bençãos, os esposos beberam, e lançaram fóra o vaso, em signal de alegria e abundancia.

Seguidamente, passaram á mesa onde estava posto um primoroso jantar. O primeiro prato servido a Judith foi uma gallinha e um ovo. Assim que a noiva provou da gallinha, trincharam-n'a e repartiram-n'a pelos convivas. N'este ponto, Simão de Sá pegou do ovo, sorriu-se, e riram todos, excepto Jorge.

—Sabe o que este riso quer dizer, sr. Jorge?—perguntou Simão.

—Não sei.

—E' que a praxe manda que se atire o ovo ao nariz do christão que assistir á ceremonia.

—Em tal caso, tornou Jorge, não quebrantem o ritual. Aqui lhes offereço o nariz.

—Está dispensado, disse Judas Bem Tabbay, o rabbino que viera de Bragança celebrar o casamento.

Durante o jantar, cantaram-se sete bençãos.

Digitized by Google

Ao anoitecer, dois hebreus de edade, denominados *paranymphos,* conduziram os esposos ao seu aposento.

Assim findaram aquellas ceremonias. Havemos de alcunha'-las de ridiculas, quando expurgarmos a nossa religião d'outras que sobreexcedem aquellas em ridiculez.

---

Digitized by Google

Digitized by Google

# PARTE SEGUNDA

---

## CAPITULO I

Desde 1701, anno em que Jorge de Castanheda de Barros casou, até 1712, resumiremos os factos contingentes á nossa narrativa, poucos e de mediano interesse.

D. Francisca Pereira, sabedora do casamento do filho, pulou enfurecida como se lhe espremessem fel e vinagre na chaga da outra maior punhalada.

—Um filho assassinado, e outro judeu! exclamava ella. E eu sem marido, nem parentes que me vinguem!

Estes brados iam espedaçar o marido, que caira enfermo e aborrecido da vida, assim que reconheceu impossivel vingar-se dos Tavoras, e grangear a benevolencia do rei. Excruciavam-n'o, ainda por cima de suas dôres, os despropositos iracundos da esposa, que, a cada hora, lhe chamava homem de lama, e pae sem entranhas nem pundonor.

Placido de Castanheda de Moura em meado do anno de 1703 já não vivia. Aquelle homem enervado pelo

Digitized by Google

servilismo aos caprichos da mulher, não teve, em fins de vida, vigor d'alma com que reagir aos empuxões da adversidade que o atiraram á sepultura. Acabou sem lagrimas de ninguem, a não serem as de Jorge, que recebeu a triste nova em Amsterdam. D. Francisca ficou bastante rica para não lastimar a perda do rendoso officio de seu marido. Garcia de Moura Telles, engolfado nas delicias sordidas d'uma vida estragada, não tinha tempo de carpir a morte do pae, que elle nunca respeitára nem amára.

Recebeu a viuva novas informações da Guarda. Noticiavam-lhe a expatriação de Jorge com a mulher. Com esta noticia, convenceu-se D. Francisca Pereira de que Jorge levára o thesouro da Bemposta, e saíra para o estrangeiro a gosar-se de uma rica independencia.

Em 1704, Garcia casou, contra vontade de sua mãe, com uma mulher de condição humilde e reputação mareada. Garcia ensenhoreou-se na administração dos vinculos paternos, e separou-se da mãe, injuriando-a. Pouco depois, como o palacete em que ella morava, pertencia aos vinculos do pae, obrigou-a judicialmente a despejar. D. Francisca, esmagada, mas ainda vivaz como os fragmentos da serpente, começou a vingar-se dos filhos, desbaratando a sua meação e vinculos, em toda a casta de desperdicios, sem que a edade a embaraçasse de ganhar fama de acabar deshonesta como começára sua vida de esposa. Aos cincoenta e dois annos, D. Francisca Pereira passou a segundas nupcias com um sujeito de meia edade, filho sacrilego do bispo de Leiria, D.

Digitized by Google

Fr. Joseph de Lencastro. Este bispo era irmão do cardeal D. Verissimo de Lencastro, e seu successor nas honras de inquisidor geral.

Christovão de Lencastro, marido de D. Francisca, mediante o valimento de seu pae, conseguiu o elevar-se a logares importantes. Presume-se que a viuva de Placido de Moura encontrou n'este segundo o vingador do primeiro marido. O filho do bispo galanava em pompa de librés, carroças e arreiamento de cavallos; todavia, ao par com elle ninguem vira a mulher. Diziam que a má filha, má esposa e peor mãe expiava, na soledade da sua camara, desprezada dos seus proprios creados e escravos.

Entretanto, Jorge de Barros, Sára, e o escudeiro Antonio Soliz gosavam contentamento, socego e prosperidades em Amsterdam. O velho, mordomo dos cabedaes de seu amo, aventurára tambem os proprios no commercio da navegação, que os judeus portuguezes e hespanhoes tinham ensinado em grande parte aos hollandezes. [1] Abalançaram-se a maiores emprezas, todas afortunadas. Jorge, deixando a mercancia á responsabilidade e perspicacia de Soliz, repartia seu tempo entre as alegrias domesticas e a convivencia com os hebreus doutos da peninsula, que tranquillamente escreviam, philosophavam e doutrinavam em Amster-

---

[1] Veja as cartas de Izaac Pinto, analysando *Voltaire; Lettres de quelques juifs par l'abbé Guinée.* Paris, 1817.



Digitized by Google

dam. Fez-lhe grande extranheza a distancia a que viviam dos outros judeus os israelitas desterrados de Portugal e Hespanha. Hebreu portuguez que recebesse como esposa uma judia allemã, era logo expulso da synagoga, excluido de todos os encargos ecclesiasticos e civis, e nem sepultura lhe concediam entre os portuguezes.

Indagando a causa d'esta divergencia entre membros d'uma mesma nação, perseguidos pelo mesmo odio, soube Jorge que os hebreus portuguezes e hespanhoes se tinham em conta de representantes da tribu de Judá, a mais nobre das tribus, enviada á Hespanha, no tempo do captiveiro de Babylonia. [1]

Como quer que fosse, os judeus portuguezes eram os melhormente conceituados e respeitados em Hollanda. No correr de dois seculos de sua residencia n'aquella paragem, apenas se citava raro exemplo de judeu portuguez punido por alguma malfeitoria.

Em Amsterdam frequentava Jorge de Barros as familias dos Nunes, Ximenes, Teixeiras, Prados, Pereiras, e outras d'onde, volvidos annos, saíram o barão de Belmonte, ministro de Hespanha em Hollanda, D. Alvaro Nunes da Costa, ministro de Portugal, Machado, que mereceu a privança d'el-rei Guilherme, o barão d'Aguilar, thesoureiro da rainha de Hungria, e muitos outros

---

[1] Veja as cartas citadas de Izaac Pinto, e a *Historia dos judeus, desde J. Christo até ao presente.* Paris, 1710.

Digitized by Google

hebreus, d'onde procedem familias hoje illustres em titulos e riqueza. [1]

Ainda então se falava em Amsterdam com muita reverencia de Izaac Aboar da Fonseca, judeu nascido em Castro d'Aire e fallecido em 1693; e do famigerado rabbi portuguez Menassés ben Israel, com os quaes o padre Antonio Vieira se comprazia de suscitar questões theologicas, em que ambos, como prégadores e maiores da synagoga, se distinguiam entre os discipulos do celebrado Gabriel, ou Uriel da Costa, hebreu nascido no Porto, e d'aqui expatriado em 1612. [2]

Sára encontrou parentes na Haya, descendentes dos irmãos de seus bisavôs, e d'estes soube que existiam

---

[1] Este barão d'Aguilar tinha sido o arrematante do contracto do tabaco em Portugal, d'onde fugira com um grande roubo, se é verdade o que diziam os inquisidores. No roubo foi prejudicado D. João V, cuja era a renda do tabaco, se tal roubo se fez, Diogo de Aguilar negava-o — o que não admira, — e dizia que se salvára a tempo da fogueira. Carlos VI, imperador d'Austria, fez-lhe mercê do titulo de barão, em paga do muito a que elle fez subir a renda do tabaco nos paizes hereditarios de s. m. imperial: «titulo, diz o cavalheiro d'Oliveira, que elle sustenta com honra e dignidade (1751)». E accrescenta: «Se elle fosse menos soberbo de suas riquezas e alturas, seria mais estimado do que é d'aquelles que lhe conhecem a procedencia.» *Amusement périodique*. T. 2. pag. 380.

[2] Suicidou-se em 1645 approximadamente. Pertencia á escola dos saducceus, e d'ahi se lhe originou a perseguição, o desgosto e a morte.

Digitized by Google

outros no Rio de Janeiro, appellidados Silvas, um dos quaes, João Mendes da Silva, advogava n'aquella cidade com grandes creditos. Abriram as duas familias correspondencia amiudada. Sára admirava as cartas discretas e instructivas da sua parenta Lourença Coutinho, mulher do advogado Silva.

As familias de Silvas e Coutinhos, no meado do seculo XVI, tinham emigrado para a Hollanda; e, no reinado de D. João IV, rehavido do novo mundo o territorio usurpado pelos hollandezes, passaram ao Rio de Janeiro, fiados ao privilegio de inviolabilidade com que os governos portuguezes angariavam população para aquellas colonias americanas.

Lourença Coutinho convidava instantemente Sára a transferir-se ao Brasil; porém, Jorge, contente da mediania de seus recursos, e do trato dos hebreus com quem affectuosamente se dava, desconvencia sua mulher do desejo de passar ao novo mundo.

Algumas vezes, a imaginação de Jorge de Barros desferia um vôo alto, para longe, e baixava sobre aquelle Neptuno da quinta da Bemposta. Lia o catalogo, que o avô lhe déra dos valores encerrados no cofre, e, apesar do desprendimento de ambições, inquietavam-n'o desejos de possuir uma riqueza, que podia ser fortuna para muitos netos de portuguezes que pobremente divagavam pela Europa. «Quem sabe, dizia elle entre si, em que mãos caíu o thesouro! E' impossivel que a rainha D. Catharina conservasse aquelle tanque e a estatua grosseira do Neptuno.» A estas incertezas respondeu

Digitized by Google

Simão de Sá com uma carta datada em janeiro de 1706.

Dizia-lhe que a rainha da Gran-Bretanha morrera de colica no palacio da Bemposta em 31 de dezembro do anno findo, e que elle, por estar n'essa occasião em Lisboa, intencionalmente fôra ao palacio com o pretexto de assistir aos responsorios cantados na magnificente capella que D. Catharina edificára no palacio. Ajuntava Simão de Sá que, depois do sahimento do cadaver para Belem, se ficára conversando com um criado ordinario da defunta ácerca das obras que a virtuosa senhora mandára fazer n'aquelle palacio tão pouco gozado. E, como a pergunta viesse a molde, inquiriu elle do attencioso criado, como quem conhecera a quinta em antigos tempos, se um tanque em que havia uma estatua, havia sido reconstruido. O criado respondeu que não, porque a senhora rainha gostava muito de ir sentar-se á beira do tanque por ser sitio de muitas sombras e frescura.

—Mas então—tornou Simão de Sá—a estatua, que estava em secco, torna a deitar agua pela bocca?

—Não, senhor. Sua magestade, quando o artista das obras quiz repuxar a agua, disse que não bulisse no que estava, porque era feia cousa a bocca do Neptuno a servir de bica; e, além d'isso, a queda da agua no tanque a distrahia das suas orações e lhe molestava a cabeça.

Não obstante, Simão de Sá receava que D. Pedro II, herdeiro da irmã, continuasse as obras, e apeasse o Neptuno.

Digitized by Google

Como quer que fosse, o cofre existia ainda. Jorge de Barros entreviu a possibilidade de have'-lo ainda e mais facilmente, quando o palacio da Bemposta estivesse desabitado.

No fim do anno de 1706, Jorge de Barros deliberou viajar com sua mulher, adoentada gravemente pelos ares da Hollanda. Aconselharam-lhe regiões quentes, e nomeadamente o Brasil. Foi já saude para Sára a alegria de ir vêr a sua parenta Lourença Coutinho; a qual, na ultima carta, lhe dava a fausta nova de ter salvado a vida ameaçada do seu terceiro filhinho.

Antonio Soliz ficou em Amsterdam, curando do negocio de seu amo.

Em março de 1707, já Sára e seu marido estavam hospedados no Rio de Janeiro em casa de João Mendes da Silva, pessoa de teres e consideração, muito lido em leis, apparentando fervor de catholico, nas devotas poesias em que exercitava a musa enfastiada dos autos; e em consciencia mais philosopho, mais spinosista, que judeu. As delicias de Lourença eram os seus tres filhos André, Balthasar, e o mais novo dos tres, Antonio, que tinha dous annos. Das poesias do marido ria ella como sincera judia que era.

Sára, sedenta da felicidade de mãe, afagava o gracioso Antoninho, confessando o pesar de não ser d'ella, e a inveja que a sua amiga lhe fazia com tres lindos meninos.

—Se eu tivesse uma filha,—dizia Sára a sua prima —desde já nos compromettiamos a faze'-la esposa do teu Antonio.

Digitized by Google

—Ainda estás muito em tempo de entrar comigo em contracto—dizia Lourença.—Tens vinte e seis annos, Sára. As mulheres querem-se mais novas do que os maridos. Se, dentro de dez annos, fores mãe de uma menina, a tua filha será minha, quando tiver quinze annos, e o meu Antonio será teu. Estamos compromettidas por juramento?

—Sim, prima—assentiu alegremente Sára.—Póde ser; não póde, Jorge?—perguntou ella com adoravel lhaneza ao marido.

Jorge sorriu-se, e o doutor João Mendes festejou a pergunta com uma boa gargalhada, que tingiu de purpura o rosto de Sára.

---

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO II

Recobrára-se de vigor a esposa de Jorge de Barros. A vida do Brasil era-lhe mais divertida e variada. O marido cogitava em transferir para o Rio de Janeiro o seu negocio, e o velho Soliz que era o afortunado director de todas as emprezas. N'este proposito, escrevia aos seus amigos de Amsterdam, quando recebeu a consternadora noticia da morte do seu Antonio.

O escudeiro legava ao neto de Luiz de Barros, padrinho e bemfeitor d'elle, todos os seus bens de fortuna, economias de cincoenta annos, e o capital que seu defunto amo lhe mandára entregar, acrescentado com os lucros do commercio. Os livros de razão deixára elle, com o deposito dos haveres, em poder d'um hebreu digno da confiança, a quem dera dois abraços para os seus amos, quando voltassem á Hollanda

Deu-se pressa Jorge em embarcar para a Europa, promettendo aos contristados Silvas voltar para o Brasil, tão depressa liquidasse a sua casa commercial.

No começo de 1709, Jorge de Barros dava sepultura honrosa ao seu escudeiro em Amsterdam, e tomava

Digitized by Google

conta do negocio, no intento de o trespassar, e voltar cedo ao Brasil. Não alcancei, todavia, quaes embaraços lhe estorvaram a execução do intento. Por ventura, rogos d'amigos, transtornos mercantis, ou talvez esperanças de vir a Portugal diligenciar senhorear-se do thesouro o embaraçariam. O certo é que em 1711 Jorge demorava ainda em Hollanda, e n'este anno deu Sára á luz o primeiro e almejado filho, que foi uma menina, á qual pozeram nome Leonor, na pia baptismal. Escreveu Sára alvoroçadamente a sua prima Lourença Coutinho noticiando-lhe o nascimento da esposa de Antonio. Foi grande contentamento em casa dos Silvas; e d'uma parte e d'outra se ratificaram os juramentos com pueril solemnidade.

N'este decurso de quatro annos, por vezes recebeu Jorge de Barros noticias da sua familia de Portugal, por mediação do hebreu da Covilhã. Garcia de Moura Telles, ao passo que a mocidade das familias illustres do reino cercava Badajoz, ou morria cortada das armas francezas em Xerez de los Cavalleros, ou assaltava volorosamente Ciudad-Rodrigo e muitas praças pugnacissimas, até assentar no throno Carlos III, contra as pretenções de Filippe de França: em quanto os brios lusitanos assim lampejavam os seus derradeiros clarões em época já tão apagada de crenças e afeminada por delicias, Garcia de Moura vivia em Lisboa vida de libertino, apodrentado de vicios, e apontado como exemplo de moços deshonrados e perdidos por mingua de pae, de mãe e de mestres. A mulher, com quem casára, fugindo os maus

Digitized by Google

tratos d'elle, requeria divorcio, e levantamento do dote com que fôra nupcialmente dotada pelo inepto marido. Garcia, desprezando os processos judiciarios, contubernara-se com uma cigana, mulher de fascinações magicas, celebrada em Lisboa por sua belleza e artes diabolicas, por effeito das quaes alguns mancebos e velhos se tinham empobrecido.

D. Francisca Pereira, já tambem separada do filho do inquisidor geral, bebia gota a gota o fel que envasilhára para a velhice, apartada de parentes, opprobrio e irrisão da sociedade e dos salões, onde ella outr'ora entrava com o aprumo d'uma soberba vergontea de tronco real.

Jorge de Barros lastimava a rapida e desastrosa queda de tão proximos descendentes do respeitado contador-mór e amigo de D. João IV e Affonso VI. Enojava-o seu irmão e sua mãe; todavia, assomos de piedade o impulsavam a salvar d'uma ignominiosa e desamparada velhice a creatura que lhe dera o ser. Dominou-se, porém, entendendo que as caridosas tentativas seriam inuteis, senão parvoas. De mais d'isso, sua mãe e irmão eram ainda ricos: elle é que trabalhava para viver, mercadejando, e emparelhando-se com gente de baixa extracção para ganhar o pão e decencia de sua familia.

Vacillava Jorge entre fazer-se de véla para o Rio de Janeiro, ou dar primeiro um novo assalto ao thesouro da Bemposta. Este desejo accommettia-o sempre que elle attentamente olhava sobre o annel de seu avô. Sára divertia-lhe o animo d'estas apprehensões, rogando-lhe que não expozesse sua liberdade e vida, agora que Deus

Digitized by Google

lhe déra uma filhinha, um thesouro do céo ao pé do qual o thesouro da Bemposta era um caixão de vil pó.

Pôde muito mais com elle esta santissima poesia de mãe. Resolvido, tinha finalmente passado ao novo mundo com os seus bens já liquidados, quando um amigo do Rio de Janeiro, no principio de 1713, lhe escreveu noticiando-lhe a prisão de Lourença Coutinho e de seu marido, suspeitos de judaismo, e como taes remettidos a Lisboa ao santo officio. Dentro d'esta carta vinham duas linhas de Lourença para Sára. Diziam assim: «Apenas posso dizer-te que vou presa para Lisboa com meu «marido e os meus tres filhos. Deus me ampare e dê «paciencia para as torturas. Tua prima—*Lourença.*»

Rompeu Sára em altos clamores, quando isto leu. Jorge, alguns minutos aturdido e perplexo, saíu do seu afflictivo recolhimento exclamando:

—Vamos para Portugal, que esta familia não tem lá ninguem que lhe valha. Agora, é um dever que nos sacrifiquemos. Sára. Vamos, que eu conto com amigos e parentes.

Na primeira embarcação que aproava ao Porto, vieram Jorge, e Sára com a filhinha de oito mezes nos braços. Do Porto jornadearam para a Covilhã, onde os recebeu surprehendido Simão de Sá. D'alli escreveu o hospedeiro israelita para Lisboa, pedindo que lhe noticiassem a chegada do navio em que vinham presas cinco familias do Rio de Janeiro.

Quando o navio chegou á barra de Lisboa, já, em casa de Diogo de Barros, estava Jorge. Sára prudente-

Digitized by Google

mente ficára na Covilhã, por vêr que os seus creditos no tribunal da fé não deviam ser melhores que os de Lourença Coutinho.

João V principiava o seu estupido reinado borrifando de sangue a mascara de hypocrita. Como estivesse doente d'uns flatos em 1760, foi o filho de Pedro II arejar-se na convalescença até Azeitão. Pernoitou em Coina, e foi ao outro dia visitar diversos frades, em companhia dos manos Francisco, Antonio e Manuel, e do bispo capellão-mór D. Nuno da Cunha de Athayde, homem de coração mau, fidagal inimigo de hebreus e herejes, merecimentos que lhe ganharam em 1712 o barrete de cardeal e as insignias de inquisidor-mór, concedidas pelo santissimo papa Clemente XI.

João V sahiu do castello de Palmella, onde foi de visita, por tal maneira movido á conversão dos judeus—graças ás supplicas do capellão-mór, e ás de D. José Pereira de Lacerda, prior de S. Thiago, cuja cabeça da ordem era o designado castello—que logo alli prometteu ao diabo e a S. Domingos, disputar a um as almas que lhe lá caíam, e ao outro a gloria de as içar á bemaventurança por meio dos guindastes e roldanas das torturas chamadas *da corda*.

Apontado n'este fervoroso voto, começou postergando vilissimamente os tratados solemnes que asseguravam aos hebreus das colonias brasileiras a inviolabilidade do asylo. A piedade puxava pelo animo do rei, que mais tarde fazia Mafra, ao mesmo tempo que violava o mosteiro de Odivellas, onde tinha, alli mesmo, paredes meias

Digitized by Google

com o templo do Senhor, uma freira com filhos, bastante devassa para se não inquietar com a justiça de Deus e com o escandalo da communidade [1]. Assim foi que do poder secular partiram ordens para serem presos além do Atlantico, e remettidos aos calabouços do Rocio, os portuguezes suspeitos de judaismo.

Quem denunciou a familia dos Silvas, e que motivo déra Lourença Coutinho por ser especialmente accusada de hebraismo? Não o dizem os muitos biographos francezes, italianos, brasileiros e portuguezes, que teem commemorado os infortunios d'aquella familia. Nem Barbosa, na *Bibliotheca Lusitana*, nem Sismondi, na *Littérature du midi de l'Europe*, nem *Ferdinand Denis*, nem João Manuel Pereira da Silva, no *Plutarcho brasileiro*, nem Varnhagem, nem José Maria da Costa e Silva, nem Vegezzi Ruscalla na biographia d'*Il Giudeo Portughese*. Uma palavra enche esta lacuna: INFAMIA, que não ha nome ainda inventado com que dar em sombra uns longes da protervia da inquisição, d'aquelle braço ensan-

---

[1] D. João V, nos seus primeiros annos de amores com a religiosa bernarda, entrava no convento debaixo do palio. Diz a tradição que, uma vez, saíndo o rei de se entender com a freira, ao despedir-se da prelada, lhe dissera: «Que ides fazer agora? Vou, respondeu a prelada, com a communidade pedir em côro a Deus a saude de vossa magestade.» Estas palavras abalaram João V. Em consequencia do qual abalo, mandou elle construir uma casa com passadiço para o convento, a fim de evitar o escandalo de entrar pela portaria.

Digitized by Google

guentado que feria no rosto a honra de Portugal com o sceptro dos reis.

Achou Jorge de Barros, auxiliado pelos parentes, engenhoso expediente de fazer chegar ás mãos de João Mendes da Silva algumas palavras escriptas animando-o a confiar no valimento dos amigos. Lourença Coutinho reconheceu a lettra, e disse:

—Temos aquelles bons anjos por nós.

Desembarcados, foram conduzidos entre quadrilheiros e chusma de plebe ao palacio dos Estáos. Lourença levava pela mão seu filho Antonio, que tinha então seis annos. André e Balthazar iam pela mão do pae, e choravam muito aconchegados d'elle, circumvagando os olhos horrorisados.

Lourença, ás portas da santa casa, foi separada dos filhos e do esposo, por dois familiares de boas palavras que a conduziram atravez de salões. João Mendes ficou no vasto pateo, rodeado dos filhos, o mais novo dos quaes chamava pela mãe lavado em lagrimas. O alanceado pae olhava como idiota sobre as creanças que se lhe cingiam com as pernas. D'ahi a pouco, João Mendes e os filhos receberam ordem de sahir, que estavam livres para o fazerem.

—E minha mulher?—perguntou o advogado.

—Está presa para ser interrogada.

—Interrogada em quê?—tornou o afflicto marido.

—Ella o saberá—voltou mal encarado o familiar do santo officio.—Vá com Deus, que não tem que fazer aqui.

Digitized by Google

Saíu João Mendes por entre a multidão, que os sol dados affastavam a murros e pontapés. Desviou-se das mãos do gentio, e quedou-se no coberto do convento de S. Domingos, encarando na casa de lugubre aspecto em que lhe ficava a mãe de seus filhos. E chorava acariciando os meninos, quando um desconhecido se acercou d'elle, e lle disse:

—E' o sr. João Mendes da Silva?

—Sou esse desgraçado.

—Jorge de Barros espera-o. Siga-me, e entre na casa onde eu entrar. Não receie, que eu sou primo do marido de Sára; e anime-se que sua mulher tem protectores.

---

Digitized by Google

## CAPITULO III

—Estou sem esposa? exclamou João Mendes, atirando-se aos braços de Jorge, que lhe não podia responder embargado pelos soluços.—Os meus filhos estão sem mãe? perguntou ainda em afflictivo anceamento o advogado.

—Não, senhor, respondeu o velho Diogo de Barros. Ha de ter brevemente esposa, e estes meninos sua mãe. Não chorem, filhinhos, que a mãe não corre perigo.

—Não? clamou João Mendes, querendo ajoelhar aos pés de Diogo de Barros.

O velho susteve-o nos braços, e disse-lhe:

—Socegue: meu sobrinho lhe dirá que Diogo de Barros póde alguma coisa com o inquisidor geral Nuno da Cunha. Vou saír. Escreva a sua esposa, que as suas cartas hão de ser-lhe entregues, atravez de todos os embaraços.

Saíu a falar com o inquisidor o digno sobrinho de Luiz Pereira de Barros. No entanto, Jorge aquietou o terror do seu amigo e a inquieta consternação dos me-



Digitized by Google

ninos com as esperanças de que o seu animo estava convencido. João Mendes quiz escrever a Lourença, mas o que tinha na alma para ella eram lagrimas inexprimiveis, angustias que lhe enturvavam a razão, gritos e não palavras, phrenesis que o faziam saltar da cadeira, e correr para os filhos em gemidos e gestos de mortal desesperação. Supplicava-lhe Jorge de mãos postas que fizesse um esforço para enfrear a sua agonia, lembrando-se da coragem com que seus avós tinham soffrido maiores dôres, os tormentos inexprimiveis da separação eterna de seus filhos, o espectaculo da violação de suas mulheres, o desvario horrendo de matarem ás proprias mãos as suas creancinhas.

Aplacava-se a intervallos a anciedade de João Mendes; mas o desesperar-se e carpir-se redobrava nas intermittencias, e então era o pedir elle a Deus lhe levasse os filhos para lhe não fallecer coragem de matar-se, quando sua mulher fosse condemnada á morte.

Jorge, como visse que João Mendes não atinava com escrever duas linhas, escreveu elle a Lourença Coutinho, incutindo-lhe valor para esperar a sua proxima liberdade. Referiu-lhe a situação do marido e dos filhos. Pedia-lhe que chorasse como desafogo, e se lembrasse sempre d'elles para sentir necessidade de vida e alento.

Ao entardecer, chegou Diogo de Barros com bom semblante. O inquisidor promettera-lhe tirar com a maxima brevidade o depoimento das testemunhas no Brazil; e, se as culpas não fossem mais graves do que a denuncia as fazia, assegurava a Diogo de Barros que, no praso de

Digitized by Google

cinco mezes ou menos, se faria auto de fé, e então Lourença Coutinho saíria livre.

Em quanto a João Mendes da Silva, ajuntou o inquisidor, podia estar descançado, e tratar de sua vida, que nenhuma carga lhe faziam as denuncias.

—Cinco mezes! exclamou João Mendes. E ha de estar minha infeliz mulher cinco mezes encarcerada!... E não hei de ve'-la, nem ella ha de ver seus filhos!... O' sr. Barros!... eu morrerei antes de se acabar esse grande praso de tempo!. .

—Morrerá, se fôr um fraco... atalhou o velho.

—E ella... redarguiu o Silva, ella... quem lhe deu força para viver cinco mezes em masmorras?...

—Ha de dar-lh'a o Altissimo, e ha de dar lh'a seu marido... Qual angustia deveria ser a sua, sr. Silva, se sua mulher egualasse em posição algumas pessoas que entraram hoje com ella, para saírem no mesmo auto de fé condemnadas ao fogo!? A sr.ª Lourença Coutinho, segundo colligi das meias palavras do cardeal-inquisidor, é a unica de quem méras suspeitas promettem breve termo de prisão. Até póde acontecer que, antes do praso dos cinco mezes, consigamos liberta'-la, ou pelo menos melhorar-lhe o carcere, transferindo-a para algum recolhimento, como tem acontecido com presas levemente culpadas.

Diogo de Barros, voltando-se para o sobrinho, continuou:

—Olha que o inquisidor perguntou-me se tu abjuráras a religião catholica em Hollanda. Respondi que não,

Digitized by Google

e elle sorriu-se. E' preciso suppôr que os sorrisos d'um inquisidor são como o abrimento da bocca dos crocodilos. Cautella, Jorge! Tua mãe não ha edade nem desgraça que lhe amolgue a indole rancorosa. Tua mulher é filha de hebreus, que muita gente viu morrer no Terreiro da Ian. Olhae por vós, que eu receio não vos poder valer, se uma vez caírdes nas mãos dos dominicanos. A tua presença em Lisboa é inutil para a liberdade da sr.ª Lourença Coutinho. Com pesar te digo que vás para a Covilhã, e te não detenhas lá mais tempo do que eu te prescrever. Assim que te disser que fujas, foge, porque eu hei de saber pontualmente quando se passarem ordens para a vossa captura.

—E sabe'-lo-ha, meu tio?—perguntou Jorge.—O segredo do infame tribunal ser-lhe-ha revelado?

—Não chames infame ao tribunal da suprema inquisição, acudiu Diogo de Barros, sorrindo, porque eu... sou familiar do santo officio.

—O tio!? exclamou Jorge.

—Sim, eu: entendi que assim era necessario para salvar-te. Pedi que me acceitassem, logo que soube do teu casamento com Sára. Na qualidade de empregado da inquisição offereço ao sr. dr. João Mendes da Silva o meu prestimo, se lhe sirvo como portador das suas cartas para sua mulher. Ora, ambos estão vendo que o ser familiar do santo officio tem prerogativas não despeciendas; e, depois de tudo, e por cima de tudo, asseveram os filhos de S. Domingos que os familiares da santa empreza gozam na bemaventurança um logar distincto,

Digitized by Google

sentados logo abaixo do throno de Torquemada, de Pedro Arbuès, e d'outros apostolos da redempção de Israel. E agora—continuou Diogo de Barros batendo no hombro de João Mendes — peço-lhe encarecidamente que venha com seus filhos sentar-se á mesa d'este vigilante da inquisição. Precisamos comer para assistirmos a esta deploravel tragedia que vae correndo ha não sei quantos mil annos debaixo dos olhos da Providencia.

---

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO IV

A prisão de Lourença Coutinho, nos carceres do Rocio, foi das menos tenebrosas. Não obstante, a esposa d'um marido amado e mãe de tres filhos estremecidos, desde a primeira hora em que foi arrancada aos braços d'elles, ficou n'um torpor de espirito, n'uma insensibilidade estuporosa, que parecia alhea'-la de reflectir em sua miseria.

Não sei descrever aquella primeira noite. Lourença olhou para as trevas da noite como para a luz da sua primeira aurora nos carceres da inquisição: aquelles olhos, sempre abertos, pareciam ter cegado, ao mesmo tempo que a memoria do passado se escurentára tambem.

A's oito horas levantaram-n'a d'um tamborete, e conduziram-n'a a outro quarto. O chaveiro que a foi guiando, disse-lhe ao entrar na outra prisão:

—Este quarto é bem melhor; isto nem é carcere; tem grades sobre o Rocio; é como quem está em sua casa.

—E meu marido? e meus filhinhos?

—Esses não vieram, respondeu o guarda.

Digitized by Google

—Vieram, insistiu ella.

—Não, senhora: foram-se embora lá para onde quizeram.

—E eu fico? exclamou ella.

—Por ora, fica; mas, cá pelas minhas contas, vossemecê não está cá muito tempo. Já hoje chegaram ordens do sr. inquisidor-mór para se lhe dar um dos quartos reservados.

—E eu posso ver meus filhos e meu homem? tornou Lourença.

—Olhe, se elles alli passarem no terreiro, póde ve'-los á vontade. Isto aqui é só não sair á rua; que o mais não ha em Lisboa janellas de tanta vista.

—E então que é dos meus filhos? onde ficaram elles?

Aqui rompeu ella em desabafado gemer e chorar, correndo ás rêxas, e chamando os filhos e o marido, com os olhos esgazeados sobre quantas pessoas iam passando.

O guarda ordenou-lhe que se aquietasse, quando não corria perigo de descer ás masmorras.

Lourença encolheu-se a tremer com as mãos postas, e bebeu as lagrimas com os soluços que a estrangulavam.

A's dez horas foi conduzida pelo guarda a um recinto vasto, pouco alumiado, e de profundo tecto. Viu um velho de agradavel sombra, que a mandou sentar, e a esteve contemplando alguns segundos, como quem desconfiava da insania da infeliz mulher. Falou-lhe no marido e nos filhos; deu-lhe uma volumosa carta; asseverou-lhe que a sua desgraça não iria além da privação

Digitized by Google

da liberdade por alguns mezes, e pediu-lhe que fosse escrever sobre uma banca das que estavam na sala duas palavras de mulher corajosa para seu prostrado marido.

Lourença ouvira tudo taciturna; recebera a carta sem abri'-la; o familiar do santo officio esperava que ella se erguesse a escrever as palavras pedidas, e Lourença permanecia immovel.

—Então? escreve, senhora? tornou Diogo de Barros. Olhe que eu sou tio de Jorge; confie em mim.

—E os meus filhinhos? perguntou ella impetuosamente, achegando-se do velho.

—Os seus filhos e marido são meus hospedes. Eu hei de conseguir trazer-lhe á sua vista os meninos; mas tenha animo. Por amor d'elles, sustente coragem de mãe. Verá que este infortunio acaba depressa. Quer ler a carta de seu marido?

—Ah! exclamou ella, é de meu marido esta carta... é?

—Sim, é; e outra de Jorge, escripta quando o atribulado doutor não podia senão chorar.

Lourença leu em convulsivo tremor, em quanto as lagrimas a deixaram.

—Não posso! não vejo nada, meu Deus! bradou ella.

—Pois lerá no seu quarto, quando poder; mas se agora conseguisse escrever algumas expressões consoladoras a seu marido... Póde? Quer alevanta'-lo do seu mortal abatimento? Quer que os seus filhos não tenham de chorar a perda do pae?

—Sim!... chamou ella. Diga-me o que hei de escrever v. s.ª

Digitized by Google

—O que lhe parecer melhor para que elle se persuada que a senhora tem forças para resistir a esta adversidade.

—Oh! meu Deus! disse ella. E' a primeira vez que minto a meu marido... Vá!... que viva elle para que meus filhos não acabem na indigencia...

E escreveu um quarto de papel grande, com vertiginosa celeridade.

—Veja... disse ella a Diogo de Barros. E elle acreditará?

O familiar do santo officio leu, e disse:

—Não acreditará que a senhora está tranquilla, como lhe diz; mas crerá que sente o favor divino da resignação. Agora, senhora, ver-me-ha de tres em tres dias; e das grades do quarto que tem, verá todos os dias, ás onze horas, seu esposo e filhos á portaria do mosteiro de S. Domingos. Se com estes intervallos de felicidade, ainda não concedida a hebreus, a sr.ª Lourença fraquejar e succumbir, dir-lhe-hei que é por demasia fragil, principalmente quando recebe de mim a certeza da sua liberdade, sem beber do calix amargo—continuou elle abaixando a voz—que n'esta casa são obrigados a beber os mais innocentes.

Achou Lourença em si a alma de mãe e esposa, relendo a carta do marido, na ausencia de Diogo de Barros. Prostrou-se largo tempo com a face no chão, orando não sei se ao Deus de Jacob, se ao de S. Domingos de Gusmão, se á Providencia divina, que vale mais que os outros. Orou, e sentiu-se confortada...

Digitized by Google

A's onze horas, dadas na torre dos dominicanos, correu á janella, e viu o esposo e os filhos. Os meninos, agrupados diante do pae, olhavam contra as grades d'onde lhes transluzia um panno branco. João Mendes, cauteloso da observação dos transeuntes, relanceava para lá os olhos, e passava por elles o lenço, que lhe embebia as lagrimas.

Os dias foram assim passando arrastados. A pobre mulher sentia-se amparada de Deus. Era o habito da desgraça, este dom misericordioso da natureza humana que se deixa identificar com a dôr, a ponto de dulcificar a peçonha com os prantos. E', todavia, provavel que esteja Deus n'isto. Esta conformidade serena, e quasi saborosa, não a sentem os scelerados.

João Mendes da Silva, obrigado a obtemporar á sua saudade, e distrahir o espiriro em cogitações pertinentes á subsistencia de mulher e filhos, deliberou abrir escriptorio de advogado em Lisboa. Pensava elle que lhe não devolveriam mais os seus haveres no Brazil, talvez já confiscados, como era de lei, assim que o tribunal da fé entendia com a consciencia dos possuidores. A inquisição, por facilitar o caminho do céo aos judeus, alliviava-os do peso dos bens terrestres, e convertia estes bens em regalias dos fieis. Estes fieis percebiam o espolio gradualmente, segundo sua categoria, desde o monarcha até o derradeiro esbirro do santo officio.

Algumas pessoas de valia, aparentadas com os Barros, inculcaram a pericia do advogado vindo do Brasil. Assim que João Mendes abancou, e, abafando o coração na

Digitized by Google

onda das lagrimas, se prestou a ouvir o arrasoado dos clientes, a concorrencia foi tal que o seu nome emparelhou com o dos primeiros jurisconsultos.

Jorge de Barros, saudoso de sua familia, deixou Lisboa, e a liberdade de Lourença encarregada ao generoso tio. Alguma vez, o thesouro da Bemposta lhe beliscou o desejo d'uma tentativa; mas elle tinha jurado a sua mulher, empenhando a vida da filhinha, que se não exporia ás suspeitas, nem arriscaria a sua segurança.

N'este tempo, Jorge de Barros considerava-se mais que remediado em bens de fortuna. Metade dos seus teres quizera elle dar ao marido de Lourença Coutinho; porém, o advogado, se não tinha bom sangue, estreme de particulas judaicas, era dotado d'aquella estimavel compleição de homens que a si proprios se obrigam a se remirem e proverem com o trabalho. N'isto, os judeus eram santos. O trabalho era o seu martyrio d'elles.

---

Digitized by Google

## CAPITULO V

Confiado na vigilancia de Diogo de Barros, Jorge estanceou alguns mezes na Covilhã, esperando a liberdade de Lourença Coutinho, com o proposito de se encontrarem as duas familias em porto de mar, d'onde saíssem para o Brasil.

Ao fim de tres mezes, chegou do Rio de Janeiro o instaurado processo. O defensor de Lourença, para destruir dois depoimentos que arguiam a presa de judaisar na observancia da lei velha em certas festividades e jejuns, allegava, ajuntando aos autos, algumas poesias devotissimas que João Mendes da Silva escrevera e mandára imprimir em Portugal, nomeadamente duas, uma ao padre Santo Antonio de Padua, e outra ao principe de Gandia, S. Francisco de Borja, louvando-lhe a heroica humildade com que se elle albergara no Porto entre os pobres do hospital de Santa Clara. [1]

---

[1] João Mendes da Silva devia ter lido o caso assim referido por D. Rodrigo Pinheiro, no *Catalogo dos bispos do Porto*: «... Pelos annos de Christo de 1560 passou por esta cidade

Digitized by Google

As esperanças dos protectores de Lourença, não obstante os bons serviços do promotor do santo officio, ficaram bastante áquem do que se lhes antolhára. A presa estava de antemão absolvida, sem confissão, sem interrogatorio, sem tortura; mas era forçoso que saísse reconciliada para não haver quebra nas praxes inquisitoriaes; e, como reconciliada, sómente em auto de fé podia saír. Felizmente para ella, n'aquelle anno celebrou-se ainda o santo espectaculo em julho, e não, como era costume, em outubro, na primeira dominga do advento. Aos nove de julho, pois, saíu Lourença da egreja de S. Domingos, onde entrou sem habito, e foi, recebida a penitencia da imposição do inquisidor, entregue ao familiar Diogo de Barros.

Na Covilhã foi a nova recebida com tamanhas exul-

---

o padre Francisco de Borja da companhia de Jesus, duque que fôra de Gandia... Foi-se o padre Francisco de Borja agasalhar entre os pobres do hospital de Santa Clara, do que tendo nova o bispo D. Rodrigo, que o conhecia bem pela fama da sua pessoa, e muito mais de sua santidade, o foi logo visitar.» Convido o leitor menos lido em cousas antigas a ver o *catalogo* citado, para, em breves paginas, ficar sabendo que o veneravel Francisco de Borja veiu ao Porto, com aquella humildade, estabelecer os padres da companhia em casa de Henrique Nunes de Gouvêa. Os portuenses resistiram tenazmente á fundação do collegio, como n'outro tempo haviam impugnado a fundação d'um convento franciscano. Veja a *Hist. seraphica da ordem dos frades menores*, por *Fr. Manuel da Esperança*. P. I.

Digitized by Google

tações, que, ao parecer dos visinhos de Simão de Sá, o Messias esperado tinha apparecido finalmente.

Lourença entrára no palacio dos Estáos ainda formosa; cento e sessenta dias d'aquelle ambiente empestado das abafadas cavernas, em que apodreciam centenares de presos, bastaram a alvejar-lhe os cabellos e a enrugar-lhe a pelle. Os filhos fitavam-n'a como se a não conhecessem. O marido beijava-lhe o rosto, e inundava-lh'o de prantos, como se com os beijos quizesse ressumar as côres d'outro tempo, e com as lagrimas refrigerar-lhe a aridez da cutis. Sára pediu encarecidamente a sua prima que fosse recobrar a saude extenuada nos ares sadios da Covilhã, e, se o marido não podesse ir, levasse comsigo os tres meninos.

João Mendes applaudiu a ida da esposa, porque temia perde'-la, bem fundado nos receios do medico hebreu Diogo Nunes Ribeiro. [1]

Permaneceram Lourença e os tres meninos na Covilhã por espaço de dois mezes. Antonio, o mais novo dos pequenos, andava, sempre que o deixavam, com Leonor nos braços. Entrançava flôres com que a engrinaldava; afoufava-lhe coxins de folhagem á sombra das arvores; inventava brinquedos e tregeitos com que fizesse rir a creança.

---

[1] Tio materno do celebrado Antonio Nunes Ribeiro Sanches, medico da imperatriz da Russia, nascido em Penamacor, e fallecido em Paris. A inquisição perseguira-lhe os avós, e não pôde apanha'-lo a elle.

Digitized by Google

Dizia Sára a sua prima:

—Não te parece coisa extranha o amor do teu Antonio á pequenina?!

—Maravilha-me isto! confirmava Lourença. Eu já pensei se Deus estará creando o coração d'estas creanças para se quererem, desde que nós tão alegremente nos conjuramos a casa'-los!...

—Será assim... obtemperou Sára.

—Mas, prima!... tornou Lourença com tristeza, que magua tenho se tu sáes de Portugal e eu cá fico!...

—Pois não tornas para o Rio de Janeiro?!

—Parece-me que não... Meu marido sabe que tem inimigos lá, que hão de continuar a persegui'-lo. As testemunhas, que juraram contra mim, adivinhou elle quem foram. João Mendes era o primeiro letrado, e o mais procurado. A inveja é um inimigo inexoravel. Se voltarmos para o Rio, diz elle, e talvez tenha razão, que em breve tornaremos presos para Portugal. De mais a mais meu marido, por influencia do teu Jorge, ganhou muitos amigos em Lisboa, e custa-lhe a vencer o muito trabalho que tem. Dinheiro por dinheiro, diz elle que lucra mais em Portugal; com a vantagem de lhe serem mais saudaveis os ares de Lisboa. Outra razão dá elle: é a educação dos filhos. Os mais velhos quer forma'-los em medicina; e ao nosso Antonio tenciona forma'-lo em leis para lhe succeder no escriptorio. Eu não sei com que motivos hei de contrariar estas razões de João Mendes. Como sabes, meu marido é mais velho que eu dezeseis annos: tem já cincoenta e sete, e precisa de

Digitized by Google

repouso: as viagens incommodam-n'o muito; e uma nova desgraça, como esta da minha prisão, cortar-lhe-hia o fio da vida. Já vês, minha querida prima, que os nossos pequeninos noivos vão ser separados, e Deus sabe se tornarão a ver-se. Porque não ficas tu em Portugal?

—E a inquisição?—disse Sára.

—Pois a maldita viria aqui perseguir-te? Os parentes de teu marido, aquelle honrado Diogo de Barros, não conseguirá que te deixem viver tranquilla?

—Diz Jorge que não. O inquisidor geral suppõe que meu marido se fez hebreu. A mãe d'elle é o meu terror em quanto viver. E eu sei que se cahir nas garras dos verdugos, não torno a ver a luz se não a das chammas. Se aqui estamos socegadas, é porque D. Francisca Pereira não sabe que estamos aqui!... O' prima!... se hoje me arrancavam a meu marido e á minha filhinha!...—exclamou Sára apertando estremecidamente a creança contra o seio. — Se me tiravam a minha filha, como eu fui arrancada ao regaço de minha mãe... da minha pobre mãe!

—Não, não, Deus nos livre!—atalhou Lourença.—Sae, sae de Portugal, que tu não sabes o que é uma hora dentro d'aquellas paredes negras!... Quem sabe se a minha vinda á Covilhã será causa a perturbarem o teu socego!...

—Não, prima, não é. Ninguem sabe aqui a tua vida, nem o teu nome fóra d'esta casa. Jorge recebe aviso, logo que a nossa liberdade fôr ameaçada. Eu preciso



Digitized by Google

d'estes ares, e o meu pobre Jorge, por amor de mim privado da patria, tambem goza mais sáude aqui. Vê tu, filha!... Este Jorge, nascido para tanto, com espiritos tão levantados, sujeitou-se á vida de mercadejar em queijos e especiarias. Se o contador-mór Luiz de Barros cuidaria que educava para este destino o seu querido neto!... E agora diz elle que precisa de trabalhar muito para educar e dotar esta menina. De casa não espera elle patrimonio nenhum; porque a mãe, antes de morrer, vende e dá tudo para nenhum filho se aproveitar de nada. Olha tu que desgraçada e castigada mulher aquella! Não estima ninguem, e não tem n'esta vida pessoa que a estime, alma que lhe dê uma sede d'agua na febre da agonia! No que parou aquella senhora que eu conheci tão respeitada na côrte, e visitada das mais illustres fidalgas!... Disse-me Jorge que até as escravas a estavam menosprezando! E mais é ainda rica! Se um dia empobrecer, será necessario que meu marido a vá tirar da lama das ruas!... Ora ahi tens, minha querida Lourença! Ahi vamos nós para aquelles frios nevoeiros e ardentes febres da Hollanda. Queira o Senhor que meu marido não adoeça... A sua misericordia me leve d'este mundo, se eu ainda hei de ver a minha Leonor sem pae...

—Que sustos!—interrompeu Lourença.—Teu marido é forte, e rapaz. Se adoecer em Amsterdam vae para Londres ou para Roma, ou para qualquer cidade de Italia, onde está muita gente da nossa nação, que vos ha de acolher e rodear de contentamentos. Não te dê

Digitized by Google

cuidado o futuro de Leonor. João Mendes vae mandar liquidar a nossa casa do Rio de Janeiro, e empregar em Lisboa o capital, o meu Antonio ha de formar-se; e, quando tiver vinte e dois annos, será doutor, e bastante remediado para manter as regalias da nossa Leonor abundantemente...

O dialogo foi interrompido por Jorge de Barros que entrou lendo uma carta.

—De quem é?—perguntou Sára.

—E' do tio Diogo—respondeu com um sorriso de amargura o marido. — A inquisição fareja-te, minha Sára!...

---

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO VI

O caso extraordinario de um casamento de um fidalgo, descendente d'avós e paes christãos velhos, com a filha dos judeus queimados no auto da fé de 1685, deixou viva e duradouramente impressionados e escandalisados os animos dos frades dominicanos e mais officiaes do tribunal. Poderia conjecturar-se que a consorte de Jorge de Barros se convertesse de coração á fé catholica para esposar o christão; porém, esta pia hypothese encontrava o procedimento dos casados, ausentes logo da patria, e residentes entre judeus, n'um paiz de heresia livre, onde as portas das synagogas se abriam francamente ao culto satanico da raça deicida. Se a judia, ligada sacramentalmente a Jorge de Barros, era christã porque fugia? Se o marido era christão, como lhe consentia a consciencia baralhar-se com herejes, e hebraisantes descarados na Hollanda, terra de maldição em que o demonio armára suas tendas contra Christo e contra o summo pontifice?! Estas interrogações admirandas faziam-n'as os peitos equamines, logicos e consternados dos filhos do glorioso patriarcha S. Domingos.

Digitized by Google

Que a judia se despenhasse no inferno, muito doia isto aos padres, porque era uma alma por quem correra sangue das chagas do Redemptor; mas que a perversa arrastasse na sua queda a alma do marido, este desastre era lança penetrantissima que traspassava corações menos sensiveis que os d'aquelles povoadores das altas regiões da bemaventurança!

O remedio que lhes occorria mais heroico e expeditivo, depois de largas cogitações, era queimar a judia, e purificar a alma contaminada do marido ao fogo em que estalassem os ossos da mulher.[1]

Treze mezes tinham derivado; e tão largo termo não bastou a delir da memoria dos frades aquelle salutar pensamento. Prova é que, ao cabo de tantos dias, quando os familiares da cidade da Guarda avisaram D. Nuno da Cunha, o inquisidor geral, em papeis escriptos do punho de D. Verissimo de Lencastro, e do bispo que lhe succedeu no officio, encontrou notas recommendativas ácerca de Sára de Carvalho, e Jorge, marido d'ella, filho de Placido de Castanheda de Moura.

O cardeal recebeu o aviso da existencia de Sára na

---

[1] A's pessoas a quem parecer inverosimil a hypothese de poder ser queimado um homem de familia distincta e de boa nota em materias de fé, podéramos dar conta de alguns casos de portuguezes notaveis queimados pelo santo officio, bem que não procedessem de familias judaicas. Muitissimas são as victimas que a inquisição do reino visinho recenseou nas familias de mais velha christandade. Veja *Llorente* «Histoire critique de la inquisition.»

Digitized by Google

Covilhã, e mandou officiar ao conselho geral. Ao mesmo tempo, porém, o secretario do cardeal avisava o familiar Diogo de Barros com estas palavras:

«Eu demoro quinze dias a participação aos frades para dar tempo aos culpados a fugirem de seu vagar.»

Esta fôra a má nova que Jorge de Barros lêra a sua mulher.

N'um dos proximos dias, Lourença Coutinho voltou para Lisboa, cobrindo de lagrimas as mãos do seu protector, e as faces de Sára e da filhinha. Antonio tambem chorou muito abraçado em Leonor, quando a creança lhe deitava os braços em alto choro, ao apartarem-se.

Volveu Jorge de Barros a fazer sua residencia em Amsterdam. Lançou mão, outra vez, da industria commercial, e com mais actividade, em razão de ter uma filha. Se d'antes passava algumas noites entretidas nos saraus litterarios da portugueza D. Isabel Corrêa[1], depois escasseava-lhe o tempo ás amenidades do espirito.

---

[1] D. Isabel Corrêa, nascida em Lisboa, e dotada do conhecimento dos principaes idiomas da Europa, refugiou-se em Hollanda, no reinado de D. Pedro II. Presume um bioagraphado por meras conjecturas, que descendesse de hebreus aquella dama, e como tal, se furtasse ao santo officio. Formou em Amsterdam uma academia de bellas letras, e deu á estampa alguns volumes de poesias, e o *Pastor fido*, traduzido do italiano em 1694. E' grandemente louvada pelo abbade Barbosa, pelo author do *Theatro Heroino*, e pelo padre Antonio dos Reis no poema latino, intitulado *Enthusiasmus poeticus*.

Digitized by Google

As suas noites e horas do dia feriadas eram repartidas entre o coração e o repouso. No coração concentrara elle os prazeres da intelligencia. A filha era-lhe tudo o que já Sára não podia ser, após doze annos de convivencia. A hebrea fora-lhe a paixão unica, mas uma paixão por ser exclusiva, não faz que a felicidade da alma seja permanente. Se alguma hora, todavia, Jorge de Barros, que não sahira exceptuado de commum lodo, era surprehendido por vagos desejos de distrahir-se em affectos novos, a filha reclamava para si a exuberancia do coração de seu pae, e vingava senhorea'-la.

As noticias de Lisboa iam miudamente nas cartas de Lourença Coutinho para Amsterdam. Os dialogos epistolares das duas israelitas versavam no maximo sobre as suas alegrias maternaes. Lourença escrevia a Sára que o seu filho Antonio era muito esperto, e causava espanto ao mestre de primeiras letras mais afamado em Lisboa, o padre Lourenço Pinto. No prophetar d'este idoneo sujeito, o pequeno Antonio, se a morte o não apanhasse, havia de ser cousa de prodigio, principalmente em poesia; porque, entre oito e nove annos de idade, fazia versos que Lourença avaliava muito superiores aos do pae. Se houvermos de crer n'estes encarecimentos da extremosa mãe, Antonio já andava nas azas da fama, e algumas familias illustres folgavam de o terem por suas casas com os filhos de quem elle era condiscipulo. Uma d'estas pessoas era José de Oliveira e Sousa, contador-mór dos contos do reino, que succedera no elevado cargo ao defunto Placido de Castanheda de

Digitized by Google

Moura. Aquelle fidalgo tinha um filho, de nome Francisco Xavier, mais novo tres annos que Antonio, e igualmente admiravel por a precocidade do seu engenho. Era coisa para muito rir ver as duas creanças a contenderem sobre elegancias de poesia portugueza, repetindo trechos de Miranda e Ferreira, de Bernardes e Camões. Antonio, contra o auditorio, sustentava com razões pueris que Gil Vicente era superior a Camões. A comedia era, no pensar do menino, a melhor fórma da poesia, a mais agradavel e recreativa. E os ouvintes instigavam-n'o a discorrer sobre estes e outros assumptos. Referia Lourença Coutinho diffusamente estas africas do filho, e ao mesmo tempo as grandes virtudes da esposa de José de Oliveira, —áparte os delirios da sua fé catholica—conhecimento e amizade que devia ao seu Antoninho. D. Isabel da Silva Neves era o nome da mãe do pequeno Francisco Xavier, legitimamente vaidosa do seu menino como a outra mãe; e, por alliança de sympathias e maternidade, muito intima da esposa do advogado João Mendes.

Não obstante, Lourença Coutinho motejava das crendices piedosas da sua amiga, contando a Sára que D. Isabel tinha no santuario duas imagens, uma da Conceição, e outra de Nossa Senhora da Graça, as quaes ella amarrava uma á outra com um fio de perolas, quando pretendia d'ellas algum favor. Referia mais que a sua amiga tinha um Santo Antonio que ella frequentemente incommodava, assim que a mais insignificante coisa se lhe perdia. Ora, se acontecia o Santo não dar prompta noticia do objecto perdido, a devota desterrava o padre

Digitized by Google

Santo Antonio da companhia dos outros Santos, e exilava-o para um canto escuro da alcova por espaço de vinte e quatro horas; findas as quaes se o objecto não tinha ainda apparecido, o rebelde Santo era amarrado pelo pescoço com uma guita, e pendurado á borda do poço, até lhe dar agua pela barba. Se a coisa perdida vinha a descobrir-se, então sahia o Santo da cisterna, e era processionalmente conduzido ao oratorio, por entre lampadas e perfumes, terminando o triumpho por um lauto jantar ao qual eram convidados os parentes e amigos. Ajuntava judiciosamente Lourença que estas irrisorias superstições eram approvadas por um frade muito sabio, irmão do contador, chamado frei Francisco do Menino Jesus, prior dos carmelitas, o qual estava continuamente ensinando ao pequenito Francisco historias em que figuravam feissimos demonios com grandes caudas e retorcidas pontas e pés cabruns.

Dos seus dois filhos André e Balthasar dizia Lourença que não podia esperar nada na carreira das letras, porque eram o inverso do irmão em intelligencia; pelo que, João Mendes desistira de os mandar a Coimbra, e esperava manda'-los administrar as suas fazendas no Brasil, se elles ou ellas não levassem descaminho.

---

Digitized by Google

## CAPITULO VII

Em 1715, Sára de Carvalho escrevia á sua amiga com muitas lagrimas, noticiando-lhe que Jorge começava a queixar-se de soffrimentos do peito, supervenientes a umas teimosas sezões que o deixaram enfermo para sempre. N'outra carta immediata, dava-lhe parte da sua ida para Roma, onde o marido ia procurar a restauração das forças, posto que ella, convencida da sua fatal sina, presagiava a curta vida do seu Jorge, e a si se accusava de ser a causa involuntaria de tamanha infelicidade, suppondo que seu marido, restituido aos ares patrios, poderia convalescer. Da filhinha Leonor dizia que eram seis lindissimos annos, com um toque de sobrenatural presentimento nos olhos sempre tristes, e nos geitos melancolicos, ao envez de todas as crianças.

De Roma escreveu mais animada contando por miudo as progressivas melhoras de seu marido. Nomeava os israelitas portuguezes que lá encontrára numerosissimos, vivendo ricos e socegados, alli mesmo debaixo dos olhos

Digitized by Google

indulgentes do papa [1]. Muito se admirava ella da bondade do chefe da igreja christã, e da crueza barbara dos seus subalternos em Portugal; mas, no decurso da carta, dava a entender que os hebreus compravam muito cara a tranquillidade que tinham em Roma.

Lourença contente da boa nova que a viera desafogar de anciosos cuidados, voltou a referir alegres coisas de seu Antonio, como quem as contava á futura sogra de seu filho. O menino estava já sufficientemente instruido em humanidades para entrar na universidade; porém, faltava-lhe a idade para matricular-se. Dava-lhe

---

[1] N'aquelle tempo, demoravam em Roma cêrca de doze a a quinze mil hebreus, governados por triumviros, que elles denominam *Memmonim* (governadores). São eleitos annualmente estes triumviros, para não abusarem da authoridade. Tão familarmente vivem com os christãos, diz um historiador, que estes ultimos não escrupuleam de entrar nas synagogas. Tal tinha sido a concorrencia de judeus a Roma que Innocencio X, em 1685, ameaçou com excommunhão e tributo de vinte escudos cada judeu que entrasse.

Propriamente em Roma tinham os hebreus sua academia, denominada *Thalmud Thorá* «estudo da lei», com professores, que livremente ensinavam. Synagogas tinham nove; isto só em Roma, que no territorio italico tinham cem ao todo, tributadas em setecentos escudos. Zacharias do Porto, fallecido em Florença em 1671, deixou dezoito mil piastras ás donzellas pobres das synagogas de Roma, Ferrara, Ancona, Urbino-Pezaro, Cesano, Veneza, Padua, Verona, Rovigo, Florença, Piza, Livurne, Mantua, Modena, e Regio. Isto é admiravel onde mais se impunha a authoridade da igreja.

Digitized by Google

a noticia de ter elle escripto uma comedia, que o pae lêra e rasgára logo, querendo castiga'-lo, porque a comedia feria os verdugos da inquisição, pondo em imagens um conciliabulo de demonios, discutindo o melhor modo de acabar com a religião do Galileu, e concluindo por saírem do inferno com tres refinadissimos demonios, chamados: Domingos de Gusmão, Torquemada, e Pedro d'Arbuès, vestidos de frades dominicanos.

Não obstante as severas ameaças de João Mendes, o pequeno reproduzira de memoria as scenas principaes da comedia tragica, e leu-as a sua mãe, segundo ella dizia com uma graça e declamação que fazia ora chorar, ora rir.

Temia, porém, Lourença que o filho em Coimbra se desmandasse, e abrisse o seu abysmo e o da familia toda; pelo que, lhe rogára com lagrimas que se houvesse com muita prudencia, e fingisse quanto podesse que era christão.

Contava ella que D. Isabel não cessava de catechiza'-lo para lhe incutir bem no amago as suas doutrinas piamente engraçadas. Do pequeno Francisco Xavier dizia que nunca vira menino tão esperto, e ao mesmo tempo tão visionario. Tinha onze annos, e confessava-se todos os mezes e commungava com uma reverencia edificante. Antonio ria-se da devoção do seu amigo, não em presença d'elle, mas em conversação com a mãe, que o admoestava a não dizer coisa que o pequeno podesse transmittir á sua familia. Dois padres de grande nomeada em Lisboa, o congregado Ignacio Ferreira, e o loyo Lourenço Justiniano, confessores e mestres do menino do

Digitized by Google

contador, prophetisavam que Francisco Xavier de Oliveira havia de ser um luminar da christandade, porque já lhe descobriam no olhar e no dizer um não sei que de predestinação. «Vê tu, minha amiga, dizia Lourença, como em Portugal se inutilisam os grandes engenhos, e abafam os alentos e arrojos dos espiritos! O meu Antoninho diz que o seu amigo está já tolhido, e quando chegar aos dezoito annos estará sandeu. Mas não imaginas como elles se querem! O Antonio não sae de casa d'elle, ou elle da nossa, excepto nas horas em que o Francisquinho está orando com a mãe ou no confessionario, em quanto o meu poeta engenha comedias, com as quaes João Mendes e eu temos occasiões de rir até mais não poder.»

Ajuntava Lourença, com respeito á familia do contador-mór José d'Oliveira e Sousa, que n'aquella casa se acreditava que el-rei D. Sebastião havia de voltar, quebrado o seu encanto: de maneira que D. Isabel não consentia que se lhe fosse á mão n'esta esperança em que ella punha tanta fé como na ressurreição dos mortos. Era grande parte n'esta loucura um franciscano sebastianista, ancião de mais de noventa annos, chamado fr. Vicente Duarte [1].

---

[1] Observo ao leitor que estas e outras miudezas attinentes á biographia do pequeno Francisco Xavier, são extraídas dos proprios livros do celebrado *cavalheiro de Oliveira*, que assim ha de elle chamar-se em Portugal e na Europa, quarenta annos depois. Espero poder dar n'este romance a mais completa, bem que rapida, biographia de Francisco Xavier de Oli-

Digitized by Google

Ouvira Lourença Coutinho, da propria bocca do frade, esta lenda persuasiva da vinda infallivel d'el-rei D. Sebastião: «Andava por Lisboa, no fim do seculo XVI, um sincero sebastianista a quem alguns incredulos escarneciam. Um dia, disse elle aos zombadores: Acreditareis que D. Sebastião ha de vir, se esta vara de marmelleiro, mettida na terra, florescer e fructificar?—Acreditamos—responderam os circumstantes.

«E o sebastianista—proseguiu dramaticamente fr. Vicente Duarte—em presença de cem pessoas, cravou o bordão na terra, e para logo a vara bracejou ramos, que se vestiram de flores, e estas se formaram em bellissimos e maduros marmellos. Quantos estavam e provaram da fructa, se converteram do intimo á fé e esperança do sebastianismo. Meu pae—continuava o frade—comeu d'aquelles marmellos prodigiosos.

«Ora aqui tens, minha Sára—ajuntava Lourença—como está a razão de pessoas da primeira linha em Lisboa! D. Isabel é uma das mais distinctas damas, e, á semelhança d'esta, dizem-me que ha centenares d'ellas

---

veira, entre todas as publicadas. Dois volumes, os menos conhecidos de suas obras, são os mais importantes para o estudo da vida revezada e desditosa do filho de José d'Oliveira e Sousa. A' livraria do erudito bibliophilo José Gomes Monteiro, meu prestante amigo e indicador de optimos repositorios de noticias sobre coisas nossas, pertencem os dois preciosos volumes de que vou colhendo estes pormenores interessantissimos, não só pelo que respeita á vida do cavalheiro d'Oliveira, senão que dos costumes, crenças e viver d'aquella geração tão corrompida quanto fanatica.

Digitized by Google

que ensinam a seus filhos a crença de fr. Vicente Duarte dos marmellos! Vê tu que marmellada!

«Queres tu saber uma coisa mais espantosa? Ha aqui ricos mercadores que vendem os seus generos com a condição de receberem o pagamento d'elles, quando vier D. Sebastião. Meu marido já viu escripturas d'estes contractos, lavradas ha cincocnta annos, e postas em juizo, se póde haver juizo para tolices d'este tamanho! Diz João Mendes que ainda agora ha velhacos que se fingem sebastianistas para lograrem os miseraveis vendedores a praso tal! Eu fazia de Portugal uma idéa muito diversa, quando estava no Brasil. O meu Antonio diz que em Lisboa não ha senão duas especies de gente: fanaticos e hypocritas; com os primeiros estão os verdugos da humanidade, com os outros estão os patifes. Eu creio que ainda ha gente boa como Diogo de Barros e sua santa familia e como esta senhora minha amiga, que tem tanto de boa como de embrutecida por frei Vicente e outros, não sei se hypocritas se fanaticos.

«A respeito de frades, vou contar-te um caso galante acontecido ha dias. O teu Jorge ha de folgar de o saber, porque sei que elle ainda é parente de um dos personagens d'esta comedia, que o meu Antonio promette escrever. O conde da Atalaya tinha uma manceba muito bonita, segundo dizem. Ninguem se atrevia a disputar-lh'a, porque temiam o conde. [1] Tentou a empreza um

[1] E' o mesmo que, annos depois, ajudou o marquez das Minas a matar o corregedor á porta da igreja de S. Roque.

Digitized by Google

padre franciscano, e ganhou-a. Uma criada da manceba infiel denunciou a traição a seu amo. O conde fingiu uma caçada, despediu-se da perfida, e escondeu-se na cidade. Pouco depois, entrou o frade, e imaginou que estava em sua casa. Quando era meio dia estavam dormindo socegadamente. Eis que bate á porta o conde, e a criada abre promptamente. O frade, trajado como o innocente Adão, escondeu se debaixo da cama. O conde da Atalaya entra no quarto, vê os habitos de S. Francisco, olha para debaixo do leito, e exclama: *Quer tu sejas demonio quer tu sejas frade, não te toco: mas ordeno-te que saltes d'ahi para fóra, que desças as escadas, e vás para o teu convento: isto immediatamente.* O frade queria vestir-se, e o conde não deixava. Ajoelhou-se o fransciscano, pedindo-lhe que antes o matasse e o não obrigasse a saír n'aquelle feitio. O conde foi inexoravel até ao momento em que o frade lhe disse: *Que deshonra v. s.ª vae causar ao nosso commum padre S. Francisco, expondo-o d'esta fórma, na pessoa de um dos seus indignos filhos, á zombaria e escarneo do povo!*

«Ora o conde, como era irmão da ordem terceira de S. Francisco, abalado pelo medo de offender o padre commum, perdoou-lhe, e disse-lhe que se vestisse.

«E vae o frade, tão depressa lançou mão do habito, arranca duas pistolas, mette-as á cara do conde, e diz-lhe que o matava, se lhe não cedia a moça. O conde, acovardado diante da furia do aggressor, saíu de casa, não sei se com intenção de voltar. O certo é que o frade saíu com a manceba, e até agora, que já são pas-


Digitized by Google

sados quinze dias, ninguem sabe dizer onde param, apezar das pesquizas de todos os quadrilheiros![1]

«Aqui tens como está Lisboa, minha Sára.

«Deus me livre que esta carta fosse dar á mão dos que purificam o ar corrompido de Portugal com as fogueiras da santa fé!.....»

---

[1] Veja as pag., 154, 155 e 156 do 2.º vol. do *Amusement périodique* do cavalheiro de Oliveira.

Digitized by Google

## CAPITULO VIII

Em 1716, recrudesceram os padecimentos de Jorge de Barros. Saíu de Roma, e vagueou pelos ducados italianos, experimentando alternadamente ora melhoras, ora empeoramento do achaque do peito.

Instado por Sára, escreveu a seu tio Diogo de Barros, a pedir-lhe que lhe assegurasse a ida para a patria, cujos ares lhe poderiam ainda renovar o sangue.

Diogo sondou o animo do Santo officio, e colheu pessimas inducções de sua raiva ao marido da judia.

De Roma tinham vindo ao inquisidor geral avisos da embaixada, exagerando os serviços que Jorge de Barros andava lá diligenciando a favor da nação judaica em Portugal, fazendo reviver no espirito de Clemente XI escrupulos e suspeitas, ácerca do estylo de processar os judeus em Portugal, taes como as outras que o padre Antonio Vieira tinha suscitado em 1674 por meio do seu opusculo offerecido a Clemente X, com o titulo *Noticias reconditas do modo de proceder a inquisição de Portugal com os seus presos.* [1]

---

[1] Por causa d'esta *Noticia* não se accenderam fogueiras desde 1674 até 1681. Ha razões para suppôr-se que esta *No-*

Digitized by Google

Na verdade, Jorge de Barros, testemunha presencial dos flagicios com que os christãos novos sem culpa se viam atormentados em Portugal, solicitou audiencia de alguns cardeaes de mais humana indole, e advogou a causa dos hebreus, afervorando as supplicas com a justiça das razões. Os israelitas hespanhoes e portuguezes instigavam-n'o a ser-lhes seu amparador, offerecendo indeterminados cabedaes para vencer algum pequeno relache nas gonilhas de seus pobres irmãos, e d'outros que vagamundeavam espoliados dos haveres que a inquisição lhes confiscara na patria. Não sortiram effeito as suas activas intelligencias e diligencías com alguns membros do sacro collegio. Empeceram-n'o as humilhações hypocritas da côrte portugueza aos pés do papa.

No anno de 1716 concedera Clemente XI ao rei D. João V o erigir-se em igreja patriarchal e metropolitana a real capella. Esta concessão era um chover copioso de prosperidades sobre Portugal, as quaes o piedoso rei não sabia como pagar á munificencia do bispo de Roma. Nunca tão intimo se tinham amado as duas côrtes! Estava no throno de D. João I o perdulario que havia de despejar o ouro do Brasil, contado por milhões, nos cofres de S. Pedro. Clemente XI não era homem que podesse applicar um ouvido ao som dos dobrões portuguezes e outro ás supplicas d'um advogado de judeus. O dinheiro dos israelitas era humilde regato em

---

*ticia* não é do Vieira; mas sim do medico hebreu David Neto, fallecido em Londres em 1728.

Digitized by Google

comparação do Pactolo da côrte. Com a *bulla aurea* (o adjectivo *aurea* foi por ventura posto para indicar o estimulo da concessão) enriqueceu o pontifice esta nossa terra de parvos, com a prosperidade de mais um cabido metropolitano com seis dignidades, e dezoito conegos chamados *principaes*, que trajavam de bispos, e mais doze prebendados, após outros ministros ecclesiasticos para o serviço da patriarchal. Todos estes sujeitos de illustrissimo sangue, e estomago correspondente em lustre e elasticidade, eram favores que Roma, a pedido do devoto monarcha, fazia ao erario. Ao mesmo tempo, D. João V lançava a primeira pedra d'aquella vasta mole de granito e marmore que ahi está, chamada *Mafra*, coisa de triste e pavoroso aspecto, monumento que a si se levantou um braço real, como se a qualidade do braço o resalvasse, posteridade além, da nota de se ter immergido no thesouro da patria, tirando e espalhando ás rebatinhas mãos cheias de ouro que deviam cair em estradas, em colonias, em beneficios da navegação, em beneficios da agricultura, em recultivação das terras de D. Diniz, cujos arados D. Manuel e João III converteram em espadas e mandaram ensopar no sangue das nações d'além-mar.

Baldaram-se, pois, os rogos de Jorge de Barros; mas, assim mesmo, no conselho do santo officio, o nome do generoso causidico da raça maldita foi duplamente cintado de negro.

Razão tinha Diogo de Barros para afastar seu sobrinho de Portugal, embora o matassem lá fora os ares

Digitized by Google

pestiferos de Roma ou de Amsterdam. Antes morrer a beira das lagoas pontínas ou dos lameiraes hollandezes, que nas labaredas do campo da Lan.

Em dispendiosas viagens de dois annos e interrupção de tracto mercantil, se desfalcou o capital de Jorge. Attenuava-se elle a olhos vistos, quando se detinha a scismar no futuro de Sára e da filha, se a molestia o matasse n'aquelle seu andar de reino para reino, em cata da saude, que, a intervallos curtos, lhe abria luz de esperança, e logo o descaía na escuridão das suas longas noites de velar e gemer com Sára e Leonor á beira do seu leito.

Lembrou-se a esposa do clima brasileiro, onde elle recobrára saude. O enfermo deixava-se levar como creança a toda a parte. Bastava que Sára lhe dissesse: «Rogo-te que vamos em nome de nossa filha» Leonor, quando a mãe falava assim, ia acariciar as faces de Jorge, e repetir a supplica no mais mavioso tom e sorriso d'anjo da esperança.

Pouco tempo se detiveram no Rio de Janeiro. O governador da Bahia, ido pouco antes de Portugal, avisou Jorge de Barros do perigo que a sua liberdade corria em territorio portuguez. Deu-se pressa em voltar á Europa, com a molestia aggravada e o coração mais angustiado.

Alguns israelitas, seus companheiros de viagem, induziram-n'o a ir experimentar os ares de Londres. Desejava Jorge permanecer alli, porque a nação hebraica, em parte alguma—a não ser na Polonia, chamada «pa-

Digitized by Google

raiso dos judeus»—gozava tanta liberdade e consideração.

—Não tinha sido assim até 1649, época em que um hespanhol escreveu e offereceu ao parlamento certa *Apologia dos hebreus*. Uma razão allegava o apologista, que tem muita originalidade, e milagrosamente ponderou no animo da camara. Dizia elle: «Se os avós d'estes hebreus crucificaram o Messias, parece, em conformidade com o Evangelho, que os chefes e doutores da lei foram unicamente os réos de tal crime, ao passo que o povo exclamava: *Hossanah filho de David!* e que a posteridade não deve ser punida d'uma culpa já expiada por tantas gerações.» Ajuntava o defensor que devia ser respeitado o caracter do povo de Deus, que os israelitas ainda tinham, como reliquias d'uma alliança pactuada com elles solemnemente por Jehovah. Finalmente, dizia a representação, que a tolerancia da Inglaterra attraíra a benção do Senhor ao reino que, nos cem annos ultimos, tinha sido firmissimo sustentaculo da verdade e valhacouto de infelizes.

Cromwell estava á frente do parlamento. Sustentou a discussão a favor da apologia, e desatou as cordas oppressivas da liberdade dos judeus.

Não soube ainda a historia nem o souberam os hebreus de Inglaterra a quem deveram a sua redemptora apologia. O incognito bemfeitor, no remate da sua supplica, escreve: *Lo que tengo escripto no ha sido a pedimento de ninguno de la nacion de los judios. Solo quiero mostrar lo que a tanto tiempo tengo em mi corazon,*

Digitized by Google

*y sobre todo es mi intencion fundada em la gloria de Dios.* [1]

Desde Cromwell,—o qual, no entender d'alguns judeus tão gratos quanto estupidos, era o seu verdadeiro Messias [2]—a nação de Israel construiu synagogas em Londres, e desassombradamente commerciou por igual com os papistas e protestantes.

Quando Jorge de Barros alli chegou já nenhuma baliza odiosa estremava os judeus da familia humana. Em Londres, com muita distincção das outras paragens, o hebreu assumira a sua perfeita dignidade de homem. Em nenhum dos mais poderosos negrejava o ferrete da usura. Os costumes eram mais exemplares que propriamente os da severa Grã-Bretanha.

Esta sociedade captivou o espirito de Jorge; mas o ar de Inglaterra deslaçava-lhe as fibras dos pulmões. Saíu para Italia pela terceira vez. Tomou casa em Veneza, onde por aquelle tempo demoravam dois mil hebreus, com suas synagogas, seu cemiterio, e commercio desafogado de oppressão, graças ao papa Innocencio XI, que, desde 1671, lhes quebrára os ferros com que a republica os tinha sopeado.

Desde Veneza, escreveu Sára á sua amiga Lourença Coutinho, a quem raras cartas enviára no espaço de

---

[1] *Eduardo Nicolau — Apologia por los judios, fol. 8.*

[2] *Grégoire, Essai sur la régénération phisique, morale et politique des juifs, 1789.*

Digitized by Google

tres annos, e de nenhuma esperava nem pedira resposta, por não ter permanencia em reino algum.

Lourença Coutinho noticiou a ida de seu filho para Coimbra, com bem agouradas esperanças de ser optimo estudante, e successor dos creditos de seu pae. Antonio vinha sempre ao proposito de se ratificarem as promessas mutuas do casamento.

Narrando, como era costume d'ella, successos exquisitos de Lisboa n'aquelles dias, escreveu Lourença Coutinho:

«Vou-te contar o caso do doutor *Machuca*, em que toda a gente de Lisboa fala. O teu Jorge ha-de conhecer, pelo menos de nome, este medico de maiores creditos. Dizem que elle tem vista dupla, e adivinha ou vê tudo que a gente tem no interior do corpo e do espirito. A algumas mulheres casadas diz-lhes que a sua doença são ciumes dos maridos; aos mancebos recommenda-lhes que divirtam o espirito de pensarem na fidelidade de tal e tal dama; a este doente diz que o seu mal foi comer uma azeitona contra as prescripções da dieta, áquelle reprova ter provado um gomo de laranja. E o caso é que adivinha sempre, e com isto ganha rios de dinheiro.

«Um outro medico muito infeliz nas curas e abandonado dos doentes foi ter-se com elle, e disse-lhe, segundo o doutor *Machuca* referiu a meu marido: «Tu, digno homem, sabes que eu sou muito ignorante ou muito desgraçado: fomos condiscipulos, estudámos nos mesmos livros, começámos a curar ao mesmo tempo: tu estás muito acreditado e riquissimo; eu, ninguem sabe como

Digitized by Google

me chamo, nem eu sei como hei de sustentar minha familia. Em nome de Deus te conjuro que me digas uma parte do segredo da tua felicidade.»

«O *Machuca,* apiedado das lastimas do seu collega, respondeu: «Meu amigo, eu não adivinho: o que faço é espreitar sagazmente certas cousas que, ao parecer dos estupidos, são extraordinarias. Por exemplo: entro na alcova d'um doente; sei que está alli uma rapariga incapaz de observar a abstinencia prescripta; casualmente descubro ao pé do leito um caroço d'azeitona ou uma casquinha de laranja; tomo-lhe o pulso, e digo-lhe: «A menina comeu d'isto ou d'aquillo?» E vae ella nega, e eu insisto; ella córa, e eu teimo. Ahi está logo toda a familia persuadida que eu adivinhei. E á imitação d'este caso, os outros, meu caro collega, são assim naturaes e simples.»—Bem, disse o medico infeliz, farei por imitar-te.

«Sae de casa do *Machuca* o pobre homem, e topa na rua uma mulher que o chama para ir vêr o marido, que tem febre. O doutor senta-se á cabeceira do doente, vê-lhe a lingua; e relançando a vista, segundo o systema do *Machuca,* descobre que o doente debaixo do travesseiro tinha uma gabella de feno.

«—Vossemecê comeu feno—diz o doutor.

«—Feno?!—pergunta o enfermo.

«—Sim, feno! O seu mal procede de ter comido feno.

«—Vossa-mercê é um bebado!—exclama o doente...

«—E vossê—replica o doutor—é uma cavalgadura que come feno!

Digitized by Google

«—Que besta minha mulher me trouxe!—torna o doente.

«—Mais besta é quem come feno!—replica o medico.

«O doente enche-se de ira, salta da cama, e juntamente com a mulher empurra o doutor do alto da escada á soleira da porta.

«Aqui tens o ridiculo e ao mesmo tempo triste caso que faz rir hoje toda a gente. Eu chamo-lhe triste, porque o medico foi para casa com um hombro derreado da queda! [1]

«Tenho pedido noticias da sr.ª D. Francisca Pereira Telles. Dizem-me que já não sae á rua, porque entreveceu, e vive quasi sósinha n'um velho palacete que tem no bairro de Alfama, porque os outros lhe tiraram o filho Garcia e o marido. Ambos estes senhores vivem alegre vida; mas nenhum d'elles é recebido na côrte. O sr. Garcia de Moura Telles é teu cunhado, e por isso não repetirei o que a respeito d'elle ouço dizer. Basta que saibas que todas as portas das familias honestas se lhe fecham. A companhia d'elle são as comicas e comicos hespanhoes do Bairro Alto, que vieram para aqui ha dois annos, e teem causado grandissimos dissabores aos paes de familia...»

---

[1] *Francisco Xavier d'Oliveira*, *Amusement periodique*, n.º 1, pag. 66, 67 e 68.

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO IX

Sára já não achava graça na historia do doutor Machuca. Lavavam-n'a enchentes de lagrimas, quando recebeu a carta da sua amiga. Jorge peorára tanto, que já se não podia erguer, nem planear inuteis mudanças para outro clima.

Quiz elle ouvir a carta, e chorou no periodo em que Lourença escrevia do desamparo de D. Francisca Pereira, e da penosa agonia com que a divina Providencia a castigava, amarrando-a ao leito de entrevada. Sára respondeu com lagrimas ás do esposo, e disse:

—Se esta senhora nos quizesse receber em sua companhia, com que amizade e amor a não tratariamos na sua triste enfermidade!...

—Talvez rejeitasse a minha submissão—disse Jorge —porque Deus não quer que ella aceite... A justiça divina opera só: a nossa caridade para com a minha desgraçada e criminosa mãe, seria opposição aos decretos da Providencia... Não póde ser uma filha impunemente má... Soffreu muito meu avô... Dôres, como as dos ultimos annos d'aquelle santo velho, Deus as não faça

Digitized by Google

provar á descaroada filha!... Eu sei que elle lhe perdoou, sei; mas a justiça divina é menos indulgente: quer que os offendidos indultem os aggravos que particularmente receberam, e reserva para si o castigo, a execução d'uma lei geral e inquebrantavel. Minha mãe ha de padecer, expiar, e recordar-se longo tempo das agonias de seu pae. Faz-me infinita compaixão o seu desamparo d'ella! Aquillo é que é angustia humanamente incomportavel! Meu avô tinha, quando morreu, muitos parentes e amigos em volta de si. Ella não terá ninguem! Eu beijava as mãos frias do velho, que morrera serenamente, abençoando-me, minha mãe acabará amaldiçoando o filho que odiou, e a chora hoje; amaldiçoando tambem o filho que tanto amou, e a despreza na sua ultima miseria! O' Sára—proseguiu Jorge apertando ao seio as mãos da esposa—ó' Sára, que infernos tem este mundo!... não ha outros, não te assustes da existencia d'outros, minha querida amiga; não ensines a tua filha outros infernos: mostra-lhe sómente aquelle em que penou sua avó...

Passados alguns segundos de silenciosa cogitação, Jorge proseguiu:

—Tens tu animo, Sára, para combinar comigo no que te cumpre fazer, se a minha vida fôr tão breve quanto...

—Não! atalhou ella. Não! por Deus te rogo, pela filhinha, Jorge, por este anjo te supplico...

E, como os soluços a entalassem, continuou a supplica em lagrimas, com que refrigerava as mãos ardentes do marido.

Digitized by Google

—Socega, socega, disse meigamente Jorge, que eu não digo mais nada... Tens razão... é ainda muito cedo para cogitarmos d'isto... Póde ser que eu melhore... Aos trinta e oito annos, a natureza ainda vence a morte. Mudaremos de terra, assim que eu poder levantar-me. Os medicos dizem que os portos de mar são nocivos aos meus achaques; vamos procurar montanhas... Quem me dera as da nossa patria, ó Sára!—disse elle, com muita saudade, olhando por uma janella, como a procura'-las, e talvez a ve'-las na illusão da febre as montanhas da sua terra!

—Vamos nós! exclamou ella de subito e alvoroçada. Vamos, Jorge?

—Para onde, Sára?

—Para a Covilhã... A gente esconde-se... O nosso Simão fará que vivamos sem risco nem medo até que estejas restabelecido.

O alvoroço de Sára communicou-se ao espirito do marido, porque a saudade da patria o dispozera a acceitar um alvitre, que n'outra hora recusaria por imprudente.

—E quem sabe?!—disse Jorge com exaltada alegria, estreitando a filha ao peito.—Quem sabe?! póde ser que eu me cure com um mez ou dois de respirar aquella saude das montanhas da Covilhã!... De dia, não saírei, dormiremos; mas de noite, iremos por aquellas veigas fóra, e subiremos ás serras, e veremos romper a aurora, já de volta para os escondrijos do nosso Simão; queres, Sára?... vamos?...

Digitized by Google

—Hoje mesmo... se te podesses erguer...—acudiu a alegre senhora, crendo que já via côr de saude nas faces escarnadas de Jorge.

—Erguer-me poderia eu... poderia, que a esperança é uma forte e celestial medicina; mas o peior é a viagem por este mau tempo que faz! Os balouços do navio, assim n'esta fraqueza em que estou, quem sabe se me acabariam o resto das forças... Se te parece, escrevamos primeiramente a Simão, esperemos resposta que ha de ser boa, no entretanto vou-me eu avigorando, e a primavera chega tambem. O mais acertado acho que é isto.

Ao outro dia, com muita vontade e pouquissimo vigor, saíu Jorge de Barros da cama, dando a mão á filhinha, que presumia ser amparo do pae, e recurvando o braço direito pelo pescoço de Sára. Deu alguns passeios n'uma saleta, saíu á janella que se abria sobre uma praça muito solheira, e alli esteve alguns minutos gozando o ar tepido d'um meio dia de dezembro sem nuvens na Italia. Dizia elle que se lhe estava alliviando muito a oppressão do peito, como se áquelle sol se derretessem os tumores que lhe impediam a inspiração do ar. Sára, de jubilosa, desfazia com beijos as faces de Leonor.

Por espaço de vinte dias, aquellas melhoras, quando não augmentassem, conservaram-se; porém, o contentamento do enfermo e da esposa tanto as encareciam que já um nem outro sabiam falar senão em vida para alegres futuros. A morte costuma assim zombar com

Digitized by Google

algumas das suas presas, como a fera com a victima, quando a deixa fugir já ferida, e, salteando-a outra e muitas vezes, renova o gozo de lhe rasgar as carnes, até que d'uma assentada a despedaça.

Jorge de Barros passeava um dia no caes do desembarque, porque esperava cartas de Amsterdam, por onde as de Simão de Sá lhe eram enviadas. Um navio hollandez, que n'aquella manhã ancorára, devia levar-lhe a suspirada resposta do hebreu da Covilhã.

Uns passageiros saltavam das gondolas ao caes; outros vinham de longe acenando ás pessoas que os esperavam em terra. Sára, reparando n,uma d'aquellas gondolas, porque lá vinha uma senhora acenando para o caes muito agitada, expediu um grito e exclamou:

—O' Jorge!... O' Jorge!...

—Que é?!...

—Acolá vem Judith!...

—Que Judith?

—A filha de Simão... e o pae tambem... não vês?...

—E' elle! clamou Jorge, e o marido de Judith lá vem tambem, não é?

—São elles! são elles!—bradaram juntos os esposos, agitando os braços e abeirando-se do canal.

—Venho trazer-vos a resposta da vossa carta;—clamou Simão de Sá, ao passar-se da gondola para terra.

—O' Judith!—exclamou Sára, apertada ao seio da sua amiga.

—Como teu marido está desfigurado!—disse Judith


Digitized by Google

ao ouvido de Sára, querendo esconder de Jorge o espanto e as lagrimas.

—Se tu o visses ha vinte dias!—volveu Sára—Só a esperança de voltar á patria parece-me que o arrancou á morte... Esperavamos hoje a vossa resposta, para saírmos d'aqui, e vós vindes n'esta occasião...

—Vem ouvir meu pae, que elle está contando a Jorge a razão da nossa fuga...

—Fuga!—atalhou Sára—pois vindes fugidas?! a quê?

—A' inquisição. A final, chegaria a nossa vez da fogueira, se não tivessemos bons amigos em Lisboa...

Recolhidos á residencia de Jorge de Barros, contou Simão de Sá que a perseguição se accendera com bravura inexoravel contra os hebreus, principalmente simulados christãos novos, refugiados pelas provincias, e com mais particularidade contra elle Simão de Sá, porque tinha luctado peito a peito com um fidalgo da Guarda, que lhe quizera roubar uma filha, violentando-a. Ora, succedendo que o fidalgo, contuso das mãos do hebreu, era irmão de um ministro secular do conselho real, dignidade attinente ao conselho do santo officio, [1] a per-

---

[1] O conselho do santo officio tinha presidente, que era o inquisidor geral, e conselheiros sem numero certo. Entre estes, eram tambem nomeados ministros seculares, chamados do conselho real, dos mais abalisados em letras e auctoridade. O secretario do rei era-o tambem do santo officio. Mediante elle, se communicava a inquisição com a corôa. Este secretario expunha vocalmente ao rei os negocios da inquisi-

Digitized by Google

seguição ao favorecido judeu da Covilhã foi tão activa e poderosa que o duque de Cadaval, protector de Simão de Sá, apenas pôde antecipar o aviso vinte e quatro horas antes do assalto dos esbirros.

Simão de Sá, com sua numerosa familia, fugiu sem mais demora que a precisa para a entrouxar o mais urgente, especialmente o muito dinheiro que, já de herança de avós, tinha amuado no cofre para o caso previsto da fuga, em fim realisado, quando elle menos se temia da inquisição. Expondo-se ao risco de incutir suspeitas em Hespanha, Simão de Sá, coadjuvado por valiosos parentes que o acompanharam desde Bragança, ganhou porto de mar, onde tomou navio que o desembarcou nas salvadoras praias de Hollanda. Logo que aposentou sua familia em Amsterdam, fez-se ao mar em demanda de Jorge de Barros, com seu genro e filha, para pessoalmente acudir á inquietação do seu amigo, e demove'-lo do proposito de entrar em Portugal, n'uma época tão infamada do recrudescido barbarismo do santo officio.

Entristeceu-se amargamente o enfermo Jorge, e logo se viu quanto as melhoras d'elle pendiam da esperança de ainda ver o céo de Portugal. Sára, posto que os hebreus da Covilhã lhe promettiam distrahir-lhe o esposo

---

sição, e não por escripto, para assim impedir que os segredos do santo officio se soubessem Veja *Aula politica* de D. Francisco Manuel de Mello, pag. 8, art., *Do conselho do santo officio.*

Digitized by Google

das saudades da patria, animava Jorge a insistir no seu intento, lembrando-lhe que podiam viver desconhecidos em alguma aldeia da provincia mais afastada de Lisboa, e menos vigiada pelos esbirros da inquisição.

Jorge respondia:

—Tanto monta morrer em Hollanda como em Portugal... Agora vejo que as minhas melhoras eram um milagre da esperança. A esperança era aquelle viver da Covilhã, onde passei os mais ditosos dias de minha vida. Já não existem as condições que se me figuravam. N'outro qualquer ponto de Portugal ser-me-hia tão penosa a existencia como aqui. Iremos todos para Amsterdam. O que me resta da felicidade passada és tu e elles: bom e dôce será o morrer entre vós. Ao menos, Sára, quando eu fechar os olhos, tu e minha filha vereis muitos olhos piedosos em redor de vós, e uma familia que vos será amparo. E' grande esmola da Providencia este ajuntarmo-nos em tempo que tu corrias o perigo de te veres sósinha com uma criança em terra estranha.

No discurso d'esta e d'outras falas, Sára debulhava-se em prantos, porque via definhar-se o rosto e apagar-se o lume febril dos olhos de seu marido. Então era o vertiginoso abraçar-se com a filha, e ergue'-la ao seio, como se a mostrasse a Deus, n'aquelle seu affligido rogar, que era mais por soluços que palavras.

Alguns dias passados em busca de navio, as duas familias passaram para Amsterdam. Os padecimentos de Jorge augmentaram na viagem, bem que elle, condoido das penas de Sára, fingisse vigor e esperanças, que nin-

Digitized by Google

guem já alimentava por serem a cada hora mais declarados os symptomas de proximo fim.

Um dia, Jorge de Barros disse á mulher, olhando sobre o annel do avô:

—Ha quanto tempo nos não lembra este annel!... Vamos falar d'isto, que é necessario, Sára. Tu conheces perfeitamente o local onde está o thesouro. Ainda te recordas?

—Recordo, Jorge.

—Pois, por amor de nossa filha, não o esqueças nunca. A mim já me não aproveita; e a ti... futura-se-me que tambem não; mas póde ser que a nossa Leonor alguma vez encontre o acaso que lhe restitua o patrimonio de seu pae, que outro não lh'o restituirão os descendentes de meu irmão Garcia. Assim que Leonor comprehender as tuas explicações, ensina-lhe a significação das letras d'este annel, e descreve-lhe em miudos a forma do tanque e da estatua, que cobre o deposito da agua, onde está o cofre. Quem sabe? passados annos, a nossa filha poderá sem risco ir a Portugal, e talvez que a justiça lhe faça restituir o que ella legitimamente herdou de seu pae. Os reis, que possuem o palacio de meus avós, podem e devem dispensar a posse d'uns bens de fortuna que, segundo consta da escriptura da venda, claro é lhes não pertencem. Ainda mesmo que o thesouro haja de ser repartido entre mais herdeiros, o quinhão de Leonor, como minha filha, ha de ser o maior de todos, porque os herdeiros actuaes dos haveres de meus avós sou eu e meu irmão. Leonor é

Digitized by Google

minha unica herdeira; e, como tal, mieira nos bens livres que existirem por morte de minha mãe... Fatigam-te estas observações, Sára? Tem paciencia... São necessarias; não as percas da memoria... Chora-me, lembra-te sempre de mim; porém, não seja isso motivo a que te esqueças do futuro de Leonor. Olha que ella e nossos netos hão de pedir esmola, se nos descuidarmos de olhar para a unica fortuna que lhe deixamos... bem sabes que nenhuma outra lhes resta além do segredo d'este annel

---

Digitized by Google

## CAPITULO X

Eram o amor de Sára e os cuidados extremos da familia Sá, e por ventura as orações da innocentinha Leonor, que iam tendo mão da vida de Jorge.

Na primavera de 1719 descançaram os sobresaltos da esposa que, durante o inverno, não tivera dia de seu que não passasse cortado de angustiosos receios, por que a desconfiança dos medicos alanceava o coração da inconsolavel senhora.

Reanimou-se algum tanto o enfermo. Nem aquelle sol, nem aquellas arvores tinham o aquecer e florir da patria; todavia, o ar que lhe filtrava ás cavernas ulceradas dos pulmões parecia coar balsamos cicatrizadores. Renasceram esperanças e contentamentos.

N'este tempo, chegaram a Amsterdam cartas de Portugal. Lourença Coutinho fechara a sua com obreia negra.

—Morreu-lhe, talvez, o marido ou algum filho á minha pobre amiga!...—disse Sára alvoroçada.

—Ou póde ser que morresse minha mãe...—observou Jorge.

Digitized by Google

Quando Sára principiava a lêr a sua carta, entrou Simão de Sá de golpe, exclamando:

—Seu irmão já não vive!

—Meu irmão morreu?!—perguntou Jorge.

—De desgraça... de grandissima desgraça...

—Como Filippe?—atalhou Jorge.

—Peor... peor!...—disse Simão.

—Ah!...—exclamou abruptamente Sára, que continuára lendo a carta de Lourença Coutinho.

—Que é?—perguntou Jorge.

—O sr. Garcia—disse ella—morreu... enforcado...

—Enforcado!—bradou Jorge—enforcado um neto de Luiz Pereira de Barros! Oh! que vaso de ignominia a Providencia impõe aos descendentes do mais honrado homem de Portugal!... Enforcado!... que infamia praticou meu irmão para tão aviltante morte!...

—A minha carta diz o seguinte—respondeu Simão de Sá, e leu os seguintes periodos:

«... Ha cinco annos que o rei D. João V foi enfeitiçado, como cá dizem os pios christãos, por aquella encantadora cigana, que eu, ha tres annos, te mostrei nas hortas de Chelas, chamada Margarida do Monte.

«Lembrado estás de te eu contar quantos desterros, quantos homicidios ennegreciam a vida de Margarida, desde que o rei perdeu o tino por ella, sendo causa de tantas desgraças não poder a bohemia guardar ao rei mais fidelidade do que tinha guardado aos outros mancebos e cumplices de sua desenvoltura.

Digitized by Google

«O rei, irado de ciume, obrigou-a a entrar no convento das dominicas da Rosa, na parochia de S. Lourenço; e violentou-a a professar, com muitissima vergonha das outras religiosas, que se deram por grandemente aggravadas de tal parceira. Tamanho foi o escandalo na cidade, quanto inuteis os queixumes das candidas filhas de Domingos de Gusmão, de escaldante memoria.

«Margarida do Monte, ao tempo que professava, ia declarando que não cria em Deus nem no diabo; mas professou, sob ameaça de ir presa para a torre de S. Gião, e lá dar a ossada do mais galhardo corpo que ainda viram olhos mortaes!

«Deram-lhe no convento luxuosos aposentos. A India não teve mais que désse para ornamento dos profanos retretes, camaras, recamaras e antecamaras da cigana dominica. Serviam-n'a criadas com ar de damas de honor, e alli estava como irmã d'um rei a Margaridinha do Monte que ha quinze annos aqui appareceu em Lisboa, trazida de Santarem pelo conde de Obidos, como sua manceba, e com elle esteve, em quanto outro conde lh'a não empolgou, e outro a este, e não sei quantos ao ultimo, até que o rei, fascinado d'ella n'umas touradas, a tomou, cuidando que lhe caía a honra de ser o derradeiro e absoluto possuidor da bohemia.

«E, por se enganar redondamente, e ter coração curto, cuidou que o vingar-se era roubal-a a alheios olhos, e amansa'-la no convento para depois a retomar purificada dos braços do beato Domingos.

«Ninguem se atrevia a requesta'-la no convento da

Digitized by Google

Rosa, posto que ella provocasse os mais audazes freiraticos de Lisboa: temiam o rei, e punham os olhos n'alguns mancebos illustres, que por causa d'ella andam desterrados, mais felizes que outros enterrados.

«Era preciso que o maior doudo d'estes reinos se amoldasse aos caprichos vingativos da cigana: appareceu Garcia de Moura Telles, irmão do honrado marido de Sára.

«Já sabes que este Garcia com as dèmasias da sua despejada vida alheava de si todos os amigos e parentes. Rara semana se passava sem que algum enorme escandalo estrondeasse por conta d'elle, ou da mulher, de quem elle ha muito se apartou, facultando a entrada da corrupção por todas as portas da casa, onde habita a esposa, creatura de vilissima extracção e peiores instinctos.

«Foi este homem, que já não era novo, quem se abalançou ás temerarias asneiras dos vinte annos.

«Como visse Margarida do Monte na grade d'uma secular extravagante do convento da Rosa, aceitou-lhe a requesta, e correu regularmente com visitas e correspondencia para o convento.

«Parece que o rei soube, e enfurecido até mais não poder, quiz pessoalmente mata'-lo; todavia, os aulicos desvaneceram-n'o do intento, promettendo-lhe vinga'-lo opportunamente, sem que o nome real ficasse enxovalhado no successo.

«Gente bem informada me conta que uma freira confidente de Margarida fôra habilmente comprada por

Digitized by Google

agentes do paço, para traír a confiança da bohemia, e referir dia por dia o andamento dos amores d'ella com o allucinado Garcia de Moura.

«E o caso foi que a traidora denunciou o dia e hora em que, disfarçado em carvoeiro, Garcia de Moura havia de entrar no convento da Rosa.

«Os ministros da real vingança providenciaram a espionagem tão acertadamente que o disfarçado carvoeiro foi agarrado no momento em que entrava com um sacco de carvão sobre os hombros derreados.

«Apenas agarrado pelos quadrilheiros, despojaram-n'o de quatro pistolas que escondia n'um cinturão, levaram-n'o ao corregedor do bairro, e d'aqui para o Limoeiro.

«Ninguem esperava que um caso d'estes, segundo o exemplo d'outros analogos, fosse castigado com mais severa sentença que um desterro temporario; porém, como o negocio era com o rei, os mais avisados esperavam que o desterro fosse para sempre e para alguma das mais inhospitas possessões.

«Eis senão quando corre um boato de que o preso seria condemnado á morte. Os parentes de Garcia de Moura, quando isto souberam, saíram todos a supplicar como grande mercê o degredo do pobre louco. A mãe, que estava entrevada, ordenou que a levassem assim á presença do rei. D. João, assim que lh'a annunciaram, saíu por outra porta, e foi para a quinta d'Alcantara. A desgraçada mulher voltou para casa dando brados de douda, e clamando ao povo que não deixassem matar um neto de Luiz Pereira de Barros, e um filho d'ella,

Digitized by Google

que tinha nas veias sangue real. Do povo havia quem chorasse e quem risse. Eu fui um dos que choraram, porque a conheci em tempos de mui grande valimento e formosura por igual. Em tempos de virtude é que, a dizer verdade, nunca a eu conheci.

«Dos parentes o que mais activamente entendeu na salvação do preso foi Diogo de Barros, e com elle a parentela que fala de Luiz Pereira como de um santo. Baldou-se tudo!

«Hontem, por volta das dez da manhã, correu que se estava carpintejando uma forca no campo da Lan [1], a tempo que um regimento de arcabuzeiros se formava á porta do Limoeiro. Toda a gente entendeu que ia ser enforcado Garcia de Moura. Fecharam-se as janellas de muitas casas principaes. A indignação era grande; mas o terror maior. A compaixão já perdoava as travessuras escandalosas de Garcia; mas ninguem ousava proferir palavra de descontentamento.

«Ao meio dia, saíu Garcia de Moura Telles entre dois frades da Arrabida, que lhe diziam as costumadas prégações, em quanto dois homens o amparavam pelos sovacos. Eu o vi: ia como morto; não pude encarar n'aquelle espectaculo por muito tempo.

«A' uma hora e tres quartos correram-lhe o laço, quando já pouca vida lhe poderia a corda apertar na garganta...»

---

[1] Local onde é hoje o «Terreiro publico.»

Digitized by Google

Simão de Sá interrompeu a leitura, porque Jorge de Barros, perdida a côr e o alento, caíu para sobre a espadua de sua mulher.

Passado largo espaço, deu signal d'accordo: eram torrentes de lagrimas, e vozes inintelligiveis. O hebreu arrependera-se de lêr a carta, sem predispô'-lo a escuta'-la. Cuidava elle que Jorge devia de odiar bastante o irmão para não sentir tão profundo golpe.

Depois das lagrimas, sobreveio uma tôrva serenidade ao semblante de Jorge, e logo estas pausadas palavras:

—Um irmão assassinado pelos Tavoras; outro... enforcado... Enforcado, santo Deus!... um neto de Luiz Pereira de Barros enforcado!...

Confluiam palavras consoladoras da esposa, de Simão, e de todos. Parecia não ouvi'-las, nem vêr quem lh'as dizia.

—Aquella pobre senhora... a minha infeliz mãe!... —murmurou elle.

E, voltando-se para Simão de Sá, perguntou:

—E minha mãe ainda vive?

—A carta não diz nada a tal respeito.

—E a tua carta?—perguntou Jorge á esposa—que diz a Coutinho?

—Não a li toda... Vou vêr—respondeu Sára, correndo os olhos por sobre as muitas paginas da carta.

Parou n'um relanço da ultima pagina, e leu:

«O honrado Diogo de Barros, segundo me diz a mi-

Digitized by Google

nha amiga D. Izabel, mulher do contador-mór, vae hoje buscar a sr.ª D. Francisca para sua casa, porque se conta que enlouquecera, e diz e faz cousas de furiosa. Vê tu, Sára...»

Sára susteve-se, e Jorge disse:

—*Vê tu*... o que? lê o mais.

Sára leu:

«Vê tu que espantoso castigo o d'esta senhora!... Os dois filhos que ella amava tão miseravelmente mortos!... Esta infamia da forca para ella que tão soberba era da sua fidalguia!...»

—Está bom... atalhou Jorge—agora... deixem-me sósinho... deixem-me chorar...

.....

O leitor faz-me certamente a justiça de suppor que eu não imaginei um D. João V que amou uma cigana, chamada Margarida do Monte, a qual, na qualidade de freira dominica, se fez amar d'um mancebo illustre, que, por se fingir carvoeiro para entrar á cella da dilecta do rei, morreu na forca. Se eu suspeitasse da desconfiança injusta do leitor, copiaria o seguinte periodo com que o cavalheiro de Oliveira me justifica e abona; «... Eu vi o soberano arrastar pesadissimas cadeias, em que longo tempo esteve captivo por astucia ou feitiço, como se dizia, de Margarida do Monte, creatura da raça bohemia. Quantas desordens, exilios, e até mortes se não effectuaram por intrigas d'aquella mulher! Morreu ella finalmente encarcerada no convento da Rosa de Lisboa,

Digitized by Google

em qualidade de religiosa da ordem do patriarcha de S. Domingos. Este novo pae, que á força lhe deram, não a tornou mais ajuizada. Induziu ella um peralvilho a visita'-la na cella; prestou-se elle a seus appetites, e foi desgraçadamente surprehendido, e pouco tempo depois enforcado. Entrára elle no convento, disfarçado em carvoeiro; e, como foi apanhado com o disfarce, hoje é mais conhecido pelo nome de *carvoeiro da Rosa*, que pelo seu nome de baptismo ou de familia.» [1]

O amor das ciganas, n'aquelle tempo, era funesto, invencivel e fatal. No segundo volume d'esta narrativa virá melhor lance d'exemplificar o prestigio das mulheres d'aquella raça que lá vae perdida na confusão de raças que, ainda bem, se fundiram, á luz da civilisação, no molde universal da humanidade.

Que idéa formavam nossos avôs da raça que tanto se chamava bohemia como egypcia? Uns diziam que saíra da Tartaria, e infestara a Europa em 1417, com passaporte de Sigismundo, rei da Hungria, e recommendações d'alguns principes, que a veneravam como raça de prophetas, videntes e extraordinariamente allumiados em coisas das altas regiões, cumprindo decretos de Deus, que a mandara cruzar a face da terra, sob condição de não possuir um palmo d'ella. A juizo dos principes que os protegiam, os ciganos expiavam a culpa de seus antepassados, moradores do Egypto, os quaes recusaram

---

[1] *Amusement périodique* — T. II, pag. 65 e 66.

Digitized by Google

receber Jesus e sua Mãe Santissima, perseguidos por Herodes.

Cuidavam outros que os bohemios procediam da Persia; e, de sete em sete annos, saíam em caravanas, obrigados por lei, a buscarem sua vida pelo mundo além, por não terem patria que lhes abastasse o sustento.

Outros, por derradeiro, consideravam-os descendentes das dez tribus de Israel, captivas de Salmanazar, rei da Assyria.

Como quer que seja, os filhos da mysteriosa origem, em Allemanha, eram chamados Zieguéner, em Italia, Cingari ou Zingari, e nas Hespanhas Ciganos ou Ziganos.

Se a historia nos não diz coisa importante ácerca de ciganos em Portugal, a legislação claramente nos assevera que elles por aqui estancearam em grandes e perigosas caravanas. Tambem se nos dá a inferir da legislação que alguns monarchas lhes deram indulgente faculdade de viverem em determinadas localidades do paiz: quaes ellas fossem não posso eu de prompto assignar, presumo, porém, com muitas probabilidades que algumas villas das fronteiras de Traz-os-Montes e Beira-Alta eram o paradeiro legal dos ranchos que annualmente visitavam as feiras principaes da nação.

Citarei de passagem as cartas régias, que tenho á mão, pertinentes ao assumpto, que merecia ser diffusamente versado por quem o investigasse com mais saber e paciencia indagadora.

Digitized by Google

Na ordenação Filippina encontro uma carta régia de 17 d'Agosto de 1557 *sobre a saída dos ciganos do reino.* E' enviada ao corregedor da comarca de Pinhel, e reza d'este theor nos pontos concernentes ao nosso intento: «Pela lei dos capitulos de côrtes que el-rei meu senhor e avô [1], que santa gloria haja, fez em Evora no anno de 1535, é mandado sob as penas n'ella contheudas, que não entrem ciganos em meus reinos e senhorios, por se evitarem alguns delictos que commettem e fazem em muito damno e prejuizo do povo; e por que me é dito que os ditos ciganos entram nos ditos meus reinos... Hei por bem e vos mando que os não consintaes estar nem andar em logar algum d'essa comarca; e se alguns, agora ou ao diante, d'elles n'ella andarem ou estiverem os prendereis e procedereis contra elles á execução das ditas penas... O que assim hei por bem sem embargo de quaesquer provisões d'el-rei meu senhor e avô, ou minhas que os ditos ciganos ou alguns d'elles tenham para poderem entrar ou andar em meus reinos, as quaes em todo revogo... E a estes taes que assim tiveram as ditas provisões assignareis termo de trinta dias para que saiam de meus reinos... Jorge da Costa a fez em Lisboa a 17 d'Agosto de 1557.»

Devia de ser urgentissima esta carta régia, lavrada vinte e quatro dias depois da morte de D. João III.

---

**D. João III. E' D. Sebastião ou, mais exacto, a regente D. Catharina que legisla.**



Digitized by Google

Não sei até que ponto foram obedecidas as ordens da regencia. Póde conjecturar-se que a disciplina se relaxou logo, ou poucos annos corridos; por que dezeseis annos depois, por alvará de 14 de março e apostila de 15 de abril de 1573, [1] D. Sebastião, referindo-se ao desprezo com que eram esquecidos os regimentos e leis antigas, ajunta que os ciganos «fazem muitos furtos, e insultos e delictos de que o povo recebe grande opressão e trabalho.» Pelo que, manda apregoar em todos os logares publicos a saída dos ciganos e ciganas, e mais pessoas que com elles andarem, dentro de trinta dias, não obstante as provisões de D. João III ou d'elle propriamente.

E acabados os ditos trinta dias, accrescenta o pregão, os ciganos que se encontrarem sejam logo açoutados e degradados perpetuamente para as galés. Em quanto ás mulheres — diz a apostila — como não podem soffrer a pena das galés, sejam publicamente açoutadas com baraço e pregão, e lançadas do reino.

O rigor das penas não enfreou a ousadia das hordas bohemias. De envolta com ellas andavam portuguezes e estrangeiros de differentes nações disfarçados em ciganos, e falando a linguagem d'elles, não apparentada com lingua nenhuma conhecida dos lexicographos.

A meu juizo, estas conquistas de estrangeiros e portuguezes quem as faziam eram as ciganas, mulheres

---

[1] Filip. liv. 5.º tit. 69, in princ.

Digitized by Google

sobre modo formosas. *Leurs filles,* diz Francisco Xavier de Oliveira, *sont fort jolies et fort agréables ; il y en a même qui sont parfaitement belles, spirituelles, et engageantes. Une seule de ces filles a fait quelquefois plus de tort à un pais, qu'une troupe entière de ses parents. Certainement elles sont engageantes, je le répète, et elles ont l'art de forcer les hommes à les dimer, et à se depouiller de tout ce qu'ils ont pour leur plaire. Ce sont de dangereuses femelles, et souvent bien funestes !* [1]

A lei, que manda matar os ciganos e ciganas, rebeldes nos alvarás já summariados, é de Filippe I. Do contexto da lei colhe-se quão poderosas e temiveis se tinham feito as quadrilhas bohemias em Portugal, com as quaes se bandeavam portuguezes entrajados de ciganos, e falando a linguagem d'elles. Não era já atrevimento raro entrarem nas povoações de mão armada, saquearem as casas, e repellirem as justiças e tropas. Para aquelles que, no termo de quatro mezes, não despissem os trajos de sua raça, não falassem lingua por-

---

[1] *Amusement périodique.* Pag. 65. T. 2.º Oliveira escrevia as linhas transcriptas em 1741, cento e sessenta e oito annos depois da lei que mandava açoutar as ciganas, e cento e quarenta e nove depois d'outra que as mandava enforcar. Isto prova com a maxima evidencia a fascinação com que ellas quebraram os braços aos executores da lei, vingando entre os portuguezes a gloria de se fazerem amar propriamente dos reis. Da magia d'ellas será, no segundo volume d'esta obra, cabal demostração e victima o cavalheiro d'Oliveira.

Digitized by Google

tugueza ou castelhana, e não convisinhassem em povoados, a sentença era de forca no local onde fossem encontrados. A's mulheres dos ciganos, presos nas galés de Lisboa, ordenava a lei que se affastassem no praso dos quatro mezes, sob pena de serem açoutadas com baraço e pregão, e degradadas para o Brasil.

Esta lei, á primeira vista, severa, concedia aos ciganos um facil direito de naturalisação, facultando-lhes residirem em Portugal, mais amplamente do que lh'o tinham concedido as provisões dos reis antigos. Foi ella, em quanto a mim, que, em grande parte, acabou com as hordas vagabundas, dando, para assim dizer, patria a milhares de familias que não conheciam berço nem sepultura.

Todavia, algumas caravanas d'aquella insociavel raça, talvez as mais ferozes, nem se temeram da forca, nem se isongearam com a permissão de se fazerem portuguezes. Grandes senhores em Portugal as protegiam, nomeadamente o conde de Obidos no fim do seculo XVIII. Refere um contemporaneo que annualmente na grande feira de Santarem se ajuntavam muitos, e se alojavam nas abegoarias d'aquelle conde, na aldeia de Pernes. O cavalheiro de Oliveira, então rapaz, e dado aos amores das ciganas, ia passar a Pernes as tres semanas da feira; e, segundo confessa, acariciava as mulheres e filhas dos ciganos, e presenteava-lhe os filhinhos. «Entendi, escreve elle, que era este o melhor, senão unico expediente, de me livrar dos insultos e malvadez d'esta especie de gente. E n'isto me não enganei, que

Digitized by Google

elles, como escravos, me obedeciam, chamando-me seu senhor, e adorando-me; e devo confessar, em pró d'elles, que nunca recebi minima desfeita dos que formavam aquelle rancho, e mais vivi com elles por espaço de quinze ou dezeseis annos. Os meus amigos e visinhos da mesma povoação não podiam gabar-se do mesmo. Como eram maus para aquelles miseraveis, recebiam o retorno da mesma natureza. Os ciganos respeitavam no extremo o conde d'Obidos, seu bemfeitor. Creio que não hesitariam expôr a vida em serviço d'elle; pelo menos assim m'o diziam energicamente e com mostras de sinceridade. Tambem me diziam que a sua indole em geral lhes não permittia pagar o bem com o mal, e jámais poderiam ser ingratos a quem os beneficiava. Convencido estou d'isto por um lance que pôrei como exemplo e prova, o qual é raro em verdade e póde ser que unico. A 7 de novembro de 1727, entre onze horas e meio dia, quando eu ia atravessando o pinhal da Azambuja, [1] o *Ziedel,* rei ou director da cáfila, acer-

---

[1] Diz o narrador que no seu tempo era o pinhal da Azambuja uma cerrada matta em que a cada passo se topavam salteadores. Bem sabe o leitor que tristezas alli sentiu o viajante Almeida Garrett, quando, de passagem para Santarem, procurou o pinhal famoso; e, como o não encontrasse, de si para si conjecturou que se havia mudado, ou então se tinha *consolidado.* Se o leitor quizer saber o que é um pinhal da Azambuja consolidado, faça o que Almeida Garrett lhe diz: «leia os orçamentos, veja a lista dos tributos, passe pelos olhos os votos de confiança...»

Digitized by Google

cou-se de mim com mais tres que eu não conhecia. Estavam elles armados de clavinas e pistolas; e, bem que eu estivesse armado contra elles, tendo sómente comigo dois criados, e um só com que podia contar, as forças eram muito desiguaes. O *Ziedel* de certo me não temia, podia impôr-me a lei, bastava-lhe arremetter comigo para eu lhe entregar a bolsa, e a vida, se elle a quizesse. Saudou-me o gentil salteador com quanto respeito imaginar-se póde, e confessou que desde alguns mezes vagueava n'aquella floresta, á frente d'uma quadrilha de bandidos, que viviam tão sómente de roubar os passageiros. Ajuntou que se teria elle a si em conta de infame, se levemente me molestasse; e, para de todo me tranquillisar, deu-me um bilhete assignado por seu punho, isto é, uma especie de passaporte escripto nas costas d'uma carta, que era um sete de paus, pelo que ordenava aos demais socios que me deixassem livremente passar. De feito, este passaporte foi-me utilissimo. Meia hora antes de entrar em Azambuja, encontrei a quadrilha que me respeitou tanto como o chefe. Seriam uns quinze a vinte scelerados que eu não conhecia, e tres dos ciganos que eu vira na aldeia de Pernes, os quaes me trataram com muita consideração, allegando os pequenos favores que lhes eu tinha feito. Estes homens, embora os julgueis infamados por aquelle mister de salteadores, não quizeram, por mais diligencias que fiz, acceitar duas moedas d'ouro que lhes offereci.»

Digitized by Google

Ora, da tribu d'esses salteadores é que saíra aquella Margarida do Monte, amante de D. João V, freira dominicana da Rosa, por amor de quem fôra enforcado Garcia de Moura Telles, que revive na tradição, com o cognomento de *Carvoeiro da Rosa.*

---

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO XI

Não bastava Sára e a filha a divertirem o pensamento de Jorge, torvamente fixo e concentrado no supplicio affrontoso de seu irmão. Póde ser que este successo o abalasse pouco, se a doença, ulcerando-lhe, digamos assim, o orgão da sensibilidade, o não predispozesse a ver na desgraça de seus irmãos e de sua mãe uma fatal estrella que sinistramente o perseguia a elle, e perseguiria sua mulher e filha.

Esta pertinaz apprehensão, debalde combatida com razões e caricias, desfechou em monomania, que ameaçava completo desconcerto de juizo. Jorge, abraçado a Leonor, falava-lhe do funesto destino que ella havia de cumprir; e, se a mãe, lavada em lagrimas, o contradizia, appellando dos prognosticos d'elle para a bondade de Deus, Jorge, n'um tom de declamação tragica e suspeita de insania, exclamava:

—E tu, Sára, se melhor morte não te colher cedo, morrerás como tua mãe e como teu pae! Morrerás na

Digitized by Google

fogueira!... E nossa filha morrerá como tu e como elles!...

Os dias passavam todos assim escuros. Não volveu um só de esperanças. A enfermidade accelerava-se tanto ao seu fatal remate, que já não havia na sciencia nem na piedade respiradouro aos apertados corações das duas familias que, em volta do enfermo, pareciam indistinctas pela paixão das lagrimas. Jorge de Barros dizia a Simão de Sá que a Providencia o trouxera da Covilhã para receber uma viuva e uma orphã, no desamparo do marido e pae. Explicava-lhe o estado dos seus minguadissimos haveres, deplorando a quasi pobreza em que deixava sua familia. Lembrava-lhe expedientes quasi impraticaveis para desenterrar o thesouro da Bemposta; e pedia-lhe que, por conta das futuras riquezas de sua mulher, ou filha, adiantasse Simão de Sá o emprestimo necessario para a subsistencia de ambas.

Com estas melancolicas disposições, e outras mais dolorosas praticas com sua mulher, passaram os ultimos dez dias de Jorge de Barros; até que a morte, tão esperada e todavia de surpreza para todos, lhe desatou a alma dos vinculos do corpo cortado de dôres acerbas. A religião de Jorge resplandeceu nas ultimas horas, senão de modo que todos criam que aquella alma se ajuntou a Deus, pelo menos não ha cabal argumento que nos induza tristemente a pensar que se perdeu. Jorge expirou sem o ceremonial catholico, é isso verdade; mas tambem não acceitou o ceremonial judaico. Quando elle viu o rabbino com dez testemunhas em

Digitized by Google

volta de seu leito, acenou que se retirassem, e disse:

—A testemunha da minha consciencia é Deus. O Senhor de bondade e de misericordia me julgará sem ouvir o depoimento das testemunhas da minha confissão. [1]

Leonor foi anjo da esperança, como ajoelhada á beira da sepultura do pae, pedindo a sua mãe que por amor d'ella se não lançasse á mesma sepultura. Sete annos tinha então Leonor, encantadora creança a quem os presagiadores vaticinavam desventuras, tirando os seus horoscopos d'um ar triste e scismador com que a menina punha os olhos n'aquelle céo triste como ella, e

---

[1] Quando um hebreu entra em trabalhos de agonia, acercam-se-lhe do leito um rabbino e dez testemunhas, que lhe ouvem a confissão dos peccados, feita alphabeticamente. Cada letra symbolisa um peccado dos mais communs; porém, se o moribundo tem espirito e boa intelligengia para se exprimir sem os symbolos, confessa-se á maneira dos christãos. O enfermo pede a Deus que lhe dê saude, ou se amerceie de sua alma; e principalmente lhe pede que contrapese nas culpas as dôres do trespasse como expiação. Os amigos do agonisante ajuntam-se na synagoga a orar por elle, com um nome diverso do que elle tinha, a fim de mostrarem que é já outro homem pelo arrependimento. Os que permanecem na camara aguardam o instante da morte, e alguns beijam a face do defuncto, costume antiquissimo, como de Philon se infere, quando lastima que Jacob não podesse dar o derradeiro beijo em seu filho, inesperadamente morto. Esta usança, significativa de supremo adeus ás almas queridas, passou aos pagãos, se havemos de chamar usança a um acto em que é tudo a ternura, a paixão e a dilacerante saudade.

Digitized by Google

por largo espaço se detinha no seu enlevo, cuidando que via o pae, ou Deus sabe se estas visões as permitte Deus aos seus anjos d'este mundo. Sára poude, pois, levantar-se da sua prostração, aquecer o rosto quasi frio de morte nos labios da filha, e enxugar as lagrimas para poder ver o escabroso caminho por onde havia de atravessar guiando a sua orphãsinha pobre.

Os poucos teres, administrados por Simão de Sá, pareciam dar lucros bastantes para alimentação de Sára e Leonor, ou, mais exactamente, fingia o hebreu da Covilhã que a herança de Sára era mais valiosa do que pensava Jorge.

O commercio de Simão prosperara em Amsterdam mais desassombradamente que em Portugal. Isto lhe compensou a perda dos bens de raiz na patria, logo confiscados pelo santo officio, visto que a fuga do proprietario indiciava exuberantemente o judaismo de Simão e dos seus parentes, tambem espoliados.

Leonor ia crescendo em graças de corpo e espirito. Sára obedecia á vontade do marido, que, nas suas viagens e trato com sociedades diversissimas da portugueza, criara desejos e invejas de ver sua filha instruida varonilmente como tantas damas que se lhe depararam no estrangeiro, especialmente em Italia, nas familias israelitas. Em Amsterdam abundavam matronas illustradas, feitas na convivencia da judia portugueza Isabel Corrêa. Com ella estudava Leonor as prendas litterarias, sem descurar das outras.

Decorreram cinco annos.

Digitized by Google

A correspondencia de Lourença Coutinho, com mais ou menos resguardo da espionagem da inquisição, nunca descontinuou. Lourença, como mulher que muito padecera e pagara tributo grande de lagrimas á saudade de Jorge, seu livrador, inventava dictames consoladores para despenar o coração de Sára. O plano de casar o seu Antonio com Leonor não soffrera a menor quebra. Queria ella que o consorcio se realisasse logo que o filho concluisse a formatura em Coimbra; mas este desejo era embaraçado pelo medo do perigo que Sára poderia ainda correr em Portugal.

Sára, rogada pela sua amiga, mandou-lhe o retrato de Leonor, o qual foi dado ao academico Antonio José, nas ferias do seu ultimo anno de estudos.

Antonio José da Silva, que assim se assignava o canonista, respondeu ao mimo com arrebatada e amorosa poesia, da qual sua mãe fez presente a Leonor. A menina respondeu com ingenua doçura aos versos em breves linhas de prosa, nem enthusiastas nem esperançadas. Quasi que a isso a compellira suavemente a mãe, referindo-lhe então o pacto jubiloso que ella com a mãe de Antonio tinham feito, seis annos depois de ter nascido a promettida esposa. Leonor, com um sorriso de precoce gravidade, achava graça á brincadeira de duas mães felizes.

No fim do anno de 1726, recebeu Sára a noticia de ter morrido D. Francisca Pereira Telles, em casa dos primos Barros, depois de sete annos de rematada demencia, com accessos de furia aterradora. Constava, no

Digitized by Google

dizer de Lourença Coutinho, que fôra exemplar em horror a morte d'ella, porque a Providencia justiceira lhe dera luz de razão nas suas ultimas vinte e quatro horas, para que ella visse a vida que deixava, e os meritos que levava á presença do juiz supremo. E assim, acontecera o saír-lhe á porta da eternidade o ancião Luiz Pereira, o pae, amaldiçoando-a; o marido tombado á sepultura por desgostos affrontosos que lhe ella déra; os filhos perdidos pela perdição moral de sua mãe, que lhes empeçonhara os intinctos com a licenciosa vida que lhes favoneára. E, como então lhe dissessem que seu filho Jorge tinha já morrido desde muito em Hollanda, D. Francisca revelára um prazer feroz na certeza de que elle, como judeu que se fizera, estava no inferno irremediavelmente. Este hediondo espectaculo d'uma agonia em arrancos, interpolados de esgares de jubilo, não havia quadro de horrores d'esta vida com que compara'-lo! As piedosas exclamações dos frades não poderam com ella nada. As vinte e quatro horas lucidas não lh'as déra Deus para o arrependimento, se não para que ella entrasse n'outro mundo com a memoria do que tinha sido n'este. Eram estas e outras as reflexões que o advogado João Mendes fazia a sua mulher, e ella communicava á sua amiga.

No tocante aos haveres de D. Francisca Pereira Telles, a opinião de João Mendes da Silva era que Leonor, filha de Jorge, pouquissimo ou nada poderia cobrar. O vinculo muito deteriorado, por morte de Garcia de Moura, passára ao primogenito da mulher, com quem não fazia vida. O segundo marido de D. Francisca senhoreara-se

Digitized by Google

do restante da casa, sobrecarregando-a de onus e dividas, reaes e ficticias, das quaes era já coisa quasi impraticavel desembaraçar o patrimonio de Jorge de Barros. Por este lado, Sára não tinha que esperar de Portugal. Porém, dizia Lourença: «Ainda te fica o thesouro da Bemposta, por que eu não ouvi dizer nem levemente que alguem o descobrisse. No palacio residem os infantes D. Francisco e D. Antonio, irmãos de D. João V; e, como meu marido conhece o capellão-mór, algumas vezes lhe tem falado no thesouro, para o sondar, e o capellão diz que o tal thesouro era a guarda avançada da maluquice de D. Francisca. Este capellão tem um filho que é almoxarife da Bemposta, e acredita que o thesouro existe, porque ouviu contar a historia do annel. Andou elle algum tempo atraz de meu marido, querendo saber em que parte do mundo estavam os herdeiros de Jorge de Barros, para se entender com elles a respeito do tal annel; mas meu marido, cautelosamente, lhe mentiu, dizendo que nunca ouvira falar em tal cousa; para que não fosse o homem revolver a quinta, e por arte do diabo encontrar o thesouro.

«Olha que eu tenho esperanças de ainda te ver a ti possuidora das riquezas de teu marido, minha Sára. Mais tarde ou mais cedo, vens para Portugal. Isto depende de espreitar o animo da inquisição. Meu marido vota que ainda é cedo; mas a minha saudade faz-me persuadir que o meu velho é muito timorato. Eu penso que podias estar em Lisboa com outro nome, em quanto esta sanha dos algozes não abranda. Dos teus inimigos

Digitized by Google

já não vive nenhum. Não sei quem te iria accusar agora!

«Mais receio me faz o meu Antonio com as suas imprudencias lá por Coimbra, segundo alguns estudantes hebreus me avisam. Vive muito ligado, quando está em Lisboa, com aquelle Francisco Xavier, filho da minha amiga Isabel, de quem já muitas vezes te falei. Este Francisco não é judeu nem christão: diz elle que é philosopho, e não se esconde para cortar nos frades e na inquisição. Quem o viu tão devoto e crendeiro ha oito annos! Acho que o respeitam por causa do conde de Tarouca, com quem elle está sempre; mas temo que meu filho seja o responsavel pelos delirios d'elle.

«O Antoninho queixa-se da frieza da sua futura noiva, dizendo que a atmosphera da Hollanda lhe nevou no coração. Quando elle cá veiu a ferias de Paschoa, eu, para ouvi'-lo, disse-lhe que desconfiava da nenhuma inclinação da nossa Leonor para o matrimonio, á vista da glacial tibieza das suas cartas. O rapaz, ouvindo isto, deu dois passeios na sala, e recitou uma decima, que me fez rir, e aqui t'a mando para que tambem te rias. Vê tu que graça tem o diacho do poeta:

*Toda a mulher que não fôr*
*Inclinada ao matrimonio,*
*Ha-de leva'-la o demonio,*
*Se não a levar amor:*
*Trate logo de depôr*
*Seu tyranno desdenhar;*
*Porém, se não abrandar*

Digitized by Google

*Seu rigor, deve escolher*
*Ou casar por não morrer,*
*Ou morrer por não casar.* [1]

«Não te persuadas tu, Sára, que o meu Antonio tem genio folgazão. Não fazes idéa das tristissimas horas que o affastam da convivencia da familia! Fecha-se no seu quarto, encosta a face ás mãos, e fica-se n'um torpor de de que só eu consigo acorda'-lo com muitas caricias. Já uma vez me disse que tinha presentimento de grandes infortunios. Doutra vez, pediu licença ao pae para saír de Portugal, embora tivesse de grangear a sua subsistencia no estrangeiro exercitando algum baixo officio. Mas (cousa singular!) tudo que escreve é alegre! Diz elle que nas horas de maior tristeza tira da imaginação as scenas mais engraçadas das comedias que tem já tecidas para lá para o futuro as aperfeiçoar. O pae grita-lhe que estude direito canonico, e elle o que faz é ler e reler um grosso livro que elle chama o seu Plauto, e outro chamado Gil Vicente.

«Que impertinencias as minhas quando te falo n'este meu filho tão querido! Desculpa os excessos do meu coração, Sára, por que és mãe. Pede comigo a Deus que os presagios d'elle se não realisem; e tua innocente filha que peça tambem, porque o céo não póde ser surdo ás orações da nossa linda Leonor.»

---

[1] Esta decima está n'uma das operas de Antonio José da Silva.



Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO XII

Sára tinha vivas saudades de Lisboa, como se alguma hora de felicidade lhe houvesse reverdecido uma palmeira no deserto de sua arida mocidade. Odio devêra ella sentir á terra em que pae e mãe lhe queimaram ás labaredas, ainda accesas para os desventurados irmãos. Simão de Sá não entendia as saudades de Sára; combatia-lh'as para despersuadi'-la de voltar a Portugal, emquanto o rodar do tempo não esmagasse os sanguinários fanaticos, recrudescidos n'um reinado em que os errados presagiadores tinham previsto o melhoramento dos hebreus, inferindo a conjectura do allivio que elles experimentavam em todos os estados, tirante Hespanha.

Sára parecia condescender; não cessava, porém, de recommendar a Lourença Coutinho que averiguasse o animo do santo officio, e a chamasse logo que o podesse fazer com segurança.

O doutor João Mendes da Silva, fiado no parecer do familiar do santo officio Diogo de Barros e do contador-mór José de Oliveira e Sousa, disse a sua mulher que podia afoutamente chamar Sára, não para a companhia

Digitized by Google

d'elles, mas para a dos Barros, que, sem embargo de ella pertencer á communhão judaica, a recebiam como viuva de Jorge de Barros.

Simão de Sá, postas as coisas n'este pé de segurança, não impugnou a saída de Sára, senão com as suas lagrimas e as da familia que se tinha affeito a cuidar que as duas senhoras eram suas e para todo o sempre. Fraca opposição era a das lagrimas ao fulgor attractivo d'aquella funesta estrella que o moribundo Jorge de Barros vira alumiando o destino dos seus!

Recebeu Sára a herança muito augmentada de seu marido, e saíu de Amsterdam entregue á familia do consul hespanhol na Haya, que retirava para Hespanha, em embarcação que se dirigia a Sevilha. Simão de Sá, temeroso da inquisição de Sevilha, a primeira na peninsula, o manancial de fogo que derivara por sobre o territorio das Hespanhas, e cortára os mares até ás Indias, agourou mal da passagem de Sára por sobre aquelle chão maldito ensopado de sangue de hebreus; não obstante, a viuva deu nenhum peso aos agouros de Simão, tendo como impossivel o estorvar-lhe o passo o santo officio n'uma terra em que ella não era conhecida, indo demais a mais em companhia de uma familia christã e muito considerada em Hespanha.

O rosto do hebreu ressumbrava o desgosto profundo da quasi ingratidão de Sára, que, por amor de Lourença Coutinho, podia separar-se sem lagrimas das pessoas que a tinham salvado nos dias da perseguição. Ao mesmo tempo, os olhos de Leonor afogavam-se em pran-

Digitized by Google

tos, protestando contra o procedimento inexplicavel de sua mãe, que trocava uma existencia segura e pacifica pelos sobresaltos de Portugal, d'onde cada hora estavam fugindo os hebreus com os seus haveres, a muito custo subtrahidos a vigilancia da inquisição.

—Torna para nós, se tua mãe se perder, e a ti te deixarem, minha filha—disse Simão em segredo a Leonor. — Volta para a familia em cujo seio nasceste, menina. Minhas filhas acalentaram-te nos teus primeiros somnos. O teu berço foi o d'ellas. Ama e obedece a tua mãe; mas, se ella te faltar, volta para nós.

Sára olhava com supersticioso medo para as lagrimas de Leonor, quando, no mar alto, a menina voltava o rosto amargurado para os nevoeiros em que lhe ficava Hollanda e a gente querida da sua infancia. Falava-lhe a mãe, do céo, das arvores, dos laranjaes, do sol, das estrellas de Portugal. Leonor, n'uma d'essas descripções das delicias da sua Lisboa, por amor do sol, das estrellas, dos laranjaes, atalhou-a, dizendo:

—E as fogueiras, mãe?!

—Que horrivel pergunta, minha filha!... pelo amor de Deus, não me fales n'isso!... Pois não viste a carta de Lourença?!

—Vi... e tambem a viu o sr. Simão — respondeu Leonor. — E a mãe bem sabe com que terror elle nos viu partir...

—Era a amisade que nos tinha, menina...

—Pois sim... mas... melhor fôra...

Sára precisava de que alguem lhe desse alento para

Digitized by Google

não se deixar vencer do medo da filha. A coragem, com que se despedira, ia-lhe minguando. Já o arrependimento começava a dar-lhe tratos. A si mesma se perguntava ella, com feminil versatilidade como podéra sacrificar a paz e tal qual satisfação que tinha em Hollanda, a um pueril prazer de voltar á terra onde apenas tinha uma amiga, pela qual deixava tantas e tão provadas em grandes afflicções!

E Leonor continuava a chorar silenciosa.

A familia hespanhola cuidava mais de si que das tristezas de Sára e da filha. Bem que tolerantes, a esposa e mais damas do consul castelhano olhavam de soslaio para as judias, cuja companhia tinham acceitado, porque o consul era muito obrigado a Simão de Sá e outros hebreus portuguezes que ao envez do seu costume, lhe tinham emprestado dinheiro sem onzena. Cá, porém, no mar alto, os cuidados das damas enjoadas, com as israelitas portuguezas, podiam sem injuria igualar-se a uma completa indifferença, como se receassem saltar do mesmo bote, no caes de Sevilha, acamaradadas com gente de tal raça.

A bordo do novio, viajava um mercador de Valladolid, homem de meia idade, que desde o embarque fitou Leonor com olhos requebrados, e não perdia azo de lhe dizer finezas. De Valladolid era tambem a familia do consul.

Sára, bem que notasse o desgosto com que sua filha escutava forçada as galanices algum tanto serodias do hespanhol, conversava com elle por ser o unico passa-

Digitized by Google

geiro que de melhor sombra se esmerava em obsequia'-la, com os olhos sempre envesgados á sombria e formosa menina. O hespanhol, que os seus patricios consideravam muito, offereceu a Sára o seu valimento, em paiz onde realmente lhe era necessario, visto que ella era christã-nova, segundo ouvira dizer a um familiar do consul. Aqui viu a hebrea quão mal recommendada fôra a uma gente que a denunciava e punha em risco de ser presa em Hespanha. Aos sustos de Sára acudiu o mercador com a promessa da sua efficaz protecção.

A viuva, convencida da insinuante bondade dos quarenta ou mais annos do seu companheiro de viagem, relatou o essencial de sua vida, com indiscreta lhaneza. Pessima qualidade teem as boas almas: é serem communicativas, abertas, dadas com infantil expansão. O hespanhol ouviu com interesse a historia de cuja revelação Sára se arrependeu, logo que a filha lhe disse:

—Deus queira que a mãe se não arrependa de falar tão sinceramente com uma pessoa desconhecida!... Não sei que mal o coração me diz d'este homem!...

—Isso é injustiça, filha!... —atalhou Sára—Pois a gente ha-de desconfiar de quem nos trata com tanta cortezia, e nos offerece os seus serviços em terra estranha...

—Toda a terra é estranha para nós, minha mãe... em toda a parte nos cercam inimigos, desde que saímos do amparo do sr. Simão.

—E's visionaria, Leonor! Fazes-me medo!... já estou arrependida...

Digitized by Google

Entretanto, o negociante de Valladolid não cessava de galantear Leonor, que, temendo o despeito do pertinaz requestador, lhe recebia menos severamente as graças e delicadezas enfadonhas.

Aportaram a Sevilha. D'aqui, tencionava Sára, dirigida por pessoa a quem Simão de Sá a recommendára, seguir por terra para Portugal. O mercador, a quem o tempo ia escasseando segundo o intento não deshonesto do seu affecto a Leonor, declarou-se, pedindo á mãe a mão da filha. Sára respondeu que o marido d'ella lhe fôra destinado já antes de ter nascido. O hespanhol contraditou esta futil objecção, inventariando as suas riquezas e poderio, não sem deixar transparecer o despeito em que o desprezo de tal offerecimento poderia deixa'-lo. Leonor instava com sua mãe a prompta saída de Sevilha, principalmente depois que os christãos-novos a quem vieram recommendadas lhes incutiram receios d'alguma villania vingativa de tal homem.

Já aterrada e desnorteada, Sára não sabia que fazer.

Falleceu-lhe o animo ainda antes de se avistar com a sombra da inquisição. Os hebreus em cuja casa ellas se hospedaram, assustados do risco em que taes hospedes poderiam pôr o seu socego, estavam em ancias de os despedirem. Sára foi ter com a familia do consul, pedindo-lhe auxilio. A familia, condoída, offereceu-lhes leva'-las comsigo para Valladolid, e de lá enviarem-n'as cautelosamente para Portugal. E' de suppôr que o mercador opulento chamasse ao seu partido a familia do consul; porque, muito espantadas, as senhoras censura-

Digitized by Google

vam Leonor por não acceitar tão rico marido, que o mais auspicioso dos acasos lhe deparava.

N'esta desordem de coisas, e afflictivas vacillações de Sára, dizia Leonor:

—Veja, minha mãe, a paz que deixámos, e a inquietação que nos atormenta!

Sára, como se visse desamparada de melhor conselho, abraçou a cavillosa protecção das damas hespanholas, e seguiu com ellas para Valladolid.

---

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO XIII

Recolhidas á casa da familia, que se mostrava agora mais desvelada, Sára, passados alguns dias, pediu que lhe deixassem seguir para Portugal, visto que sua filha não acceitava as propostas do mercador. Já a paixão do homem degenerára em rancorosa vingança. As hospedeiras damas abriram-se com Sára, agourando-lhe mal da sua rejeição. O pretendente affrontado pela recusa, segundo ellas affirmaram, era irmão d'um conselheiro do santo officio; e mal d'ellas, se a vingança respirasse pela denuncia!

A atribulada viuva nem já d'estas mulheres se fiava para lhes communicar o seu plano de fuga. Não obstante, aprestava-se para fugir, até ganhar alguma povoação dos suburbios, d'onde podesse commodamente seguir jornada por caminhos desfrequentados.

Não podiam fazer-se em segredo estes aprestos: faltava á afflicta Sára a precisa serenidade para illudir a familia que a expiava, sem perder lanço de tentar reduzir a repugnancia de Leonor. O hespanhol recebeu

Digitized by Google

aviso dos intentos de Sára e da ultima deliberação da filha, a qual respondera:

—Que acceitaria de melhor vontade morrer queimada que viver casada com tal homem.

A mãe censurou-lhe a desabrida resposta, quando convinha dissimular. Leonor respondeu:

—Já se me não dá de acabar, porque perdi as esperanças de ter um dia de socego. Se não fôr aqui, será em Portugal... Ninguem foge á sua estrella...

A desesperação, effeito do arrependimento já sem remedio, levou de impetuoso impulso a viuva de Jorge de Barros a fugir de Valladolid n'uma entreaberta, quando o maior numero das pessoas da casa estava na missa. As duas fugitivas levavam comsigo apenas o dinheiro abundante que Simão de Sá lhes dera, a titulo de herança de Jorge.

O passo era louco. O mercador não dava folga ás suas espias. A formosura de Leonor era já notada para passar despercebida sob a mantilha sevilhana. As duas mulheres, denunciando-se pela anciedade com que procuravam um guia sem determinarem a direcção, não reparavam em dois quadrilheiros que as seguiam de perto. Pararam á porta d'uma igreja, d'onde saía muito povo, no intento de se entremetterem na multidão, e saírem por alguma das portas da cidade. O povo reparava n'ellas, e mais ainda nos conhecidos aguazis que as não perdiam de vista, e só com o reparo as delatavam ás turbas. Leonor tremia aconchegada de sua mãe, e murmurava:

Digitized by Google

—Aquelles dois homens veem prender-nos...

Um mancebo, que se avisinhara d'ellas, como ouvisse vozes portuguezas, disse a Sára:

—Se teem medo da inquisição, fujam, que as seguem os esbirros... São portuguezas?

—Sim, senhor,—disse Sára ao mancebo que fizera a pergunta em portuguez.—Para onde fugiremos?

—Entrem na igreja, que eu vou ver se lhes dou escape por uma porta da sacristia.

Quando ellas rompiam o concurso do povo contra a porta da igreja, os familiares, ante quem se desimpedia espontaneamente a passagem, tomaram-lhe o passo, e ordenaram-lhes que os seguissem. O portuguez disse entre si: «E' tarde... estão perdidas...»

As presas pozeram n'elle os olhos lagrimosos, como se esperassem a salvação do moço que as quizera salvar.

O povo agglomerava-se em redor d'ellas: os esbirros acenaram aos alabardeiros d'um corpo de guarda, que desempeçaram o transito. No entretanto, o moço portuguez correu a casa do alcaide, e annunciou-se com o nome Francisco Xavier de Oliveira.

Era o filho de D. Helena das Neves, amiga de Lourença Coutinho. N'outro logar se dirá o que levára a Valladolid o amigo de Antonio José da Silva.

O alcaide recebeu sem detença o filho do contador-mór dos contos de Portugal, seu antigo amigo.

—Então?—perguntou o alcaide—tornou-lhe a fugir a endiabrada cigana?

—Não, senhor: outra razão mais séria me faz impor-

Digitized by Google

tuna'-lo. Acabam de ser presas duas portuguezas por quadrilheiros da infame inquisição.

—Fale baixo, seu doudo!—atalhou o alcaide.

—São duas senhoras, que me parecem ser mãe e filha.

—Judias ou feiticeiras?

—Não sei. São duas senhoras, e uma d'ellas tem a formosura dos seraphins!

—Então que quer o senhor? Que eu as vá arrancar d'entre os ferros?—perguntou o alcaide sorrindo.

—Bem sei que não póde.

—Ainda bem que sabe.

—Quero simplesmente que saiba quem ellas são.

—Isso póde ser: volte d'aqui a duas horas.

O alcaide entrou no tribunal do santo officio, antes que o inquisidor entrasse. Como pessoa de muita confiança entre os officiaes da casa, poude facilmente aproximar-se das presas, que tinham sido conduzidas a uma ante-sala, onde era costume esperarem os réos que os chamassem ao primeiro interrogatorio.

Leonor levantou-se á chegada do alcaide, cuja posição social se revelava no aprumo mesurado da andadura. Sára quiz erguer-se; porém, o tremor das pernas, e convulsão de todo o corpo, não lh'o consentiram. O que ella poude foi pôr as mãos.

—Sentem-se, senhoras, disse o alcaide, que eu não sou inquisidor. Venho aqui saber quem são, porque ha pessoa que se interessa pelas senhoras, e póde em Portugal ser-lhes muito prestadio. Não me enganem, que se pódem prejudicar.

Digitized by Google

—Minha mãe,—disse Leonor—é Sára de Carvalho, e eu sou Leonor Maria de Carvalho.

—D'onde são?

—Eu nasci em Lisboa—disse Sára—e minha filha nasceu tambem em Portugal na villa da Covilhã. A' pessoa, que se interessa na salvação d'estas desamparadas mulheres, diga vossemecê que eu sou a viuva de Jorge de Barros, neto do contador-mór dos contos do reino Luiz Pereira de Barros.

—Tá!—exclamou o hespanhol—que eu já ouvi falar nas senhoras ao cavalheiro que me cá mandou!... Conhecem Francisco Xavier d'Oliveira?

—De Oliveira?—clamou Sára—o filho da sr.ª D. Isabel, mulher do contador-mór?...

—E' esse mesmo.

—Oh! senhor!... diga-lhe que uma das presas é a promettida noiva e ainda parenta do seu amigo Antonio José da Silva...

—Que está preso nos carceres da inquisição em Lisboa...

—Preso!... desde quando?... — perguntou Leonor.

—Ha dois mezes. Sei-o do seu amigo Xavier d'Oliveira... Mas salva-se... Pódem ter a certeza de que se salva. Agora, cuidemos em ver o destino que as senhoras teem. Senhora Sára... dou-lhe de conselho que use d'outro nome... Nunca foi baptisada? Ouvi dizer que sim...

—Fui... e chamaram-me Maria.

Digitized by Google

—Pois chame-se Maria... Adeus, que são horas. Conte com alguns amigos.

Francisco Xavier d'Oliveira, assim que soube os nomes das presas, apressou a jornada para Lisboa, no proposito de fazer que o santo officio requisitasse para alli as christãs-novas como portuguezas.

O interrogatorio principiou ao fim da tarde. Até essa hora, os familiares da inquisição andaram colhendo informes das presas, já por intermedio das senhoras a quem ellas tinham sido recommendadas, já directamente do mercador, que as denunciára. Nas bagagens das judias não apparecera documento que as culpasse: graças aos cuidados de Simão de Sá, que as não deixára sair com o minimo vestigio de hebraisantes, rasgando quantas cartas de Lourença Coutinho a indiscreta Sára enthesourava.

O interrogatorio foi breve. A viuva balbuciava respostas cortadas de soluços. Leonor respondia com assombrosa presença, baixando os olhos sobre as mãos, que cruzara no alto do seio.

Disse quem era seu pae, d'onde vinha, e para onde ia. A's perguntas concernentes á religião que seguia, disse que amava Deus como creador, e as creaturas intelligentes como seus irmãos, filhos do mesmo Deus.

Sobre as formulas exteriores das suas crenças, não respondeu. Apenas disse que recebera o sacramento do baptismo, porque seu pae era christão e sua mãe baptisada. Como as respostas não satisfizessem cabalmente ás perguntas, o inquisidor insistiu sobre se ella e sua

Digitized by Google

mãe seguiam o rito judaico. Leonor, após alguns instantes respondeu:

—Nem esse nem outro. Meu pae mandava-nos que amassemos Deus e o proximo, e dizia-nos que a mais divina religião era a mais ardente caridade.

Anoiteceu.

O inquisidor saíu, ordenando que conservassem juntas as presas, até nova ordem n'um dos quartos reservados aos presos por meras suspeitas.

Quando chegou a casa, encontrou o alcaide que o esperava sentado ao fogão de sua illustrissima reverendissima.

O alcaide, que havia passado duas horas em casa do consul vindo de Hollanda, arrancou ás senhoras o segredo da paixão vingativa do mercador. As damas, remordidas na consciencia, contaram o successo exprobrando o proceder do denunciante, e arguindo-se a si mesmas de quasi conniventes n'aquella trama vil, por até certo ponto entenderem que Leonor faria um excellente casamento.

Ora, o alcaide foi contar esta historia ao inquisidor, que confirmou ter recebido a denuncia d'um irmão do negociante, conselheiro do santo officio e conego da sé.

—Se vossa mercê—disse o inquisidor—ouvisse as respostas da filha e lhe visse o semblante, meu alcaide, desculpava a protervia do denunciante! Que bella e que discreta!... Ora bem, não o será o santo officio instrumento das vinganças do velho allucinado; mas ha de fazer-se o que fôr de justiça.



Digitized by Google

—Justiça, é mandar as desgraçadas para Portugal—disse o alcaide.

—Deixe-as estar, que não lhe ha de faltar alimento nem luz. São hoje cinco de outubro... No dia vinte e seis de janeiro celebra-se auto publico da fé. Sahirão ambas reconciliadas n'esse dia, se até então não apparecerem provas aggravantes. Está vossa mercê authorisado a poder-lh'o revelar, visto que sem minha authorisação já por lá andou. Foi muito notoria a prisão: não tenho remedio senão fazer o que faço.

—Quatro mezes!—exclamou o alcaide.

Parece que se espanta!?—disse o inquisidor, sorrindo.

No dia seguinte, Sára e Leonor recebiam a boa nova por uma carta do alcaide. Logo depois receberam as suas bagagens, e licença para mandarem comprar os alimentos que lhes aprouvesse.

Divulgou-se a infamia do denunciante. Era o alcaide o propalador. A conjuração formada contra elle deu de si um perseguirem-n'o com chufas e apódos tão pungentes que o homem, ao fim de quinze dias, saíu de Valladolid a esconder a sua ignominia. O alcaide, porém, não era sujeito que se contentasse com o desterro do villão. Descobriu-o no esconderijo d'uma quinta a duas leguas distante da cidade. Lá mesmo lhe fez zumbir os apupos do gentio desbragado a quem elle estipendiava e largo tempo sustentou na sua missão justiceira que disparou em desconcertarem as faculdades intelligentes do infausto refugiado. O mercador, passados annos, aca-

Digitized by Google

bou sua vida n'uma casa de orates. Das perversas qualidades que tivera, uma só sobrevivera a perda da razão d'este homem, a que eu não dei nome, porque lh'o não encontrei nos apontamentos subsidiarios d'esta narrativa. A perversidade sobrevivente foi lembrar-se elle até á ultima hora da judia, que o sandeu sanguinario esperava sempre vêr na fogueira.

No auto publico da fé celebrado na egreja de S. Pedro da cidade de Valladolid, em vinte e seis de janeiro de 1727 sairam livres e *reconciliadas por culpas de judaismo,* dizia a rubrica da lista, Maria de Carvalho, natural de Lisboa, de idade de quarenta e sete annos, e Leonor Maria de Carvalho, natural da Covilhã, de Portugal, de idade de quatorze annos.

A' saida do carcere as duas senhoras encontraram, como companheiros para Portugal, o velho Diogo de Barros, tio de Jorge, e Francisco Xavier de Oliveira, o galhardo mancebo que as quizera salvar.

—E o nosso amigo Antonio José da Silva?—perguntou a amiga de Lourença Coutinho.

—Está livre—disse Francisco Xavier d'Oliveira.—Apenas lhe quebraram os dedos na tortura.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

Digitized by Google

# WIDENER LIBRARY

Harvard College, Cambridge, MA 02138: (617) 495-2413

**If the item is recalled, the borrower will be notified of the need for an earlier return. (Non-receipt of overdue notices does not exempt the borrower from overdue fines.)**

WIDENER

SEP 11 2006

BOOK DUE

***Thank you for helping us to preserve our collection!***

Digitized by Google

# Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

## VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

## LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

## Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 240 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel.
Preço de cada volume 200 rs. brochado, ou 300 rs. elegantemente encadernado em percalina.
Para as provincias accresce o porte do correio, 20 réis cada volume

### Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de Mariano Level.
4 — A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — Esgotado.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — As batalhas da vida, por Guiomar Torrezão.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Em segredo, trad. de M. de Sequeira.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — A cruz de brilhantes, por A. Campos.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — O mysterio da estrada de Cintra, por Eça de Queiroz e R. Ortigão.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.

Digitized by Google

30 e 31 — Amor á antiga, por Caïel.
32 — As netas do Padre Eterno, por A. Pimentel.
33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — A flôr sêcca, por P. Chagas.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves.
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.

Digitized by Google

# OUTRAS OBRAS

## Azevedo (Domingos de)

Diccionario (Grande) contemporaneo francez-portuguez e v. v. No prelo a 2.ª edição, muito correcta e extremamente augmentada, enc. 12$000 rs.
Grammatica da lingua franceza, enc. 900 rs.
Grammatica Nacional, para aprender portuguez sem mestre, enc. 15$00 rs.
Lições praticas de conversação franceza, enc. 400 rs.
Ollendorff aperfeiçoado para aprender francez sem mestre, (2 vol.) enc. 2$500 rs.

## Carvalho (D. Maria Amalia Vaz de)

Ao correr do tempo, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Arte de viver na sociedade, br. 1$000 rs., enc. 1$400 rs.
Aventura de um polaco, (2 vol.), br. 400 rs., enc. 600 rs.
Cartas a uma noiva, br. 700 rs., enc. 900 rs.
Cerebros e corações, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Chronicas de Valentina, br. 700 rs., enc. 900 rs.
Coisas d'agora, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Contos e phantasias, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Em Portugal e no estrangeiro, br. 800 rs., enc. 1$100 rs.
Figuras de hoje e de hontem, br. 600 rs , enc. 800 rs.,
Heroismo do clero, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Impressões de historia, br. 600 rs., enc. 800 rs.
No meu cantinho, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Nossas filhas, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Pelo mundo fóra, br. 500 rs., enc. 700 rs.
Raphael, trad. de Lamartine, (ed. de luxo), enc. 3$200 rs.

## Pinto (Silva)

(Collecção d'Algibeira)

**A 500 rs. br. e 700 rs. enc.**

A queimar cartuchos.
A torto e a direito.
Ao correr do pello.
Entre nós.
Frente a frente.
Moral de João Braz.
Mundo (O) furta-cores.
Na Procella.
Na travessia.
N'este valle de lagrimas.
No colyseu.
No mar morto.
Para o fim.
Philosophia de João Braz.
Por este mundo.
Riso amarello.
Rompendo o fogo.
Velha historia.

## Queiroz (Dr. Teixeira de)

Amores... amores... br. 600 rs., enc. 800 rs.
Arvoredos, br. 800 rs., enc. 1$000 rs.
Cantadeira (A) br. 600 rs., enc. 800 rs.
Caridade (A) em Lisboa (2 vol.), br. 1$000 rs., enc. 1$400 rs.
Cartas d'amor, br. 600 rs., enc. 800 rs.
D. Agostinho, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Morte de D. Agostinho, br. 600 rs., enc. 800 rs.
Noivos (Os) (2 vol.), br. 1$000 rs., enc. 1$400 rs.
Nossa (A) gente, br. 500 rs., enc. 700 rs.
Sallustio Nogueira (2 vol.), br. 1$000 rs., enc. 1$400 rs.

Digitized by Google

PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
OFFICINAS
TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
MOVIDAS A ELECTRICIDADE
44 a 54 - Rua Augusta - 44 a 54
LISBOA

Digitized by Google